

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

HELENA EDILAMAR RIBEIRO BUCH

**CATADORES DE RETORNÁVEIS (LIXO) E (IN)VISIBILIDADE SOCIAL:
DIMENSÕES PSICOSSOCIAIS E EDUCATIVAS**

CURITIBA
2015

HELENA EDILAMAR RIBEIRO BUCH

**CATADORES DE RETORNÁVEIS (LIXO) E (IN)VISIBILIDADE SOCIAL:
DIMENSÕES PSICOSSOCIAIS E EDUCATIVAS**

Tese apresentada para o Programa de Pós - Graduação em Educação, na Linha de Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação
Orientação: Prof.^a Dra. Maria de Fátima Quintal de Freitas.

CURITIBA

2015

Catálogo na publicação
Vivian Castro Ockner – CRB 9ª/1697
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Buch, Helena Edilamar Ribeiro
Catadores de retornáveis (lixo) e (in)visibilidade social: dimensões
psicossociais e educativas. / Helena Edilamar Ribeiro Buch. – Curitiba,
2015.
153 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Quintal de Freitas
Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação
Universidade Federal do Paraná.

1. Educação social – catadores de lixo – aspectos sociais.
2. Cidadania – reciclagem – política social. 3. Catadores de lixo –
exclusão social – aspectos psicossociais. I. Título.

CDD 363.7282



DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que **HELENA EDILAMAR RIBEIRO BUCH** concluiu o Curso de Doutorado na linha de pesquisa Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, tendo apresentado dia 30 de julho de 2015, às 14h30, defesa oral da Tese intitulada “**CATADORES DE RETORNÁVEIS (LIXO) E (IN)VISIBILIDADE SOCIAL: DIMENSÕES PSICOSSOCIAIS E EDUCATIVAS**”. Declaro, ainda, que, de acordo com o contido na Ata e Parecer, a Comissão Julgadora deliberou aprová-la por unanimidade de votos, opinando pela concessão do **Título de Doutora em Educação**. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, 30 de julho de 2015.

Profª. Drª. Monica Ribeiro da Silva
Coordenadora do PPGE

Profª. Dra. Monica Ribeiro da Silva
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação
Matrícula: 125750



PARECER

Defesa de Tese de Helena Edilamar Ribeiro Buch para obtenção do Título de DOUTORA EM EDUCAÇÃO. Os abaixo assinados, Prof.^a Dr.^a Denise de Camargo, Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Antunes, Prof. Dr. Mauricio Wisniewski, Prof.^a Dr.^a Berenice Marie Ballande Romanelli, arguiram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Tese: "CATADORES DE RETORNÁVEIS (LIXO) E (IN)VISIBILIDADE SOCIAL: DIMENSÕES PSICOSSOCIAIS E EDUCATIVAS".

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está Apta ao Título de DOUTORA EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Prof. ^a Dr. ^a Denise de Camargo		Aprovada
Prof. ^a Dr. ^a Maria Cristina Antunes		Aprovada
Prof. Dr. Mauricio Wisniewski		Aprovada
Prof. ^a Dr. ^a Berenice Marie Ballande Romanelli		Aprovada

Curitiba, 30 de julho de 2015.

Prof.^a. Dr.^a. Monica Ribeiro da Silva
Coordenadora do PPGE

Prof.^a. Dra. Monica Ribeiro da Silva
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação
Matrícula: 125750

Dedicatória

Ao pequeno Henrico meu primeiro neto, pelo incentivo do sorriso alegria e
vivacidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, e a Meishu-Sama, luz na minha caminhada, na busca do aperfeiçoamento profissional.

À orientadora, Prof. Dra. Maria de Fátima Quintal de Freitas por sua amizade, pela dedicação, partilha, sabedoria, paciência, colaboração e empenho.

À minha família pela paciência e compreensão, especialmente ao meu marido Victor, as minhas filhas, Ana Célia e Vanessa, meus genros, Murilo e Diego.

Aos amigos, Lygia, Elaine, Amailson, que estiveram presentes nos momentos deste percurso.

As queridas funcionárias do PPGE, Sandra, Cintia, sempre atenciosas, solícitas e carinhosas

As Professoras, Dra. Denise Camargo, Dra. Berenice Romanelli, Dra. Maria Cristina Antunes e ao professor Dr. Mauricio Wisniewski, pelas contribuições, sugestões na banca de qualificação e/ou de defesa deste trabalho.

RESUMO

Embora a coleta de lixo seja necessária à vida do ambiente urbano na sociedade de consumo, os catadores que sobrevivem do que é considerado lixo trabalham na informalidade, ignorados e identificados pela função que executam sem reconhecimento; são isolados como ilhas, invisíveis socialmente. No presente estudo buscou-se estudar os aspectos da invisibilidade social, vivida pelos catadores de lixo em seu cotidiano, através de algumas dimensões relativas aos impactos psicossociais que essa condição traz para eles e a possibilidades da educação contribuir para mudanças. Estrutura-se o trabalho em aportes de três campos, um ligado as desigualdades sociais e territorialidades derivadas, em parte, do campo da Geografia, com autores como Santos (2003; 2008; 2009) e Josué de Castro (1984), outro ao da Psicologia Social Comunitária, dentro de uma proposta de conscientização e participação comunitária, com autores como Freitas (2003; 2005; 2008) e Lane (1981; 2001); e dimensão educativa com a proposta de educação conscientizadora apoiada na Filosofia, com base teórica em Paulo Freire (1987; 1996; 2000). Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica apoiou-se nas publicações relativas a essa problemática dos catadores divulgadas em periódicos especializados (na base de dados SciELO) e nas teses e dissertações (das bibliotecas digitais de teses e dissertações de domínio público e Capes). Procedeu-se a seleção desse material, sua sistematização e análise de conteúdo, tendo sido identificados cinco eixos temáticos relativos às condições de vida, caracterização, riscos de saúde e vida, identidade e imaginário ligado ao lixo, e redes de apoio psicossocial. A análise qualitativa dos materiais e conteúdos sistematizados permitiu compreender algumas dimensões que acompanham os catadores em seu trabalho diário e em sua vida cotidiana. Assim, detectou-se a importância da realidade vivida por eles e os significados atribuídos em sua rede de relações. Identificaram-se algumas faces da vida dos catadores, como: a pobreza, exposição e riscos à vida, o trabalho clandestino, informal e sem vínculos empregatícios, a apatia e conformismo com a sua realidade, a convivência com preconceitos e estigmas de exclusão social, e a freqüente baixa escolaridade. Os resultados mostram que os catadores são verdadeiros guerreiros solitários, lutadores que encontram no lixo o trabalho e a força para sobreviver, e nesse ambiente constroem um espaço para trabalhar com honestidade. Por último, acredita-se que a educação e as relações comunitárias poderiam fazer a diferença para determinar ou auxiliar a melhoria de acesso ao trabalho, construindo estratégias para enfrentar as adversidades em que vivem, revertendo os efeitos da invisibilidade no processo de exclusão social dos catadores.

Palavras-chave: catador de lixo, educação, invisibilidade social, exclusão,

ABSTRACT

Although scavenging garbage whether necessary environment life urban consumer society, Scavengers that survive of what is considered trash work for informality, ignored and identified by the function that they performed without recognition; they are isolated like islands, socially invisible. In the present study we search for studying aspects of social invisibility experienced by garbage collectors in their daily lives, through some dimensions related to psychosocial impacts that this condition brings them and the possibilities of education contribute to changes. Structured work in three fields contributions, a connected social inequalities and territoriality derived in part from the Geography field, with authors such as Santos (2003 ; 2008; 2009) and Josué de Castro (1984), another to the Community Social psychology inside a proposal awareness and community participation, with authors like Freitas (2003 ; 2005; 2008) and Lane (1981 ; 2001) ; and educational dimension to the proposed awareness education supported in Philosophy, with theoretical basis of Paulo Freire (1987 ; 1996; 2000) . Because it is literature leaned in publications concerning this problem of scavengers disclosed in professional journals (in SciELO data base) and the theses and dissertations (digital library of theses and dissertations in the public domain and Capes). Proceeded to the selection of the material, its systematization and content analysis, were identified five themes for the living conditions, characterization, risk health and life, identity and imagination on the trash, and psychosocial support networks. Qualitative analysis of materials and systematized content allowed understand some dimensions that accompany the collectors in their daily work and in their everyday life. Thus, it detected the importance of reality experienced by them and the meanings assigned in your network of relationships. They identified some faces of the lives of scavengers, such as poverty, exposure and risk to life, moonlighting, informal and without employment contracts, apathy and conformism with their reality, living with prejudice and stigma, social exclusion, and the low frequent schooling. The results show that the collectors are true lone warriors, fighters who are in the trash work and the strength to survive in this environment and build a space to work honestly. Finally, it is believed that education and community relations could make a difference to determine or assist the improvement of access to work, building strategies to face adversity in which they live, reversing the effects of invisibility in the process of social exclusion of collectors.

Key – words: garbage collector, education, social invisibility, exclusion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vista aérea da cidade de União da Vitória	30
Figura 2 – Vapor carregado de pinho, e de Branquilha usado como combustível dos vapores	31
Figura 3 – Vapor Eureka no rio Iguaçu.....	32
Figura 4 – Estrada de Ferro S P – RS inaugurada-1910. Itararé a Santa Maria.	35
Figura 5 – Imbuía existente na região propriedade da LUMBER.	36
Figura 6 – Mapa da região do conflito	38
Figura 7 – Sertanejos - heróis, matadores ou vítimas da Guerra do Contestado	39
Figura 8 – Guardas de segurança da Lumber.....	40
Figura 9 – Grupo de soldados Federais na Guerra do Contestado.....	42
Figura 10 – Extração de Areia da margem do Rio Iguaçu.....	44
Figura 11 – Enchente do Rio Iguaçu em União da Vitória, 7 e 8 de junho 2014 atingiu 52.616 pessoas, 3 mil residências foram danificadas.....	46
Figura 12 – Enchente em União da Vitória 2014 Ponte Machado Costa	47
Figura 13 – Depois da enchente em União da Vitória, 20 de junho de 2014 Avenida Manuel Ribas	49
Figura 14 – Mapa de localização do município de União da Vitória-PR.....	55
Figura 15 – Linha do Tempo – Marcas relevantes das características socioeconômicas em União da Vitória	56
Figura 16 – Catador acompanhado Rua: Frei Policárpio em União da Vitória-PR	124
Figura 17– Catador na coleta diária. Rua Prof. Amazília. União da Vitória	125
Figura 18– Moradia de catador Av. Bento Munhoz da Rocha Neto, União da Vitória.	126
Figura 19 – Moradia de catador na área de enchente. Rua Joaquim César de Oliveira. União da Vitória.....	127

Figura 20 – Riscos vividos pelos catadores, travessia da Ponte Manuel Ribas União da Vitória-PR.	130
Figura 21 - Vila Coradin, Comunidade do Bairro Rio D' Areia- União da Vitória	136
Figura 22 - Pólo de separação do material coletado pelo Projeto Ecocidade, cooperados da Coopertrage.....	137

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Panorama de pesquisa sobre Catadores de lixo, em Cursos de Mestrado e Doutorado.....	58
Quadro 2 - Panorama de pesquisa sobre Catadores de lixo, em artigos.	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CORPRERI	Comissão Regional Permanente de Prevenção Contra Cheias do Rio Iguaçu
FMI	Fundo Monetário Internacional
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisas Aplicadas
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
OMC	Organização Mundial do Comércio
PR	Paraná
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SEC	Sociedade de Estudos Contemporâneos
SP	São Paulo
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
PARTE I	
UM OLHAR SOBRE A GLOBALIZAÇÃO E POBREZA - DO INTERESSE GLOBAL AO LOCAL	21
1.1 UM PEQUENO RECORTE DOS ELEMENTOS HISTÓRICOS GEOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO DE UNIÃO DA VITÓRIA	29
1.1.1 A ocupação dos pioneiros e a navegação no Iguaçu	30
1.1.2 A construção das ferrovias e exploração da madeira	33
1.1.3 O conflito pela posse de terras	37
1.1.4 Exploração de areia.....	44
1.1.5 O dramático fenômeno das enchentes do Rio Iguaçu em União da Vitória	45
1.1.6 Os efeitos da descaracterização do meio rural e da eclosão do subemprego, caso dos catadores de lixo reciclável em União da Vitória	50
PARTE II	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	55
2.1 TEMA INVESTIGADO EM DISSERTAÇÕES E TESES	57
2.2 TEMA INVESTIGADO EM ARTIGOS	62
PARTE III	
VIDA DE CATADOR.....	69
3.1 PRIMEIRO EIXO: CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DOS (AS) CATADORES (AS).....	69
3.2 SEGUNDO EIXO: MODO DE VIDA E LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA	80
3.2.1 Um pouco da história do modo de vida da catação de resíduos ou lixo	80
3.2.2 O trabalho do catador de lixo reciclável na contemporaneidade	84
3.2.3 Modo de vida e as relações com a escola	87
3.3 TERCEIRO EIXO: RELACIONAMENTOS FAMÍLIA E REDES DE CONVIVÊNCIA	89
3.4 QUARTO EIXO RISCOS À SAÚDE E À VIDA EM SEU COTIDIANO	95
3.5 QUINTO EIXO: IDENTIDADE SOCIAL E IMAGINÁRIO LIGADO AO LIXO	106

3.5.1 Reflexões sobre educação para a liberdade.	111
---	-----

PARTE IV

CONEXÕES COMUNITÁRIAS E EDUCACIONAIS NO COTIDIANO DOS CATADORES DE LIXO.....	114
---	------------

PARTE V

ALGUMAS FACES SOBRE OS CATADORES E SUA INVISIBILIDADE SOCIAL.....	123
--	------------

5.1 PRIMEIRA FACE: A POBREZA E A BAIXA ESCOLARIDADE DOS PAIS	123
--	-----

5.2 SEGUNDA FACE: PROPOSTAS DE ATIVIDADES VOLTADAS AOS PROCESSOS DE CONSCIENTIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA	126
--	-----

PARTE VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS - O OLHAR DO CATADOR PARA A PAISAGEM (DES) HUMANIZADA DA CIDADE	129
---	------------

6.1 QUEM SÃO OS CATADORES?	129
----------------------------------	-----

6.2 DESAFIOS VIVIDOS.....	131
---------------------------	-----

6.3 VIVER COMO ILHAS NAS RUAS.....	132
------------------------------------	-----

6.4 QUESTIONAMENTOS INICIAIS DO TEXTO	133
---	-----

CONCLUSÃO – CATADORES: GUERREIROS SOLITÁRIOS.....	135
--	------------

REFERÊNCIAS.....	139
-------------------------	------------

APÊNDICE 1 - PANORAMA DA PESQUISA INVESTIGADA NO JORNAL COMÉRCIO EM UNIÃO DA VITÓRIA, PR	150
---	------------

INTRODUÇÃO

Com o crescimento desordenado das cidades e a urbanização predominante na maioria dos países em desenvolvimento, a forma de vida urbana capitalista tem favorecido o consumo e o acúmulo de resíduos do modo de viver da sociedade globalizada (AMATUCCI; AVRICHIR, 2008; AMODIO, 2006; BOSI, 2008; CAPRA, 2005; SANTOS, 2004, 2008, 2009). As pessoas que não tiveram oportunidade de escolarização, e muitas vezes falta de oportunidade para qualificação profissional, encontram como opção o subemprego. Entre algumas alternativas está o trabalho com o lixo, expondo-se ao contato com bactérias, objetos perfurantes, e também a toxinas quimicamente nocivas à saúde humana; pode-se dizer, nesta situação, que o odor derivado desse trabalho no lixo acaba por impregná-los de tal modo que também reforça esta exclusão, ou ao menos fortalece uma distância social física. Somados a isto destacam – se alguns efeitos psicossociais da exclusão econômica, expressados no ficar à margem do convívio social, sendo estas pessoas tratadas como párias nos níveis de interação social. Pode-se dizer que a falta de oportunidade de trabalho expõe parte da população a uma situação de descaso social, pelo fato delas terem de buscar sobrevivência nos restos e sobras encontrados nos locais de descarte de lixo. Este trabalho tem como proposta estudar a invisibilidade social dos catadores de lixo procurando discutir alternativas na vida dessas pessoas, em termos de possibilidades de educação em espaços não formais e de encontro e fortalecimento de redes de convivência solidária e colaborativa. Os aportes teóricos que guiam este estudo estão baseados em três dimensões: a) na dimensão das desigualdades sociais e territorialidades derivadas, em parte, do campo da Geografia, com autores como Milton Santos (2003, 2008, 2009) e Josué de Castro (1984); b) no campo da psicologia social comunitária, dentro de uma proposta de conscientização e participação comunitária, com autores como Freitas (2003, 2005, 2008, 2014) e Lane (1981, 2001); e c) na dimensão educativa com a proposta de educação conscientizadora apoiada na filosofia de Paulo Freire (1987, 1996, 2000). O trabalho realizou-se em duas etapas. A primeira relativa à revisão e levantamento das pesquisas realizadas junto ao contexto e dinâmicas dos catadores de lixo, com a finalidade de identificar problemas vividos por eles e

seus impactos na vida cotidiana. Acrescente-se, ainda, o aporte teórico de autores e abordagens em que foram sistematizadas e reunidas as referências teóricas que permitirão analisar os impactos, na vida cotidiana e nas relações estabelecidas, desse vivido no e do lixo e desse deambular pelas ruas da cidade buscando modos de sobrevivência e de existência psicossocial. A segunda etapa refere-se à análise das informações presentes nos artigos e teses e dissertações sobre os próprios catadores em seu trabalho de deambulação diário. Através de uma análise de conteúdo, depois da sistematização e aglutinação das unidades semânticas, foram identificadas cinco categorias presentes nos artigos e teses/dissertações que serviram de base para compreender algumas dimensões psicossociais da vida desses catadores. Simultaneamente, registraram-se em diário de campo algumas observações sobre o trabalho de deambulação de catadores, pelas ruas de União da Vitória. Foram também recolhidos materiais como jornais e fotos relativas ao registro do trabalho dessas pessoas.

O contexto histórico de União da Vitória-PR foi marcado pela exploração da madeira de araucária de forma insustentável, que esgotou este recurso natural gerando conflitos e empobrecimento das atividades e modo de vida no campo, desencadeando o êxodo rural. Esta população com pouco ou nenhuma escolaridade para as exigências do mercado de trabalho encontrou saída no subemprego.

Outro agravante são os fenômenos climáticos cíclicos, com elevação acentuada de pluviosidade que provoca enchentes que assolam a região, alagando principalmente a área urbana da cidade que se encontra sitiada em um vale formado pelo rio Iguaçu. As enchentes refletem negativamente no erário público, levam à falência muitas empresas de pequeno e médio porte, multiplicando o desemprego. Diante disso, a opção do trabalho com lixo surgiu como alternativa, uma vez que não apresenta determinações eliminatórias para o seu ingresso. Compreender o trabalho dos catadores de União da Vitória, como vivem e sobrevivem, tem gerado reflexões sobre as relações sociais neste espaço geográfico, relacionado ao empobrecimento da vocação econômica do lugar, ligado ao extrativismo vegetal que favoreceu a imersão das disparidades sociais neste espaço regional onde nos encontramos. Algumas dessas características são: analfabetismo, analfabetismo funcional,

fome, a falta de infraestrutura nos lugares onde os catadores vivem dependência econômica, informalidade da profissão, falta de moradias ou residência em moradias inadequadas em área de risco. Neste sentido, Castro (1984) descreve que, no Brasil, a vocação para exportação, focada no extrativismo vegetal a baixo custo, não forneceu recurso para atender as necessidades da população, e a geografia da fome foi se disseminando.

O analfabetismo e o analfabetismo funcional inibem as reações por uma vida mais digna e travam as expectativas de melhoria de vida e inserção social, porém acreditamos que a educação pode colaborar para libertar dessa realidade de opressão social, através do diálogo focado na problematização, na prática, na realidade. Baseando-se em Paulo Freire (1987), entende-se que o diálogo educativo não é neutro e que pode possibilitar relações positivas entre catadores e moradores da cidade de União da Vitória, no sentido de serem aceitos e vistos como profissionais. Nesta perspectiva, Freitas (2014, p.137) descreve que “o campo da educação se constitui em um contexto base para a construção de uma cultura pró-cidadania e direitos humanos nas relações comunitárias”. Dos estudos de Guimarães et al. (2003) e de Santos e Silva (2011) entende-se que a escolaridade inclui ou exclui do mercado formal de trabalho, bem como o analfabetismo e anos de estudo são indicadores de inclusão social; e no mercado de trabalho, o desemprego ou a falta de oportunidade estão relacionados à falta de escolaridade, o que acaba fechando as portas no mercado de trabalho.

Tendo em vista essas considerações e o compromisso entre o conhecimento científico e a possibilidade de construir programas de ação comunitária com essas pessoas é que a presente pesquisa está dirigida à vida dos catadores de lixo e aos impactos dessa invisibilidade social, que têm sido retratados na literatura especializada, em artigos e trabalhos de pós-graduação. Desta forma, a fim de compreender essa dinâmica na perspectiva psicossocial, educacional e comunitária, este trabalho tem como objetivo geral: analisar os aspectos da invisibilidade social vivida pelos catadores expressos na literatura especializada. Os objetivos específicos são: a) caracterizar os(as) catadore(a)s de lixo nos aspectos sociodemográficos, familiares, em suas atividades laborais e condições de saúde; b) descrever o modo de vida que possuem e as estratégias que utilizam para lutar por sua sobrevivência; c)

descrever os riscos à saúde e à vida que enfrentam em seu cotidiano; d) identificar as dimensões importantes presentes no processo de construção de sua identidade social como catadores de lixo; e e) identificar as redes de convivência e suporte psicossocial que os (as) catadore(a)s têm em suas vidas.

Para sua apresentação, a presente tese está organizada em três partes:

Na primeira parte apresenta-se uma visão sobre a globalização, alienação e pobreza - interesse global ao local. Nesta primeira parte é desenvolvida uma pequena reflexão sobre a globalização da economia no favorecimento a grupos comerciais, incentivando o consumo e potencializando formas de exclusão social dos que não podem consumir/comprar. Isto aparece relacionado à discussão sobre os excedentes de bens não duráveis que resultaram em grandes quantidades de descartáveis, propiciando o aparecimento do trabalho informal ligado à coleta e separação dos materiais vinculados ao lixo (AMATUCCI; AVRICHIR, 2008; AMODIO, 2006; BOSI, 2008; CAPRA, 2005; SANTOS, 2004, 2008, 2009). Na sequência, ainda nesta primeira parte, são apresentados alguns elementos históricos geográficos do município de União da Vitória: os ciclos econômicos e as condições de trabalho e subsistência dos moradores. O desenvolvimento de União da Vitória-PR pode ser identificado em três fases temporais, intimamente ligado às interferências das enchentes do rio Iguaçu. Essas fases são: a) a ocupação dos pioneiros, ligada ao ciclo da navegação; b) a construção das ferrovias pela Southern Brazil Lumber and Colonization Company (LUMBER), multinacional para explorar os pinhais existentes na região dos vales dos rios Negro, Iguaçu, Timbó, Peixe e Canoinhas, o que deu ênfase a guerra do contestado; e c) a extração de areia (BUCH, 2007; FAGUNDES; RIBAS, 2002; FRAGA, 2010; GASPARI, 2011; LANGE, 2005; LAZIER, 1985; MELO, 2001; PIAZZA, 2002; RIESEMBERG, 1989; SILVA, 1933; THOMÉ, 1992; TUCCI, 1997).

SEGUNDA PARTE: Vida cotidiana de catador.

A segunda parte refere-se ao levantamento bibliográfico relativo às pesquisas e publicações sobre os(as) catadore(a)s de lixo. O período selecionado para pesquisa foi de 2000 a 2014, estando tais publicações relacionadas aos catadores de lixo, nas várias dimensões da vida e atividades cotidianas. Foram encontrados cinco eixos temáticos derivados da análise de conteúdo sobre os seguintes tópicos:

a) Primeiro Eixo: características sociodemográficas dos (as) catadore(a)s:

(NUNES, 2012; FERRAZ; GOMES, 2012; PAIXÃO, 2005; FEITOSA, 2005; PORTO *et al* 2004; SEVERO, 2008; JUNCÁ, 2004; GONÇALVES, 2005; MEDEIROS; MACEDO, 2006; MACIEL,*et al* 2011; VELLOSO, 2005,2008; CARMO, 2009; NUNES, 2012; CHAVES, 2011; SOUSA, 2007; KIRCHNER, SAIDELLES E STUMM, 2009; SANTOS; SILVA, 2011,SILVA, 2006; SOSNISKI, 2006; BOSI, 2008; PEREIRA; TEIXEIRA, 2011; CHAVES,2011;FEITOSA, 2005; SILVA ; RIBEIRO 2008; VASCONCELOS, 2008).

b) Segundo Eixo: modo de vida e luta pela sobrevivência:

(HISATUGO, 2007; SILVA, 2006, VELLOSO, 2005, 2008; MEDEIROS; MACEDO, 2006; CASTRO, 2012; PORTO *et al.*2004; SOSNIKI,2006; MIURA, 2004; JACOBI; BESEN, 2011; CYNAMON; MONTEIRO,1985; SIQUEIRA; MORAIS, 2009; CUNHA,2010; MELO *et al.* 2007; OLIVEIRA, 2006; BAEDER 2009).

c) Terceiro Eixo: relacionamentos e redes de convivência:

(LEONE, MAIA E BALTAR, 2010; MACIEL, 2012; JUNCÁ, 2004, 2001; PORTO *et al.*, 2004; CHAVES, 2011; VELLOSO, SANTOS E ANJOS 1997, SANTOS ,SILVA 2011; CARMO,2009; FERRAZ E GOMES 2012; MEDINA, 2007; VELLOSO, 2005; MEDEIROS E MACEDO 2006; SIQUEIRA; MORAES, 2009.)

d) Quarto Eixo: riscos a saúde e vida dos catadores de lixo:

(SILVA, 2006; GONÇALVES, 2004; GAZZINELLI *et al.* 2001; PORTO *et al.* 2004; RÊGO; BARRETO; KILLINGER, 2002; GUIMARÃES *et al.*, 2003; MORAES; SIQUEIRA, 2007; SANTOS; SILVA,2011;RÊGO; BARRETO; KILLINGER,2002; ACSELRAD, 2006; PEREIRA,1998; SILVA; PINHEIRO, 2010; JACOBI, 2012; ROZMAN *et al.* 2010; VELLOSO *et al.* 1997; ANJOS; FERREIRA, 2000; LAZZARI; REIS, 2011; MEDEIROS; MACEDO, 2006; VASCONCELOS *et al.*, 2008; RÊGO, BARRETO, KILLINGER, 2002; SANTOS, SILVA, 2011;

FERRON, SALDIVA ,GOUVEIA , 2012; MABUCHI *et al.* 2007; ROZMAN *et al.*,2008).

- e) Quinto Eixo: identidade social e imaginário social ligado ao lixo: (SOUSA; MENDES, 2006; OLIVEIRA, 2006; DALL'AGNOL; FERNANDES, 2007; MIURA; SAWAIA, 2013; CARMO, 2009; MORAIS, 2013; BOSI, 2008; CUNHA, 2011; PEREIRA, 2012; BARBOZA, 2008;

Na terceira parte da estrutura da tese ha as conexões comunitárias e educacionais no cotidiano dos catadores de lixo. Esta terceira parte busca relacionar algumas dimensões comunitárias presentes no cotidiano dos (as) catadore(a)s de lixo, e como poderiam ser construídas formas de educação popular que fortalecesse formas de participação dessas pessoas na busca de melhoria de vida. (FREIRE, 1987, 1996, 2000; FREITAS, 1996, 1994, 2002, 2003, 2005, 2008, 2014; LANE, 1981, 2001).

PARTE I

UM OLHAR SOBRE A GLOBALIZAÇÃO E POBREZA: DO INTERESSE GLOBAL AO LOCAL

As relações comerciais e sociais, mesmo nos espaços regionais, contêm as relações globais com seus problemas e soluções a qualquer preço; não se isolam, mas refletem e desencadeiam consequências e reações no espaço regional num complexo processo, que segue continuamente avançando. Sofrem os efeitos de propostas de desenvolvimento que priorizam a economia, e não a sociedade, deixando à margem os interesses sociais. Desta forma, na análise de Santos (2008, p.18), “existe um acirramento das desigualdades entre países e entre classes sociais assim como da opressão e desintegração do indivíduo”.

Nesta primeira parte desenvolveu-se uma pequena reflexão sobre a globalização da economia que favoreceu grupos comerciais estrangeiros promovendo conflito e formas de exclusão social, refletindo-se no desenvolvimento econômico de União da Vitória, região de estudo. Isto aparece relacionado aos ciclos econômicos com explorações dos recursos naturais a qualquer preço, priorizando-se empresas estrangeiras e grupos, relegando a um segundo plano o percurso histórico, geográfico e econômico do lugar. No estado do Paraná, esta é uma região configurada como pobre socialmente e em infraestrutura, com baixa oferta de emprego, e aponta no subemprego informal uma forma de ingresso no mercado de trabalho, como por exemplo, o ligado à coleta e separação de resíduos numa proposta de sobrevivência.

Essa nova ordem mundial, caracterizada por um poderoso mercado mundial apoiado em novas tecnologias, que facilitaram aproximações quase instantâneas, encurtando distâncias continentais e misturando experiências, também igualaram produtos, visando controlar vendas, promovendo expansão do capital sem limites de fronteiras, organizando grupos com interesses comuns nas produções em massa, descaracterizando as individualidades inerentes a cada região geográfica. Neste sentido, em sua liderança o Papa João Paulo II destacou, em 27 de abril de 2001:

A globalização não deve ser a nova versão do colonialismo. O mercado impõe seu modo de pensar e atuar ao mostrar sua escala de valores sobre o comportamento. As mudanças na área tecnológica e nas relações de trabalho estão por demais rápidas, para que haja uma reação das culturas. É necessário proteger os estilos de vida e as diferentes culturas, na mesma velocidade em que desaparecem as fronteiras mundiais dos negócios e do comércio. A globalização gradativamente ameaça destruir essas estruturas cuidadosamente construídas, impondo a adoção de novos estilos de trabalho, de vida e de organização comunitária. A ética é uma salvaguarda de tudo o que é humano. É preciso buscar normas éticas, se quisermos que a globalização não seja somente outro nome para o relativismo dos valores e do igualitarismo dos estilos de vida e de cultura (AMODIO, 2006, p.75)

Essa globalização que propicia a uniformidade de ordem cultural, política, econômica e social provocou sensíveis modificações no modo de ser e habitar o mundo estimulou o consumo e em muitos lugares, padronizou a imagem das cidades. Destacamos também que viver em tempos de globalização tem caracterizado uma realidade demonstrada nos inúmeros registros de violência, paralela à desordem social promovida pelo capitalismo excludente, que concentra poder e lucro nas mãos de uma minoria, criando uma idéia subjetiva de igualdade embora a realidade seja oposta e caracterizada pela má distribuição de bens e recursos. A globalização da economia mundial aumentou a pobreza e a desigualdade social, por meio do processo de exclusão social das populações e territórios, distinguindo regiões de investimento de regiões que não despertam interesses financeiros. Em decorrência dessa exclusão social, certos segmentos da sociedade, certos bairros e até países inteiros tornam-se irrelevantes do ponto de vista econômico.

A mundialização que se vê é perversa. Concentração e centralização da economia e do poder político, cultura de massa, cientificização da burocracia, centralização das decisões e da informação, tudo isso forma a base de um acirramento das desigualdades entre países e entre classes sociais assim como da opressão e desintegração do indivíduo (SANTOS, 2008, p.18)

A globalização e sua política financeira produziram avanços conforme interesses e vantagens de pequenos grupos, mas também retrocessos que afetam diretamente a população carente, o mercado e as relações de trabalho,

diminuindo o emprego, aumentando a pobreza. Podemos dizer que a mesma globalização dos produtos com tecnologia avançada trouxe conforto e melhoria de vida para as pessoas, mas reduziu os postos de trabalho. A procura de mão de obra qualificada aumentou, mas em contrapartida diminuiu para aqueles sem o preparo necessário, refletindo-se no desemprego, na baixa remuneração, na informalidade.

Com o crescimento populacional e das novas tecnologias houve estímulo tecnológico visando à produção de bens de consumo não duráveis, estimulando o desenvolvimento de tecnologias e da produção em quantidade para competir no mercado regional e no comércio mundial. Para viver num mundo moldado pelas novas tecnologias, com estruturas sociais ditadas pela economia de consumo em uma cultura incentivada a comprar sempre o novo e o moderno, vai-se classificando a população entre aqueles que consomem tecnologias e os que não podem comprá-la, porém a evolução dessa tecnologia e suas extraordinárias mudanças aliadas a um movimento aparentemente irresistível de compra, captado e percebido por milhões de pessoas, embasou e estimulou a liberdade comercial.

Com a criação da Organização Mundial do Comércio (OMC) em meados da década de 1990, a globalização econômica caracterizada pelo livre comércio foi exaltada pelos grandes empresários e políticos como uma nova ordem que viria a beneficiar todas as nações, gerando uma expansão econômica mundial cujos frutos acabariam chegando de forma desigual às pessoas, principalmente as mais pobres (CAPRA, 2005, p.141).

Entretanto, cada vez mais se percebe que as novas regras econômicas estabelecidas pela OMC são insustentáveis e resultam em inúmeras consequências que, ligadas entre si, propiciam a desintegração social, o fim da democracia, e também um consumo rápido dos recursos naturais, o surgimento e a disseminação de novas doenças e uma pobreza e alienação cada vez maiores. Na verdade o que estamos vivendo agora foi se preparando há muito tempo; a proposta de mundializar as relações econômicas, sociais e políticas começou com a extensão das fronteiras do comércio no princípio do século XVI, e avançou expandido o capitalismo para finalmente ganhar corpo neste momento em que presenciamos a influência da informática.

Universalização da mercadoria, dos preços e do dinheiro como mercadoria-padrão, universalização das finanças e das dívidas, modelo de utilização dos recursos por meio da utilização das técnicas, universalização do trabalho, isto é, do mercado de trabalho e do trabalho improdutivo, universalização do ambiente, das firmas, dos gostos, do consumo de uma racionalidade a serviço do capital, da ideologia mercantil, concebida no exterior, universalização do espaço tornado mundial, e do homem ameaçado por uma alienação total (SANTOS, 2008, p.15).

A mundialização a que assistimos é desumana, concentra e centraliza a economia e o poder político, e a cultura de massa forma e favorece as desigualdades entre classes sociais, assim como a opressão e desintegração de valores do indivíduo. Podemos assistir ao processo de exclusão social vendo as pessoas mergulhadas em dificuldades, sem trabalho remunerado, não tendo onde morar ou o que comer, dedicando-se a trabalhos temporários (bicos), trocando de emprego conforme as oportunidades.

As desastrosas consequências sociais da nova economia lançam nova luz sobre os vínculos sistêmicos que interligam todos esses problemas e constituem, no todo, uma crítica devastadora da nova ordem da globalização (CAPRA, 2005, p.151)

Existem regras econômicas do capitalismo global que são providas e fiscalizadas por três instituições financeiras globais: o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização Mundial do Comércio (OMC). O Banco Mundial foi criado para financiar a reconstrução da Europa no pós-guerra, e o FMI para garantir a estabilidade do sistema financeiro Internacional. O papel declarado da OMC é o de regulamentar o comércio, impedir as guerras comerciais e proteger os interesses das nações pobres, porém a OMC programa os mesmos princípios do Banco Mundial e do FMI, ao invés de proteger a saúde, a segurança, os meios de vida e a cultura dos povos. O que temos assistido na atuação das regras de livre comércio da OMC é um escamoteamento desses direitos humanos básicos a fim de consolidar o poder e a riqueza de uma pequena elite empresarial. Diante desta realidade acreditamos que a educação pode libertar da opressão social, através do processo dialógico, focado na problematização, na prática, na realidade. As disparidades são destacadas nos países pobres; nessa realidade, Paulo Freire (1987), em sua Pedagogia do Oprimido, argumentando a falta de democracia,

oportunidade e educação, afirma: “Toda educação é política, assim como toda política é educativa; o diálogo educativo não é neutro” (p.12). Desta forma entendemos que a educação pode despertar a libertação da opressão que predomina em nossa sociedade:

A pedagogia tem de ser forjada com ele (o oprimido) e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 1987,p.16)

Esta globalização tem colaborado com o mando das minorias poderosas, ao mesmo tempo em que confirma a impossibilidade dos oprimidos, colocando-os em conformidade com seus limites; tentando imitar os opressores, e na impossibilidade disso, entendem que não há outra saída senão “que cada um baixe a cabeça docilmente e agradeça a deus ou à própria globalização.” (FREIRE, 1987, p.72) Esta situação de alienação social pode, ou deveria gerar a união daqueles que estão na situação de opressão, para perceberem as travas que impedem o desenvolvimento e até a sua sobrevivência; um propósito comum com pensamento no mesmo objetivo, não individualizado mas participativo, das mesmas propostas seguindo a mesma trilha, compreendendo os seus limites. Isto contribuiria efetivamente para transformação social, pois como nos esclarece Freire (1987, p.50), “no momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram sua percepção muda, embora não signifique, ainda, a mudança de estrutura.” A mudança da percepção da realidade, que antes era vista como algo imutável, significa para os indivíduos vê-la como realmente é: uma realidade histórico - cultural, humana, criada pelos homens e que pode ser transformada por eles. Com a globalização econômica houve multiplicação e individualização do trabalho e o sucateamento das pequenas empresas, fortalecendo as multinacionais e assim promovendo o capitalismo global, que tem sido acompanhado por uma desigualdade social crescente.

Após a segunda Guerra Mundial, as grandes empresas dos países desenvolvidos invadiram os países subdesenvolvidos para fabricar seus

produtos, trazendo-os e estimulando o mercado consumidor com preços e produtos atrativos. Desse modo não só fugiam dos pesados impostos e das severas leis trabalhistas em seus países de origem, mas também aproveitavam-se da mão de obra barata e dos incentivos fiscais, que mantinham as características de colonização e de exportação de matérias-primas minerais ou vegetais. Essas indústrias ficaram conhecidas como “multinacionais”, mais corretamente chamadas de “transnacionais”, uma vez que não são empresas de vários países, mas de um país cuja ação ultrapassa fronteiras. A empresa transnacional passou, então, a ser global, isto é, aproveitar todas as vantagens que o espaço mundial oferece, instalando-se sempre em lugares onde encontra vantagens e matéria-prima em abundância, como no Brasil. Na fábrica global, os processos de produção são mundializados, isto é, possuem unidades de produção complementares em vários países; nesta economia-mundo interessa a ampliação das trocas comerciais internacionais, não há preocupação com o desenvolvimento social dos lugares onde são implantadas. A população é usada como mão de obra barata, considerando os baixos salários dos países pobres comparados aos dos países ricos e a facilidade das leis trabalhistas, e a abundância de recursos naturais, principalmente em países da América Latina e da África. A metodologia da globalização é ludibriosa e oculta em códigos conhecidos apenas pelo lucro, e nisto intensificada ao máximo. “O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões” (FREIRE, 1996, p.89). A entrada da globalização nos países periféricos trouxe em seu bojo a negação da hierarquia ou das normas vigentes dos governos e as responsabilidades foram enfraquecidas, ignorando propostas de altruísmo, solidariedade e humanização.

Os países subdesenvolvidos conheceram pelo menos três formas de pobreza e, paralelamente, três formas de dívida social, no último meio século. A primeira seria o que ousadamente chamaremos de pobreza incluída, uma pobreza accidental, às vezes residual ou sazonal, produzida em certos momentos do ano, uma pobreza intersticial e, sobretudo, sem vasos comunicantes. Depois chega uma outra, reconhecida e estudada como uma doença da civilização. Então chamada de marginalidade, tal pobreza era produzida pelo processo econômico da divisão do trabalho, internacional ou interna. Admitia-se que poderia ser corrigida, o que era buscado pelas mãos dos governos. E agora chegamos ao terceiro tipo, a pobreza estrutural,

que de um ponto de vista moral e político equivale a uma dívida social. Ela é estrutural e não mais local, nem mesmo nacional; torna-se globalizada, presente em toda a parte do mundo (SANTOS, 2008, p.33)

O consumo parece constituir uma obrigatoriedade na sociedade globalizada. A civilização considera a pobreza uma fragilidade, o consumo é o divisor de águas, balizado por condições materiais necessárias para viver bem, dando à pobreza novos conteúdos e novas definições atreladas ao poder de comprar. Além da pobreza absoluta, cria-se e recria-se incessantemente uma pobreza relativa, que leva a classificar os indivíduos pela sua capacidade de consumir.

Assistimos a uma pobreza estrutural globalizada, que gerou o desemprego e a remuneração cada vez mais baixa, paralela a um poder público que retira sua proteção social de dever, substituindo-a por favores e falso protecionismo. Conforme descrito Santo (2003, p. 35), “Alcançamos, assim, uma espécie de naturalização da pobreza, que seria politicamente produzida pelos atores globais com a colaboração consciente dos governos nacionais.” O capitalismo global fez aumentar a pobreza e a desigualdade social não só através da transformação das relações entre o capital e o trabalho, mas também por meio do processo de exclusão social, acarretando o desemprego e a substituição do homem pela máquina nesse processo de integração mundial, que tem ao mesmo tempo uma dimensão política, social e cultural. Podemos dizer que a mesma tecnologia que trouxe conforto e melhoria de vida para as pessoas reduziu os postos de trabalho.

Temos presenciado uma solidariedade que se apóia no individualismo e na competição, que intensifica as diferenças sociais favorecendo o surgimento de excluídos. Essa individualidade está impressa na maneira como a sociedade distribui ou impede o acesso aos bens que produz, construídos e desenvolvidos a partir dos recursos naturais, privilegiando uma minoria que possui recursos e poder, exaltando a competição.

O culto global ao consumo privilegia a população que pode comprar, mesmo que em parcelas, a mercadoria desejada, acreditando que para viver bem é necessário comprar o novo, gerando uma falsa impressão de conforto, inibindo discernimentos. Por outro lado a população que não pode comprar

necessita articular sua realidade para sobreviver, com escassos recursos, recorrendo a todas as possibilidades, chegando a utilizar sobras descartadas para suprir suas necessidades básicas de comer, vestir e morar, como é o caso da população de catadores de lixo. Para Lane (1981, p.56): “O capitalismo implica na existência de duas classes sociais, uma que detém o capital e os meios de produção e outra que vende sua força de trabalho,” normalmente explorada e dominada pelos proprietários que necessitam do lucro gerado pelo trabalho de muitos para a manutenção do poder. Desta forma, as disparidades econômicas e as desigualdades, a pressão pelo poder, a saga de consumir para aparentar ter, ou mostrar que se pode comprar, gera um falso valor, que impede as pessoas de viver com liberdade.

A desigualdade destaca divergências; de um lado o consumo desnecessário, de outro carência e necessidade, constroem uma ponte entre a pobreza, fome, conformismo, e a riqueza, desperdício, alienação e descaso. Conforme Freire (1996, p.92), em defesa contra “[...] as arrancadas agressivas e injustas que transgridem a própria ética” evidenciando insensibilidade a todo reclamo das gentes e apenas abertas à gulodice do lucro, “a liberdade do comércio não pode estar acima da liberdade do ser humano”. Isto gera desigualdade de oportunidade entre a população e pode ser vista na forma do trabalho anônimo, carregado de omissão de direitos, destacado por um tratamento desumano e humilhante, como é o caso do catador de lixo, e na condição que vive esta população em áreas urbanas.

A tecnologia desenvolvida pela globalização substituiu a mão de obra primária que efetuava trabalhos simples, foram sendo trocados pelos equipamentos e máquinas. Essas pessoas atualmente engrossam as filas dos desempregados e sem oportunidade, em situação de oprimidos, lutando para sobreviver.

Ter a consciência crítica de que é preciso ser o proprietário de seu trabalho e de que este constitui uma parte da pessoa humana e que a pessoa humana não pode ser vendida nem vender-se é dar um passo mais além das soluções paliativas e enganosas, é inscrever-se numa ação de verdadeira transformação da realidade para humanizando-a humanizar os homens (FREIRE, 1987, p.107).

Vivendo isoladamente, seu problema é que não conseguem construir forças e entendimento do contexto que lhes propiciem soluções, uma análise

crítica para pensar seu mundo, mesmo com problemas, mas uma realidade passível de mudança positiva; um desafio que pode ser respondido enfrentando o próprio silêncio.

Desta forma pensamos em uma ação da educação com maior eficiência e eficácia no processo de inclusão de analfabetos funcionais em situação de risco para dirimir a condição de submissão no trabalho desenvolvido, identificando seus direitos. Por último, parafraseando Paulo Freire em sua Pedagogia da Autonomia (1996, p.64), “Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos, contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura”.

1.1 UM PEQUENO RECORTE DOS ELEMENTOS HISTÓRICOS GEOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO DE UNIÃO DA VITÓRIA

O desenvolvimento da cidade de União da Vitória destaca três fases temporais importantes: a) a ocupação dos pioneiros, a exploração da erva-mate e a exploração da madeira, utilizando a navegação fluvial a vapor para escoar a mercadoria; b) a construção das ferrovias pela Southern Brazil Lumber and Colonization Company (LUMBER), multinacional para explorar os pinhais existentes na região dos vales dos rios Negro, Iguaçu, Timbó, Peixe e Canoinhas; e c) a extração de areia do rio Iguaçu.

O sítio urbano da cidade é um vale, abraçado pelas serras no limite do segundo para o terceiro planalto paranaense, formando um berço que represa as águas inundadas nas cheias periódicas e cíclicas de origem climatológica, que desequilibram a economia atingindo a população em geral, principalmente a população mais carente.

Figura 1 – Vista aérea da cidade de União da Vitória



Fonte: Acervo Colegiado de Geografia FAFIUV (2012).

1.1.1 A ocupação dos pioneiros e a navegação no Iguaçu

Autores regionais descreveram que a primeira expedição pelo rio Iguaçu de que se tem notícia para esta região é de 1531, com a entrada de homens sob o comando de Martim Afonso de Souza através do rio Iguaçu, assim denominado pelos índios das reduções do Guayrá e nos mapas da antiga Província de Guayrá; figurava com esse nome nos tratados de limites de Madri e de Santo Ildefonso (FAGUNDES; RIBAS, 2002). Os nativos que viviam nessa região viviam da caça e da pesca, utilizavam plantas, folhas e raízes como alimento, chá e bebidas. A utilização da erva-mate surgiu como uma das primeiras atividades econômicas, conforme descreve Lazier (1985, p.24), “no início do século, uma arroba de erva-mate valia o mesmo que um pinheiro”.

A atividade, no entanto, nem sempre foi lucrativa, principalmente para os ervateiros que extraíam as folhas e ramos, chamados de bóias frias, contratados temporariamente na época da safra e que passavam o dia no mato

caminhando muito para colher, considerando que a planta nativa estava espalhada pela mata. Para alimentar-se não interrompiam a caminhada, paravam somente quando a fome chegava e comiam frio. Contudo, a extração de erva-mate rendeu fortunas para os proprietários de grandes extensões de terra, conforme Melo (2001, p.146): “Durante o mês de setembro de 1916, foram exportados de União da Vitória 15 vagões com erva-mate contendo 2.900 sacos”. A exploração da erva-mate atravessou séculos como produção econômica, chegando até a atualidade.

A história da navegação no médio rio Iguaçu e seus afluentes está diretamente ligada ao esforço de comerciantes pioneiros da região, destacando-se o Coronel Amazonas, que requereu do Governo Imperial apoio para a navegação a vapor no rio Iguaçu e seus tributários, rios Negro, Canoinhas, Timbó e Potinga.

Figura 2 – Vapor carregado de pinho, e de Branquilha usado como combustível dos vapores



Fonte: Acervo Nelson Chaves de Souza (s.d.).

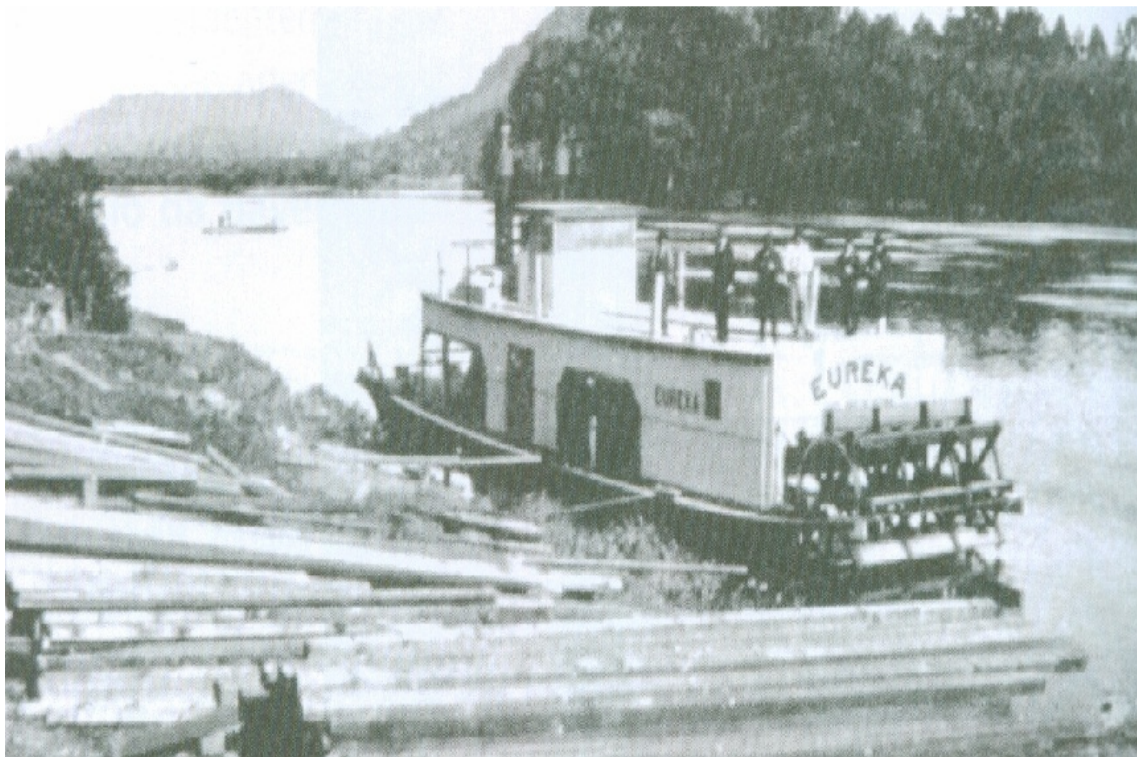
A navegação a vapor contribuiu para o desenvolvimento da região, iniciando-se em 1882, utilizada para transportar passageiros, sal e erva-mate, culminando com o transporte da madeira. Nessa época, o governo brasileiro

estimulava o povoamento das terras ribeirinhas ao Iguaçu, incentivando a imigração européia com a finalidade de criar uma infraestrutura para escoar a produção da província.

O transporte a vapor ganhou estímulo com a erva-mate, porém com o incremento da exploração da madeira na região, principalmente o pinho, este meio de transporte ganhou um rápido desenvolvimento. Quando se iniciou a indústria da madeira no vale do Iguaçu, a carga média dos vapores era de 400 dúzias de tábuas – 200 no próprio vapor e 100 em cada lancha rebocada.

Já nas primeiras décadas do século passado, havia 20 serrarias nesta região (LANGE, 2005). Considerando o valor do frete reduzido do transporte fluvial e a abundância de pinheirais à margem do rio Iguaçu e seus afluentes, as serrarias eram instaladas na proximidade do rio, Iguaçu ou em seus afluentes como o Rio Timbó, Potinga e outros o que facilitava o aumento de transporte fluvial em vapores e lanchas.

Figura 3 – Vapor Eureka no rio Iguaçu



Fonte: Acervo Fundação Cultural de Curitiba, Coleção Iguaçu (1949).

Os portos mais importantes eram: União da Vitória, São Mateus do Sul e Porto Amazonas. Os vapores do rio Iguaçu, por imposição das características

do rio, eram de pequena capacidade. (LANGE, 2005).

Percorreram o rio Iguaçu mais de 20 vapores por aproximadamente 80 anos; isso degradou os recursos de suas matas ciliares e empobreceu os habitantes ribeirinhos (BUCH, 2007). Os vapores foram utilizados desde 1882, inicialmente para transportar erva-mate e sal; depois para o transporte da madeira até os terminais ferroviários, para outras localidades no Brasil e no exterior. Finalmente, já nos meados do século passado, os pinheirais ribeirinhos já devastados, as ferrovias oferecendo transporte e as estradas de rodagem sendo abertas para os primeiros caminhões levaram o uso de vapores como meio de transporte no rio Iguaçu ao declínio.

1.1.2 A construção das ferrovias e a exploração da madeira

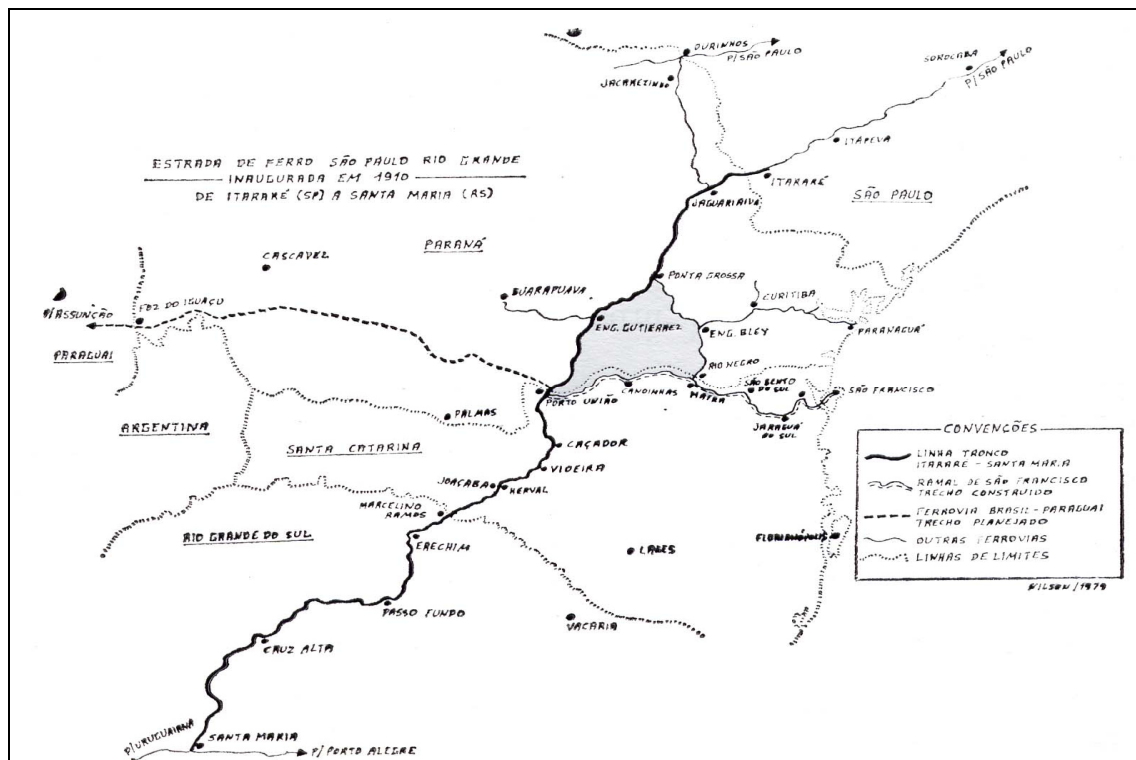
Embora a erva-mate tenha destaque na economia regional extrativista, a exploração da madeira do pinheiro do Paraná e da imbuia, em forma de tábuas e de toras, constituiu os principais produtos de exportação. A instalação de ferrovias na região do médio rio Iguaçu evidenciou-se por sua grande importância econômica, no desenvolvimento e nos conflitos de limites da região do contestado. Este fato também foi uma das causas da degradação da floresta nativa. A construção dessa estrada de ferro destinava-se principalmente ao transporte da erva-mate e da madeira; devido à riqueza florestal, essas terras sempre foram muito disputadas. A apropriação dessa área remete às disputas e acordos entre Portugal e Espanha, na época da colonização, envolvendo Brasil e Argentina (FAGUNDES; RIBAS, 2002). O potencial e valorização desta região, em função da floresta de araucárias sempre gerou interesse dos estados do Paraná e de Santa Catarina que tinham pretensão de incorporar a região a seus territórios. Esta disputa judicial foi se desenrolando antes do conflito gerado pela disputa (RIESEMBERG, 1989). A exploração visando o lucro imediato, não se preocupava com a manutenção da floresta para as gerações do futuro dando visibilidade a exploração insustentável. Dentro destas características foi construída a estrada ferro de São Paulo ao Rio Grande do Sul. O Decreto Imperial N. 10.432 do dia nove de novembro de 1889, dava concessões e privilégios para essas empresas como contratos garantias de prestação de serviços, autorização e

contratos.

Hei por bem, outrossim, não só conceder à referida Companhia a garantia de juros de seis por cento durante 90 anos [...], mas também fazer-lhes cessão gratuita das terras devolutas em uma zona máxima de 30 quilômetros para cada lado do eixo da linha férrea de que se trata (THOMÉ, 1979, p.37).

Este decreto foi importante para a integração do sul do país, porém contribuiu para o desbravamento da floresta e, conforme relatam os historiadores regionalistas e antigos moradores subestimaram e ignoraram o habitante nativo, devido aos enormes privilégios concedidos aos empreendedores. A exploração de qualquer recurso natural, na faixa dos 30 km, ao longo dos 1.572 km de estrada de ferro ligando Itararé - SP, passando por União da Vitória - PR e Porto União – SC, até o Rio Grande do Sul, equivale a uma área considerável de 47.160 km², ou seja, pouco maior do que a área atual do Estado do Espírito Santo (45.597 km², conforme o IBGE(2010). A construção da linha ferroviária, no trecho entre os estados do Paraná e de Santa Catarina, coincidentemente, foi traçada na região onde o recurso florestal era abundante. O tronco principal ramificou-se para outras pequenas ligações, facilitando assim a exploração da madeira. Para construir a linha ferroviária entre Porto União e o Rio Uruguai, a empresa Holding do grupo Farquhar, a Brazil Railwail Company, constituíra a Companhia Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande e, em 1908, iniciou as obras no trecho ao longo do rio do Peixe, atravessando o território do contestado (THOMÉ, 1979). Com a proclamação da República, um novo decreto efetivou, parcialmente, o documento anterior, constando algumas modificações como a redução da concessão de terras de 30 para 15 quilômetros para cada lado do eixo da linha, embora continuassem todos os benefícios governamentais para empresas estrangeiras (THOMÉ,1992). Os estados de São Paulo até o Rio Grande do Sul logo a seguir iniciariam a construção, nos termos do novo decreto, mediante um plano de colonização na faixa que lhe fora concedida de 15 quilômetros de cada lado da linha implantada. Durante essa construção não se respeitaram os habitantes da terra: fazendeiros e sitiantes já estabelecidos na região, muito antes de se cogitar a abertura da estrada.

Figura 4 – Estrada de Ferro S P – RS inaugurada-1910. Itararé a Santa Maria.



Fonte: Atlas O Contestado (2002).

A região escolhida para a atuação da LUMBER não podia ser melhor: em meio a pinhais, servida pela linha-principal Itararé – Rio Uruguai e pelo ramal de São Francisco, possibilitando rápido escoamento da produção. Nessa área, havia fazendas de gado, de culturas diversas, de propriedade de coronéis da Guarda Nacional, bem como muitos quilômetros de terras devolutas ocupadas por posseiros avulsos, sem títulos de posse e domínio. A LUMBER escolheu as melhores porções do mato, além de “favorecer” os fazendeiros tirando os pinheiros para as pastagens.

Existia naquela região cerca de 4 bilhões de pinheiros e 2 milhões de imbuías e cedros, com mais de 30,0 metros de altura e 1,0 metro de diâmetro. Caso aquele patrimônio não fosse explorado, em 1979, equivalia a Cr\$ 24.000.000.000,00 (vinte e quatro bilhões de cruzeiros)(THOMÉ, 1992, p.48).

Figura 5 – Imbuía existente na região do Contestado



Fonte: Acervo Atlas - O Contestado (1913).

O valor da madeira e a exuberância da floresta nativa, com árvores gigantes, de grande valor no mercado, despertou no explorador interesse pela madeira que servia para a construção e para fabricar móveis. O habitante nativo desta região, o caboclo sertanejo, vivia dos recursos da floresta para se alimentar, morar, convivendo em harmonia com esse espaço.

Muitas empresas receberam privilégios e concessões, beneficiavam-se, deste favorecimento, ou seja, protegidos, não era necessário a participação de concorrência pública, existindo uma troca de favores, entre representantes do governo e empresas, muitas vezes o pagamento era simbólico. Dentro destas características, estavam diversos ramos industriais e empresariais que foram fazendo parte do império Farquhar, muitas vezes por iniciativa própria, outras vezes eram negociadas. (SACHET, 1997).

Para agravar a situação, os coronéis donos das fazendas começaram a se preocupar com a invasão de suas propriedades, e do crescimento inesperado da população que perdeu suas terras e seu trabalho, desempregados, os antigos moradores das terras laterais à ferrovia e iniciaram

um processo de invasão às propriedades para poderem sobreviver. Em 1912 soldados do exército brasileiro e habitantes nativos disputaram e defenderam a região do contestado numa luta pela posse dessas terras. Essa disputa, que se desenvolveu durante quatro anos, envolveu os estados do Paraná e de Santa Catarina, com interesse por uma mesma região, por isso o conflito chamou-se Contestado.

1.1.3 O conflito pela posse de terras

A Guerra do Contestado teve início no ano de 1912 e suas disputas estenderam-se até 1916. Os principais motivos foram: a questão dos limites entre os estados do Paraná e de Santa Catarina; a luta pela posse de terra dos sertanejos expulsos de suas terras que habitavam na região contestada; a construção da estrada de ferro ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul; e a atuação dos “monges” peregrinos na região. As cidades de União da Vitória, e Porto União, na época dos conflitos, constituíam uma única cidade, chamada Porto União da Vitória, e possuía grande importância estratégica, servindo de local para acampamento e concentrações do exército aonde chegavam e de onde saíam soldados. Também foi sede do hospital para feridos na guerra, além de ser entroncamento ferroviário da região. Conforme Gaspari (2011, p. 47), “a ferrovia foi amplamente utilizada para transporte de tropas militares atuantes no episódio do Contestado.” A região contestada equivalia de 30 000 a 40 000 km², com áreas em litígio entre Paraná e Santa Catarina; ficavam ao norte os rios Negro e Iguaçu e ao sul o rio Uruguai.

Para Fraga (2010, p.139), foram várias as causas do conflito armado, pois na mesma época e no mesmo lugar ocorreu um movimento messiânico de grandes proporções, uma disputa pela exploração das riquezas naturais e a questão dos limites interestaduais

Figura 6 – Mapa da região do conflito



Fonte – Atlas - O Contestado (1916).

O desenrolar do conflito foi marcado pela desocupação das terras dos sertanejos, e a instalação de uma empresa estrangeira autorizada pelo governo de Afonso Pena para construir a estrada de ferro ligando o estado de São Paulo ao Rio Grande do Sul e explorar a mata nativa da região, passando pelo centro da região contestada.

Em 1908, a empresa norte-americana Brazil Railway Company, pertencente ao multimilionário Percival Farquhar, ganhou do governo brasileiro (1906-1910) uma faixa de terra de 30 quilômetros de cada lado, ao longo dos quatro estados para a construção da estrada de ferro São Paulo- Rio Grande do Sul. Farquhar pôs em ação também a Southern Brazil Lumber and Colonization, que tinha como objetivo extrair madeira da região e depois comercializá-la no Brasil e no exterior. (SILVA, 1933, p.37)

Moravam nessa região fazendeiros com poder político e título de coronel, que criavam gado bovino e equino e controlavam o cultivo de erva-mate. Além dos coronéis havia os sertanejos, que não tinham documentos de posse dos terrenos que habitavam; eram descendentes miscigenados, filhos de brancos com indígenas, os caboclos, e de negros com índios, os cafuzos;

viviam da caça, pesca e frutos da região, como o pinhão, que existia em abundância.

Figura 7 – sertanejos - heróis, matadores ou vítimas da Guerra do Contestado



Fonte: Atlas O Contestado (s.d.).

Muitos desses sertanejos não se importavam com a questão dos limites contestados pelo Paraná ou Santa Catarina; seus problemas eram de sobrevivência e sustento de sua família, outros revoltados pela condição de desapropriados. O sertanejo nativo habitante da região não tinha estudo, vivia na mata, em pequenas habitações e muitas vezes trabalhava para os coronéis ganhando pouco.

O caboclo, o sertanejo o caipira, matuto e acanhado, lento no pensar e no falar, bastante místico, homem desconfiado. Face queimada pelo Sol, mãos calejadas pelo trabalho, desajeitado no andar, afeiçoado a caça e a pesca, de pele pardacenta, nele corria o sangue do alegre afeito trabalhador e justo negro escravo; do bravo indolente e sempre temido guerreiro indígena, e tinha dentro de si o alto sentimento de justiça do bem e do coletivismo dos desbravadores e povoadores, guardava para si suas virtudes e seus defeitos. Era corajoso, instintivo e violento, ao mesmo tempo em que era franco, leal e honrado. (THOMÉ, 1992, p.20)

Para trabalhar na construção da estrada de ferro, Farquhar ignorou os sertanejos como moradores e trabalhadores, expulsou - os de suas terras contratando funcionários de outras regiões. Para manter essa liderança autoritária, Farquhar montou uma milícia com 200 homens aproximadamente que utilizavam de grande violência para desapropriar as terras.

Figura 8 – Guardas de segurança da Lumber



Fonte – Atlas – O Contestado (s.d.).

Em 1910 terminou-se o trecho catarinense da ferrovia e milhares de trabalhadores foram dispensados; muitos, sem ter para onde ir, permanecendo na região, começaram a saquear algumas propriedades, e isso contribuiu para aumentar os conflitos na região. Diante desse desespero parte da população encontrou apoio nos curandeiros, monges que tinham poderes místicos; destes três foram mais importantes: João Maria de Agostinho, João Maria de Jesus, e José Maria de Santo Agostinho. O primeiro monge, João Maria de Agostinho, veio da Itália em 1844, morou em São Paulo, passou pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná; realizava curas utilizando água das fontes, e conforme relatos levavam uma vida humilde, penitente, receitando ervas aos doentes. O segundo monge surgiu entre 1895 e 1908, João Maria de

Jesus; transmitia conhecimento sobre a natureza, fazia curas, batizava crianças, visitava famílias, fazia críticas à República, anunciava calamidades e sofrimentos, plantava cruzeiros como proteção. O terceiro monge peregrino, José Maria de Santo Agostinho, também utilizava ervas e raízes para elaborar receitas e curar doenças, mas conhecia instruções militares e liderou os sertanejos na luta pelas suas terras. Os ensinamentos dos monges foram preservados pelos caboclos, que os tinham como líderes religiosos.

Com a empresa Lumber intensificando a exploração da madeira, expulsando os sertanejos que não tinham documento de posse de suas terras; e Farquhar, protegido por sua milícia particular, utilizando-se de força e violência contra os caboclos e os sertanejos que não tinham para onde ir, desesperados começaram a se agrupar organizando redutos liderados pelo monge José Maria.

A Campanha do Contestado teve o messianismo como característica principal na primeira fase, iniciada em dezembro de 1913 com agrupamento dos fanáticos em Taquarussu, estendendo-se a agosto de 1914. O “exército encantado” tinha a monarquia como ideal, o divino por bandeira, e São João Maria eleito guia espiritual. Foi a época da “guerra Santa”, na qual os fanáticos, abrigados em seus redutos, se defenderam do Exército. (THOMÉ, 1992, p.87)

Os caboclos que estavam em Taquarussu, região rica em pinheirais, deslocaram-se para Irani, e isso foi encarado pelo governo do Paraná como uma invasão. O governo enviou tropas lideradas pelo Coronel João Gualberto para combater os invasores; foi então que aconteceu a primeira batalha da guerra do Contestado, em que morreram o Coronel João Gualberto e o Monge José Maria.

Embora a cidade de União da Vitória estivesse dentro da área do conflito do Contestado, não ocorreu nenhuma batalha nessa cidade; porém o medo, a insegurança e o enfraquecimento do mercado marcavam o cotidiano dos moradores, que assistiam à passagem das tropas para a guerra e acolhiam os feridos, por se encontrarem numa região de entroncamento rodoferroviário. As batalhas aconteceram entre 30 a 50 quilômetros, nos municípios vizinhos.

[...] a cidade funcionou como um ponto de parada das tropas e para a organização, seguindo depois para a luta. Funcionava também como um ponto de descanso, na retirada. Era aqui que funcionavam

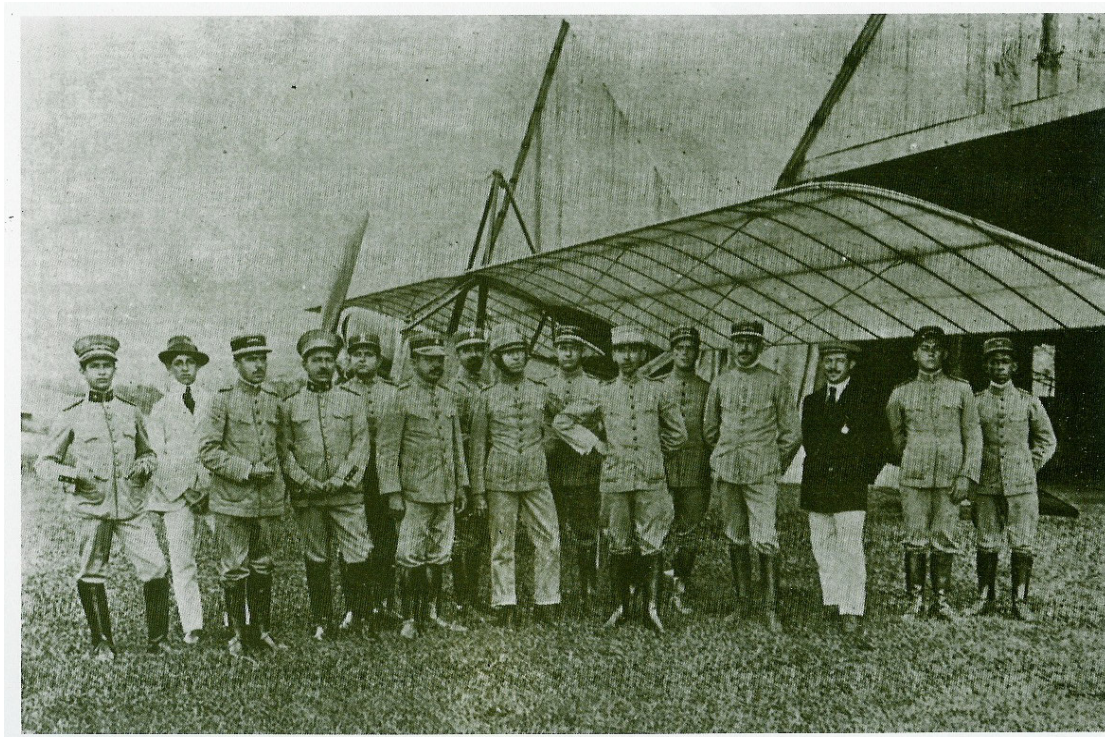
também os chamados hospitais de sangue, atendendo os feridos. As lutas mais próximas daqui aconteceram em Irani, Matos Costa e Calmon. (SMEPU, 2004, p.30)

Na guerra do Contestado também se utilizaram aviões. Montou-se uma infraestrutura em União da Vitória para recebê-los; não foram usados para combate, mas para localizar os redutos dos caboclos que conheciam as matas, o que os beneficiava nos ataques terrestres; assim o uso da aviação favoreceu o exército, que pode visualizar o reduto dos caboclos. Durante um voo, o avião pilotado pelo capitão Ricardo Kirk caiu acidentalmente entre as cidades de União da Vitória e Palmas, onde hoje existe um monumento em sua homenagem; ele é considerado o patrono da aviação do exército brasileiro.

O historiador catarinense Walter Fernando Piazza relatou:

O Exército Brasileiro utilizou nesta campanha militar cerca de 6 000 homens, além mil vaqueanos (conhecedores da região), com cerca de três mil mortos. Entre os que lutaram devem ser mencionados os posseiros expulsos de suas terras pela Brazil Railway e pela Lumber: os trabalhadores da construção da via férrea, abandonados à própria sorte naquelas paragens quando se concluiu a filiação ferroviária São Paulo - Rio de Janeiro. (PIAZZA, 2002, p.44)

Figura 9 – Grupo de soldados Federais na Guerra do Contestado



Fonte: Atlas - O Contestado (s.d.).

Os sertanejos e os soldados do exército foram os protagonistas da Guerra do Contestado. Finalizaram-se as batalhas e foi assinado o tratado de limites entre Paraná e Santa Catarina em 1916. Após o conflito, que ceifou muitas vidas, iniciou-se em 1917, “uma limpeza” na região do Contestado, com o propósito de eliminar caboclos como ideais remanescentes da guerra; para isso foi dada ordem de extermínio.

A saída da imprensa da área de conflito fez com que os estados litigantes, representados pelos coronéis latifundiários, contratassem a mão de obra (quase 2 000 milicianos) que procederia à expulsão (e assassinato), e juntamente com a Lumber (200 homens aproximadamente), faria o papel de ‘limpeza’, por meio da morte e destruição do direito de propriedade dos posseiros. (FRAGA, 2010, p.149)

Em função dessa fase final da guerra, muitos caboclos fugiram para outras cidades e outros estados. Para o mesmo autor, após o extermínio dos caboclos incentivou-se a vinda de imigrantes europeus, que optaram por essa região como moradia depois de chegarem pelo Rio Grande do Sul. Os imigrantes alemães, ucranianos, poloneses e italianos tomaram posse das terras que pertenciam aos caboclos, terras que estavam sob o domínio da Lumber. Dessa forma, com o predomínio de imigrantes europeus na cidade de União da Vitória e a “limpeza” que expulsou os caboclos, firmou-se e perpetuou-se a questão dos limites, o que explica o desconhecimento dos fatos referentes à Guerra do Contestado. Até 1917 a cidade chamava-se Porto União da Vitória, e a partir do desmembramento administrativo e da descentralização do território contestado foi dividida em dois municípios, União da Vitória no Paraná e Porto União em Santa Catarina; suas linhas de fronteiras foram marcadas após a Guerra do Contestado. Embora a floresta tivesse sido explorada, ainda restava para a economia regional a herança para ser explorada - a madeira.

A vocação madeireira ainda está presente nessa região, embora a Lumber tenha escolhido explorar onde o pinheiro predominava (THOMÉ, 1992): Em Três Barras foi instalado o maior complexo industrial de exploração de madeira da América do Sul, com tecnologia canadense. Apesar da exploração insustentável, que destruiu a floresta natural e ceifou vidas de sertanejos que defendiam essas terras para sua sobrevivência, ainda herdou-

se a atividade madeireira, destacando-se atualmente a cidade de União da Vitória como a capital nacional das esquadrinhas de madeira. Para os autores citados anteriormente, a Guerra do Contestado marcou o povo, a paisagem e a economia. As cidades que participaram do conflito, como Matos Costa - SC, Santa Cecília – SC, Três Barras – SC, Calmon –SC, General Carneiro – PR e União da Vitória – PR, entre outras, têm como característica o subdesenvolvimento em relação às demais cidades dos estados. Para Fraga (2012, p.154), “A região do Contestado, nos dois estados, se caracteriza como pobre, socialmente e em infra-estrutura”. Embora possa parecer coincidência, atualmente as cidades consideradas as mais pobres dos estados são pertencentes ao conflito do Contestado. Infelizmente, a limpeza pós-guerra do Contestado atingiu até a geração atual, que não conhece a história.

1.1.4 Exploração de areia

Nas últimas décadas, a exploração de areia tornou-se predatória para o rio Iguaçu, elevando a turbidez da água, e o perfil natural do rio.

Figura 10 – Extração de Areia da margem do Rio Iguaçu



Fonte : Acervo da autora (2001).

Embora a extração de areia na região de União da Vitória tem contribuído para a renda do município, mas a exploração tem prejudicado localmente a planície de inundação da cidade, transformando-a em um conjunto de lagoas artificiais de dimensões variadas, separadas por uma estreita faixa de terra.

A destruição, dos diques marginais (barrancos) facilita o extravasamento da água, tornando o rio sem beirada e o fluxo de vazão da água lento e turvo. Isso acaba prejudicando principalmente a população ribeirinha, que é atingida pelas cheias menores do rio que ocorrem com frequência cíclica. Para Buch (2007), a degradação atual da paisagem não se limita ao desmatamento da mata ciliar, tem afetado também o equilíbrio hidrogeomorfológico do rio. “O aumento da ação extrativista mineral retirando materiais do leito e das áreas marginais tem alterado as condições hidrodinâmicas do fluxo fluvial” (p.73). Considere-se que os ciclos anteriores que se basearam na exploração dos recursos naturais repetiram os efeitos da exploração capitalista que visa ao lucro nessa região, em descaso com a população que oferece mão de obra barata, colocando-a em situação de pauperização; isso é reflexo da atual conjuntura mundial, que faz aumentar a pobreza não só através da transformação das relações de trabalho, mas também da exclusão social das populações de analfabetos e desqualificados funcionais que podem ser substituídos a qualquer momento, fazendo com que acabem desempregados e encontrando alternativa de sobrevivência no subemprego, como os ligados ao lixo.

1.1.5 O dramático fenômeno das enchentes do Rio Iguaçu em União da Vitória

União da Vitória escreveu sua história de vida junto com o rio Iguaçu, que exerce grande influência sobre a vida de seus habitantes e no desenvolvimento econômico. Se de um lado seu leito foi a via natural de transporte e desenvolvimento, por outro lado o crescimento das águas com as cheias periódicas tem sido frequente preocupação e desolação da população ribeirinha e causa pesadas perdas. União da Vitória está localizada na região sul do Paraná; desenvolveu-se às margens do rio Iguaçu, no sopé da Serra da Esperança, que geologicamente divide o segundo do terceiro planalto

paranaense, fazendo com que o rio meandre-se por um longo trecho. A economia teve sua gênese no rio Iguaçu para escoamento de sua produção; assim a cidade cresceu junto as suas margens, convivendo com as cheias do rio Iguaçu, que são periódicas e cíclicas, alimentadas pelo clima chuvoso e pelo fenômeno do El Niño; e sua geologia propícia uma vazão de água lenta, em função da pequena declividade do planalto no médio rio Iguaçu.

As condições meteorológicas e hidrográficas proporcionam a ocorrência de inundação. O conhecimento do comportamento meteorológico de longo prazo é muito pequeno devido aos inúmeros fatores envolvidos nos fenômenos meteorológicos e a interdependência dos fenômenos físicos a que a atmosfera terrestre está sujeita. (TUCCI, 2004, p. 622)

Figura 11 – Enchente do Rio Iguaçu em União da Vitória, 7 e 8 de junho 2014 atingiu 52.616 pessoas, 3 mil residências foram danificadas.



Fonte: acervo Colegiado de Geografia FAFIUV (2014).

Fortes chuvas com acentuado índice de pluviosidade durante dias assolaram a região em 1891, 1905, 1957, 1970, 1983, 1992, 1993, 2004, 2010, e em 2014, além de outras enchentes menores, intermediárias, causando grande prejuízo à cidade. Existem prejuízos diretos, que atingem bens materiais, como imóveis residenciais, igrejas, industriais, comércio, escolas,

postos de saúde, móveis das casas atingidas, roupas, alimentos; mas há também outros prejuízos que não são mensuráveis, como: quanto custa para a cidade o desânimo, a desesperança, a tristeza de ter perdido tudo, inclusive a autoestima? Estas características marcam as cidades criando uma imagem negativa, e a reversão deste quadro torna-se um desafio.

Os altos índices de precipitações que periodicamente assolam nossa região fazem com que o transbordamento do rio Iguaçu com visível assoreamento e de seus afluentes, que passam por uma região de planaltos e planícies, cause inundações, trazendo danos econômicos à população.

Figura 12 – Enchente em União da Vitória 2014 Ponte Machado Costa



Fonte acervo Colegiado de Geografia FAFIUV (2014).

Entre as causas das enchentes podemos destacar como principais:

- a) a formação econômica e social da cidade originada no rio Iguaçu, usado como meio para transportar passageiros e mercadorias, desenvolveu seu sítio urbano no vale do rio Iguaçu;
- b) com o tratado de limites em 1916, devido à guerra do Contestado, Porto União da Vitória foi dividida em duas, Porto União em Santa Catarina e União da Vitória no Paraná, e com isso mudou-se o

- direcionamento do crescimento urbano;
- c) as condições topográficas da bacia do Iguaçu, a montante de Porto União (SC) e União da Vitória (PR), acumulam uma grande quantidade de água, e a falta de declividade e a existência de elevações naturais no leito do rio impedem o escoamento da água;
 - d) o histórico das restrições de operação hidráulica na usina de Foz de Areia, e o uso indevido do solo urbano; e
 - e) a inexistência de um plano de controle de cheias, com alternativas de proteção e de desenvolvimento às comunidades.

Outros elementos, como as condições naturais e geomorfológicas da região de União da Vitória localizada no médio Iguaçu, no final de uma região de planície onde em função da baixa declividade o rio Iguaçu desenvolveu meandros (curvas), favorecem a retenção da água. Dentro da área do município pode-se ver a transposição entre o segundo e o terceiro planaltos construindo um controle hidrológico conhecido como corredeiras de Porto Vitória. A cidade de União da Vitória recebe influência de três sub-bacias: do Rio Negro, do Alto Iguaçu e a do Timbó, por isso o volume do rio Iguaçu cresce rapidamente, alimentado pela distribuição espacial das chuvas na grande área de cada uma destas bacias, o que tem contribuído com as inundações. A consequência das perdas econômicas empobrece a população, mas o apego a sua moradia e os períodos de intervalo entre uma cheia e outra induzem a população a voltar a habitar a área de risco; o tempo de seca gera uma falsa segurança, embora se habite a planície de inundação. Muitas pessoas compram terrenos e casas no período de seca, pois o preço menor favorece adquirir terrenos nessa área desvalorizada e de baixo custo por causa das enchentes, que depreciam os imóveis nessa área.

Com a enchente de 1983, União da Vitória sofreu significativo impacto, com prejuízos econômicos que redundaram em grandes dificuldades para as empresas industriais e comerciais locais, algumas das quais nunca se recuperaram, e outras ainda ressentem daquelas perdas, ficando incapacitadas de realizar investimentos indispensáveis à sua modernização. Essa enchente (1983), teve (risco estimado de 129 anos e 62 dias de duração) o prejuízo estimado em US\$ 78,1 milhões (SEC-CORPRERI, 1999, p.10).

Os prejuízos materiais podem ser calculáveis, mas os efeitos

psicossociais que afetam a população em geral são visíveis no desânimo, doenças, a falta de esperança, fadiga, falta de trabalho, o estresse e o medo que esse fenômeno causa às famílias.

Figura 13 – Depois da enchente em União da Vitória, 20 de junho de 2014.
Avenida Manuel Ribas



Fonte: acervo da autora (2014).

As enchentes cíclicas interrompem o desenvolvimento da região e o cotidiano das pessoas. São famílias inteiras que veem seus bens materiais ameaçados pela invasão das águas. A enchente provoca um movimento pendular na população, que sai apressada de suas casas alagadas, e procura abrigo na parte alta da cidade se socorrendo na casa de parentes, amigos, ou aluga um imóvel temporariamente. Muitas famílias não conseguem tirar seus pertences, como eletrodomésticos e móveis estes depois de mergulhados na água, perdem suas características ficando deformados e inúteis.

Dentro desta realidade histórica geográfica, refletindo sobre o global, e sua influência no espaço regional, a exploração potencializou o esgotamento dos recursos naturais nesta região. Nesta regionalidade atingiu a área urbana e rural empobrecendo a vocação econômica do lugar, refletindo no êxodo rural dos pequenos produtores agrícolas que procuram na cidade emprego para sobrevivência; isto faz aumentar a pobreza e a desigualdade social não só através da transformação das relações de trabalho, mas também da exclusão

social e em muitos casos a fome. Para Josué de Castro (1984, p. 280), “A fome no Brasil, que perdura, apesar dos enormes progressos alcançados em vários setores de nossas atividades, é consequência, antes de tudo, de seu passado histórico.” Se, por um lado, isto pode revelar a carência de absorção de mão de obra e de oferta de trabalho, por outro indica condições e situações aviltantes para as quais as políticas públicas não podem fechar os olhos. Os fatos históricos ressaltam que a exploração da mão de obra possui raízes históricas, e são consequências do êxodo rural. O mesmo panorama foi encontrado em outras realidades do país.

1.1.6 Os efeitos da descaracterização do meio rural e da eclosão do subemprego: caso dos catadores de lixo reciclável em União da Vitória

A região banhada pelo rio Iguaçu e seus afluentes constitui-se em parte de áreas inundáveis periodicamente; além disso, a presença de serras não facilita a agricultura e a pecuária. Por efeito desta realidade, entre outros motivos, a região não tem destaque agrícola. A maioria da população que vive da agricultura desenvolve a agricultura de subsistência. Esta região, como outras, está inserida na realidade da economia do Brasil sob influência das características financeiras do capitalismo em processo de globalização e seus avanços, adequando-se à realidade local, visando à exploração dos recursos naturais, representados nesta região pela madeira, que se encontrava em abundância na floresta de araucária, e favorecida pela mão de obra barata. (FAGUNDES; RIBAS, 2002).

Os primeiros habitantes desta região encontravam na natureza recurso para viverem alimentando-se da caça, pesca e de frutos, principalmente do fruto das araucárias, o pinhão, encontrado em quantidade suficiente para a alimentação que era enriquecida por bebidas produzidas a partir de folhas cruas ou secas e moídas para depois serem fervidas como chá, ou escaldadas com água quente, como mate ou chimarrão; conhecida como erva-mate, esta espécie cresce junto com a floresta de araucária e a imbuia, e despontou como primeira economia da região¹.

¹O ciclo econômico da erva-mate inseriu no mercado de trabalho os habitantes nativos desta

A coleta era levada para ser trocada por outros produtos de primeira necessidade, havendo pouca circulação de moeda, e o trabalho era considerado de subsistência sem competitividade. Como a procura pela erva-mate foi aumentando, a produção caseira já não dava conta; foi então que muitos sertanejos passaram a se empregar nos barbaquás onde a erva-mate era queimada e cancheada, isto é, picada, e guardada em barris de madeira ou em sacos, para ser transportada e chegar a ser utilizada como chá ou chimarrão (FAGUNDES; RIBAS, 2002; MELO, 2001). O vínculo com o trabalho era temporário, conforme a época de coleta, preparo nos barbaquás, transporte e venda da erva-mate.

A extração da erva-mate, como atividade formal, desenvolveu a necessidade de receber um pagamento pelo trabalho efetuado; o mesmo era insignificante, desvalorizando o conhecimento que os habitantes tinham da floresta, e da localização dos ervais nativos, sendo a coleta feita manualmente em árvores muito altas, o que despendia habilidade e tempo. Na sequência da coleta fazia-se um arranjo, amarrando os ramos de erva em feixes para transportá-los nas costas até o local da queimada ou no lombo de animais de carga. Com o passar do tempo e com o aumento do consumo, esta planta nativa passou a ser cultivada em florestas homogêneas, muito embora se questione a qualidade desse mate, desencadeando a abdicação do coletor de erva nativa; porém o sabor amargo da erva cultivada induziu os produtores a procurarem novamente os coletores para comprar a erva nativa, que é mais adocicada para ser misturada, considerando que a quantidade consumida era grande e nesse tempo a erva-mate já se encontrava escassa, devido ao intenso desmatamento da floresta (MELO, 2001). Contudo, a erva-mate constituiu-se no primeiro ciclo econômico da região. Este ouro verde, como era

região, que recebiam pela coleta das folhas e ramos após longas caminhadas em meio à floresta que conheciam como a palma da mão. A erva-mate é natural desta região e cresce em pequenos grupos da mesma espécie; encontrava-se outrora espalhada por longos espaços, o que exigia que o coletor ficasse horas caminhando, não podendo vir para casa fazer sua alimentação; por isso levava alimento ou quando era tempo de pinhão maduro fazia sapecada de pinhão, ateando fogo na grimpa (galho seco que cai do pinheiro) e misturando ao fogo alguns pinhões, que submetidos ao calor ficam prontos para o consumo. Muitas vezes assavam também um peixe, ou uma caça.

conhecido, contribuiu para a riqueza dos grandes fazendeiros, proprietários de terras e para o desenvolvimento desta região, mas isso não chegou ao trabalhador que continuou subestimado e foi desapropriado das terras onde vivia, oferecendo mão de obra braçal barata.

Retomando as características econômicas desta região, expressaram-se como em muitas regiões neste país, onde existe recurso natural em abundância e predomínio de mão de obra primária. Os exploradores se utilizaram dos recursos naturais e da força braçal desvalorizada, para lucrar. O primeiro foco foi a erva-mate, inicialmente bebida consumida pelos nativos e depois introduzida entre os imigrantes, que a divulgaram além das fronteiras, fazendo com que se tornasse parte do hábito alimentar desta região, o que aconteceu paralelamente nas cidades vizinhas; expandindo-se pelo Paraná e outras regiões brasileiras e chegando ao exterior, enriqueceu os fazendeiros e grandes proprietários, e contribuiu para a economia do lugar. Neste contexto os nativos foram gradativamente excluídos da vida nas vilas, que cresciam imitando o jeito de viver das cidades. Esse jeito novo de viver destoava do costume do habitante que vivia nesta região; nesse tempo a maioria era formada por caboclos, filhos de brancos com índios, e viviam sustentados pela floresta como seus antepassados, caçando, pescando e utilizando-se de algumas folhas e plantas como bebida. A descoberta e a popularização da erva-mate incentivou a construção de ferrovias para transportar o produto, mas também trouxe no bojo o interesse da indústria madeireira pela floresta de araucárias, tendo início a devastação da floresta (RIESEMBERG, 1989)

Com o propósito de desenvolver a região mirando-se no exemplo de outras regiões brasileiras e seus colonizadores, destaca-se nesta região o Coronel Amazonas que, pensando em desenvolver a região, incentivou a vinda de colonos poloneses, ucranianos e alemães para esta região, que viam a necessidade de desmatar para plantar e produzir, diferenciando-se do sertanejo, dependente do ciclo natural da floresta e de seus recursos. Esta entrada de imigrantes necessitou do apoio do sertanejo para apropriar-se de suas terras e até mesmo deslocar-se na mata; isto favoreceu a miscigenação étnica, refletindo-se no modo de apropriar-se da natureza e de modificá-la em seu benefício, e com isso o habitante foi gradativamente transformando-se com ela, assim como suas necessidades e as concepções sociais e econômicas.

(SILVA,1933; RIESEMBERG,1989).

Os imigrantes trouxeram consigo a necessidade de desbravar a floresta e tornar a terra produtiva, e isso causava um impacto para o sertanejo, que se alimentava e vivia com harmonia na floresta. Esta disparidade gerou um conflito pela posse destas terras, que envolveu os colonizadores e sertanejos, sob a maestria de interesses estrangeiros que se apossaram da riqueza florestal desta região, em total descaso com a população e seus descendentes que já nasceram empobrecidos, desconhecendo a verdade sobre a riqueza florestal desta região. A exploração da floresta por estrangeiros, e seu repatriamento dos lucros, empobreceu a região e escasseou-se o alimento da população nativa, iniciando um conflito que, reunindo outras causas, culminou com a guerra do Contestado (THOMÉ, 1992). O final dos conflitos caracterizou-se pelo extermínio dos poucos defensores da terra, iniciando-se assim um movimento de migração interna à procura de segurança e sustentabilidade.

Após os conflitos da região do Contestado, empobrecida a população da área rural e os recursos naturais que davam sustentação a esse povo, iniciou-se um movimento de deslocamento dessa população para as vilas e povoados e para a cidade de União da Vitória. Este movimento ficou conhecido no Brasil como êxodo rural. Essa população sem escolaridade, acostumada a viver da coleta dos recursos naturais, chegou à cidade à procura de emprego em uma região que se encontrava em franca decadência das atividades primárias extrativas, explorada ao longo de aproximadamente 70 anos. Com poucos recursos, sem poder comprar um lugar para morar, iniciaram uma ocupação em áreas de risco, nas margens do Rio Iguaçu, em constante controle do aumento do volume do rio por ocasião das enchentes. Repete-se, como em outros lugares, a falta de infraestrutura potencializada pelas enchentes, que leva esta população, a partir de 1990, à coleta de material reciclável como recurso de sobrevivência. (FAGUNDES; RIBAS,2002).

Com as transformações no mundo do trabalho no contexto globalizado, surge a precarização do trabalho alicerçada no subemprego, independente, sem carteira assinada (por conta própria). Isto inicialmente apareceu sob a forma de contrato temporário, combinando o valor do trabalho conforme a tarefa, chamada de “bico”. O pagamento pelo trabalho executado não insere nenhuma contribuição que vise a aposentadoria; isso foi depreciando e

desvalorizando o trabalhador, provocando um sentimento de inutilidade e instabilidade do emprego, em constante ameaça de desemprego. Se, por um lado, isto pode revelar a carência de absorção de mão de obra e de oferta de trabalho, por outro indica condições e situações aviltantes para as quais as políticas públicas não podem fechar os olhos, se pensarmos nas dimensões psicossociais das pessoas e famílias imersas, na situação de lixo.

PARTE II

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nossa proposta neste trabalho foi estudar a invisibilidade social dos catadores de material reciclável encontrados no lixo, buscando entender como é viver do e no lixo para essas pessoas, que se repete na realidade brasileira, e nas cidades pequenas como em União da Vitória PR

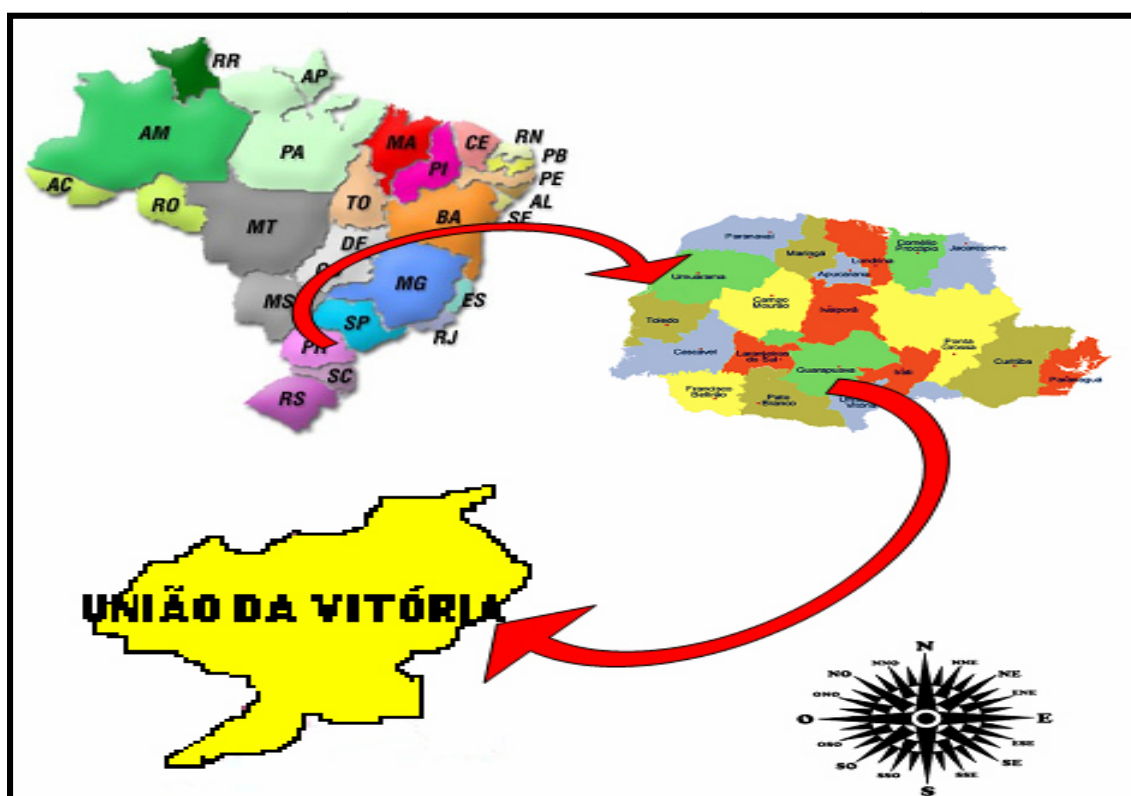
Localização do Município de União da Vitória – PR.

Área: 713.565 km². Altitude: 752 metros acima do nível do mar”.

Latitude sul 26° 13’ 48” e Longitude oeste 51° 05’ 11.

População: 52.735 habitantes. População urbana: 50.002. População rural: 2.751 pessoas. (IBGE, 2010)

Figura 14– Mapa de localização do município de União da Vitória-PR.



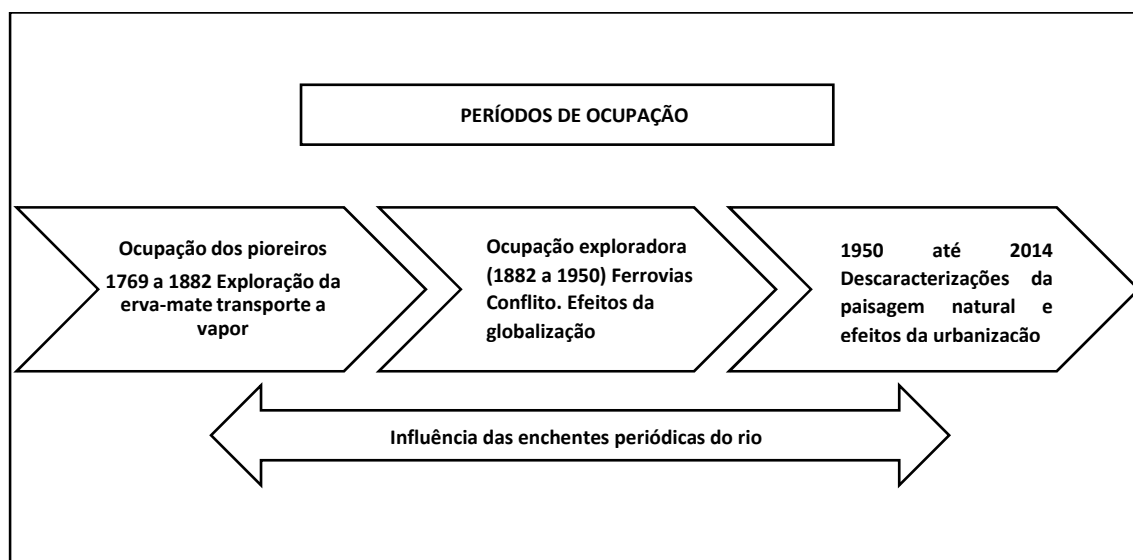
Fonte: IBGE. Adaptado pelo autor (09 de junho de 2015).

A pesquisa bibliográfica foi elaborada com base em material já publicado em material impresso, como livros revista jornais, teses, dissertações, bem como materiais disponibilizados na internet. Isto permitiu investigar de uma

forma ampla a realidade em um grande espaço geográfico. Destacando conforme Minayo (2011, p.14), o objeto qualitativo das ciências sociais “ é a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente a realidade do mundo.”

1ª etapa - Inicialmente desenvolvemos uma reflexão sobre o contexto histórico de União da Vitória-PR, marcado pela exploração dos recursos naturais de forma insustentável, que refletiu na descaracterização da paisagem e no empobrecimento das atividades rurais, desencadeando a urbanização espontânea, sem planejamento, para receber essa população rural. Este movimento populacional deslocou pessoas, em sua maioria sem recursos e com baixa escolaridade para as exigências do mercado de trabalho, que encontrou saída no subemprego, alojando-se em áreas de risco ou sem infraestrutura. Esta região também recebe influência dos fenômenos climáticos cíclicos, que provocam enchentes. Para dar visualização a essas características socioeconômicas do lugar e sua ocupação histórica de exploração construímos uma linha do tempo.

Figura 15 – Linha do Tempo – Marcas relevantes das características socioeconômicas em União da Vitória



Fonte: A autora 9 de junho de 2015.

Estudar a paisagem física e humana de um determinado lugar envolve o contexto histórico. O que vemos não está só no presente, mas está

concretizado na imagem da cidade antiga, percorrida pelas gerações, no passado e no presente. As conquistas são lembradas e registradas, e as falências e prejuízos são camuflados, marcando as disparidades sociais; de maneira que tanto os elementos naturais como os sociais sofrem constantes transformações e interferência da evolução econômica, refletindo-se na vida cotidiana das pessoas, principalmente para os que não têm emprego, recursos e escolaridade.

2ª etapa - Para desvendar a invisibilidade social dos catadores de materiais recicláveis encontrados no lixo, e suas relações estabelecidas neste deambular pelas ruas na busca de sobrevivência e de existência psicossocial, foram sistematizadas e reunidas referências teóricas sobre o tema em questão, na busca de compreender como vivem os catadores em outros espaços geográficos do Brasil, principalmente nas capitais dos estados brasileiros, destacando os estados da região Sudeste, que possuem a maior concentração demográfica no Brasil, com características de urbanização espontânea, sem planejamento, o que potencializa problemas urbanos, como resíduos sólidos acumulados na periferia das cidades assim como, populações em situação de vulnerabilidade social, que encontram no lixo recurso para sua manutenção pessoal.

2.1 TEMA INVESTIGADO EM DISSERTAÇÕES E TESES

Esta investigação retrata como a temática catador de material reciclável vem sendo investigada nas Universidades e pesquisas científicas no Brasil, registrando a inquietude principalmente onde existe maior concentração populacional nos últimos dez anos, apontando para mudanças nas políticas públicas. Neste sentido, para elucidar e dar visibilidade a essas pesquisas, foi realizada uma busca nas bibliotecas digitais da UNESP (www.unesp.br), PUCSP (www.pucsp.br), EBAPE (ebape.fgv.br), PUCGO (www.pucgoias.ed.br), UFS (www.ufs.br), UFSC(www.ufsc.br), UFRGS(www.ufrgs.br), PUCRGS (www.pucrs.br), USP(www.usp.br), UFRJ(www.ufrj.br), PUCRJ (www.puc-rio.br), UFPEL (www.ufpel.ed.br), UFMG (www.ufmg.br), UEMG(www.uemg.br), UNB (www.unb.br), UFPE (www.upe.br), UNICAMP (www.unicamp.br), UECE (www.uec.br), UNESP(www.unesp.br) e

UFF(www.uff.br) UFPR (WWW.ufpr.br).

A busca, nas bibliotecas digitais de dissertações e teses nesta pesquisa está limitada aos anos de 2004 a 2014, e foi iniciada a partir das seguintes palavras-chave: “catador”, “lixo”, “material reciclável”. A palavra que obteve maior número de resultados foi “lixo”; em segundo lugar as palavras “material reciclável”, embora tenha revelado pesquisas ligadas a questões ambientais e problemas referentes à poluição. A palavra “catador” trouxe à tona os títulos sobre os catadores de lixo e as formas como vivem do material reciclável coletado no lixo.

O critério escolhido para buscar as investigações sobre essa temática em Universidades foi optar pelas cidades mais populosas e povoadas do Brasil, considerando que o lixo, nas metrópoles se destaca como um problema ambiental crescente, ao mesmo tempo em que é valorizado pela indústria de reciclagem que se utiliza do lixo como matéria prima, coletado principalmente por catadores que oferecem mão de obra barata. Com estas considerações foi realizada uma busca nas Universidades Federais e Estaduais e Pontifícia Universidade Católica, esta última, por oferecer a segunda maior produção sobre o assunto, localizadas nas capitais dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Pelotas no Rio Grande do Sul, Belo Horizonte em Minas Gerais, Recife em Pernambuco, Fortaleza no Ceará, Curitiba no Paraná, Florianópolis em Santa Catarina, Aracaju em Sergipe, e no Distrito Federal em Brasília. Tanto as teses como as dissertações sobre o problema do lixo e dos catadores estão distribuídas em várias áreas como: Geografia, Educação, Administração, Direito Ambiental, Sociologia, Saúde Pública, Medicina, Ciências Sociais, Antropologia, Psicologia Social, Engenharia, Economia.

Quadro 1 - Panorama de pesquisa sobre Catadores de lixo, investigado em Cursos de Mestrado e Doutorado.

Temas aproximados aos Eixos Temáticos			
AUTOR	TÍTULO E ORIENTADOR	UNIVERSIDADE	ANO / CURSO
1.GONÇALVES, R. S	Catadores de materiais recicláveis: estudo de suas trajetórias de vida, trabalho e saúde.	Fundação Oswaldo Cruz,	2004. Mestrado em Saúde Pública.
2.GONÇALVES, R. C. M.	A voz dos catadores de lixo em sua luta pela sobrevivência.	Universidade Estadual do Ceará.	2005 Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e

			Sociedade
3.GONÇALVES, M.A.	O trabalho no lixo.	UNESP - Universidade Estadual Paulista	2006. Doutorado em Geografia
4.NUNES, F.O	O significado do Trabalho para agentes de limpeza e coletores de Aracaju – SE	Universidade Federal de Sergipe	2012. Mestrado. Psicologia Social
5.SOSNISKI,C.	Representando Fronteiras entre o lixo e o corpo	Universidade Federal do Rio grande do Sul.	2006. Mestrado em Antropologia social
6.SILVA, Marcelo C.	Trabalho e saúde dos catadores de materiais recicláveis em uma cidade do sul do Brasil.	Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós- Graduação em Epidemiologia.	2006. Doutorado em Medicina.
7.FEITOSA, D. A.	Cuidados e sustentação da vida: Interface da Educação Popular no cotidiano de mulheres recicladoras	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2005 . Doutorado em Educação
8.SOUSA, Maria C.	A Dinâmica prazer-sofrimento na ocupação de catadores de material reciclável estudo com cooperativas do D. F.	Universidade de Brasília.	2007. Dissertação de Mestrado. Em Psicologia
9.SEVERO, R. G.	Catadores de materiais recicláveis da cidade de Pelotas: situações de trabalho.	Universidade Federal de Pelotas	2008.Dissertação Mestrado em Ciências Sociais
10.CHAVES, Priscila F.	Famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos na perspectiva da Educação Ambiental: condições de risco e processos de resiliência.	Universidade Federal do Rio Grande – FURG	2011. Mestrado em Educação.
11.JUNCÁ, D. C. M	Mais que sobras e sobrantes: vida e trabalho no lixo	Fundação Oswaldo Cruz	2004. Tese Doutorado em Saúde Pública.
12.MIURA, P. O.	Tornar-se catador: uma análise psicossocial	São Paulo: PUC	2004 Mestrado em Psicologia
13.VELLOSO, M. P.	Criatividade e resíduos resultantes da atividade humana: da produção do lixo a nomeação do resto.	Escola Nacional de Saúde Pública / Fiocruz,	2004 Doutorado
14.CUNHA, F.C.	Os luxos do Lixo: Representações sociais de lazer de catadores de papel	Universidade Federal de Minas Gerais	2010. Mestrado em Lazer Interdisciplinar
15. BAEDER.A. M	Educação Ambiental e	Universidade de	2009.

	Mobilização Social: Formação de Catadores na Grande São Paulo	São Paulo. São Paulo	Doutorado em Educação
16. CABRAL, S.M	Trabalhadores do lixo: o relato de uma pedagogia da desordem	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2011 Mestrado em Educação
17. MARTINS, C.H.B.	Trabalhadores na reciclagem do lixo: dinâmicas econômicas, sócio-ambientais e políticas na perspectiva de empoderamento	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2003 Mestrado em Sociologia
18. BRINGHENTI, J.	Coleta seletiva de resíduos sólidos urbanos: aspectos operacionais e da participação da população	Universidade de São Paulo	2004 Doutorado em Saúde Ambiental
19. BOCK, A.F.	Os (des)caminhos da gestão sócio-ambiental no território municipal: a questão dos resíduos sólidos urbanos em Medianeira – PR	Universidade Federal de Santa Catarina	2003 Mestrado em Geografia
20. PALMA, I.R.	Análise da percepção ambiental como instrumento ao planejamento da educação ambiental	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2005 Mestrado em Engenharia
21. PROFES, M.B.	Contribuição da percepção ambiental a intervenções mais sustentáveis em assentamentos precário em áreas de vulnerabilidade ambiental – Caso Ilha Grande dos Marinheiros	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2006 Mestrado em Engenharia Civil
22 .KRELING, M.T.	Aterro sanitário da extrema e resíduos sólidos urbanos domiciliares: percepção dos moradores – Porto Alegre – RS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2006 Mestrado em Geografia
23. ALBIZU, Evelyn Joice	Diretrizes para um centro de triagem de materiais recicláveis quanto ao ambiente construído em relação à segurança e saúde no trabalho: um estudo de caso no Guarituba, município de Piraquára, região metropolitana de Curitiba	Universidade Federal do Paraná	2008 Mestrado em Construção Civil
24. CESA, M.V.	As condições hídricas e sócio-ambiental e os reflexos na saúde da população do Ribeirão da Ilha – Florianópolis – SC	Universidade Federal de Santa Catarina	2008 Mestrado em Geografia
25. SILVA, E.S.da	Gerenciamento integrado dos resíduos sólidos urbanos: e os catadores?	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2007 Mestrado em Geografia
26. PAULA, E. S.	Percepção ambiental do	Universidade	2012

de	manejo dos resíduos sólidos no Bairro do Morro da Conceição – Recife –PE	Federal de Pernambuco	Mestrado em Geografia
27. LUCKE, S.A.	O resíduo sólido urbano como fonte renovável para geração de energia elétrica: aspectos econômicos e sócio-ambientais	Universidade Estadual de Campinas	2012 Doutorado em Engenharia Civil
28. OLIVEIRA, L.N. de	Coleta seletiva no município de Santa Maria (RS):panorama, limitações e oportunidades	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2012 Mestrado em Administração
29. WITT, F.E.	Pobreza Urbana em Florianópolis no início do século XXI: reflexões a partir do estudo comparativo de três casos	Universidade Federal de Santa Catarina	2010 Mestrado em Geografia
30. OLIVEIRA, H.S. de	A gestão da coleta de lixo em áreas pobres do Recife-PE: o desafio da problemática ambiental em Áreas Urbanas	Universidade Federal de Pernambuco	2009 Mestrado em Geografia
31. MAGALHÃES. Beatriz Judice.	LIMINARIDADE E EXCLUSÃO: os catadores de materiais recicláveis e suas relações com a sociedade brasileira.	Universidade Federal de Minas Gerais	2012 Mestrado em Antropologia. Belo Horizonte.
32. OLIVEIRA, N. A.	A percepção dos resíduos sólidos (lixo) de origem domiciliar, no bairro Cajuru - Curitiba-PR: um olhar reflexivo a partir da educação ambiental.	Universidade Federal do Paraná	2006 Mestrado em Geografia
33. TAVARES, I A. Faria.	Do lixo à reciclagem: Uma visão sobre o trabalho dos catadores no Município de Divinópolis.	Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG.	2009 Mestrado em Educação, Cultura e Organizações Sociais
34. VELLOSO, M. P.	Criatividade e resíduos resultantes da atividade humana: da produção do lixo a nomeação do resto	Fundação Osvaldo Cruz	2004 Escola Nacional de Saúde Pública
35. HEIDEN, A. I Von Der.	Cooperativas de reciclagem e lixo e inclusão social:o caso do município de Itaúna – MG	Universidade do Estado de Minas Gerais FUNEDI	2007 Mestrado em Educação, Cultura e Organizações Sociais.
36. MARCONDES. C. A.	A coleta seletiva na cidade de Porto Alegre: uma visão sobre meio ambiente, economia e renda dos catadores.	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	2012. Mestrado em Economia do desenvolvimento.
37. MARTINEZ, J.	Análise da degradação ambiental da Vila de	Universidade Federal do Paraná	2006. Mestrado em

	Encantadas – Ilha do Mel/PR, com enfoque no lixo – Uma Introdução		Geografia, Setor de Ciências da Terra
38. MARTINS, C. H.	Trabalhadores na Reciclagem de Lixo: Dinâmicas Econômicas Socioambientais e Políticas na Perspectiva do Empoderamento.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2003 Doutorado em Sociologia
39. FERRARINI, Adriane Vieira	Pobreza: A Possibilidade de Construção de Políticas Emancipatórias.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2007 Doutorado em Sociologia
40. MIRANDA, G. K.	Urbanização turística e dinâmica socioespacial do trabalho em Porto de Galinhas – PE.	Universidade Federal de Pernambuco.	2012 Mestrado em Geografia.
41. NEVES, Fábio de Oliveira	Gestão pública de resíduos sólidos urbanos: problemática e práticas de gestão no oeste paranaense	Universidade Federal do Paraná.	2013 Doutorado em Geografia.
42. PEIXOTO, B.M.	Catadores de sonhos	Pontifícia Universidade de São Paulo	2010 Mestrado em Psicologia Social
43. CARMO. M. S.F.	A PROBLEMATIZAÇÃO DO LIXO E DOS CATADORES: estudos de caso múltiplo sobre políticas públicas sob uma perspectiva foucaultiana	EBAPE da Fundação Getulio Vargas – FGV	2008 Doutorado em administração
44. KUHN, Marla Fernanda.	Ilha Grande dos Marinheiros contexto de vulnerabilidade riscos e resiliência.. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.2008.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul.	2008 Mestrado em Geografia.

Fonte: desenvolvido pelo autor (2015).

Essas temáticas investigadas nas Universidades podem gerar contribuições para melhorar a vida das pessoas que vivem deste trabalho, assim como do ambiente das cidades. Para dar visualização sobre os títulos e pesquisas nos Cursos de Pós Graduação foi construída o seguinte quadro panorâmico com 44 produções, nos últimos 10 anos:

2.2 TEMA INVESTIGADO EM ARTIGOS

A busca também foi realizada em artigos da base SciELO, entre os que convergem para a mesma problemática, investigando com as mesmas palavras-chaves: “catador”, “lixo” e “reciclagem de lixo”. A busca deu-se em

revistas e periódicos publicados em várias especialidades, nas áreas da saúde, educação, engenharia ambiental e psicologia, conforme seguem: Cadernos de Saúde Pública, Psicologia & Sociedade, Cadernos Ebape, Ciência & Saúde Coletiva, Educação e Sociedade, Educação e Pesquisa, Revista Brasileira de Epidemiologia, Revista Latino-Americana de Enfermagem, Engenharia Sanitária Ambiental, Revista Sociedade e Natureza, Revista do II Congresso Mundial de Educação Ambiental, Arquivos Brasileiros de Psicologia, Psico (Porto Alegre); Revista Pegada (UNESP), Gestão e Produção (São Carlos), Psicologia, Organização e Trabalho, Revista de Saúde Pública, Revista de Ciência e Pesquisa, Revista da Universidade de Fortaleza, Revista Panamericana, Saúde Pública (SP), Ciência & Educação, Engenharia Sanitária.

Nossa proposta foi pesquisar como vivem os catadores em outras regiões, identificando suas conquistas e semelhanças nas problemáticas, uma visão panorâmica sobre o catador no Brasil sem a preocupação com a totalidade, diante da impossibilidade de abarcar todas as publicações.

Quadro 2 - Panorama de pesquisa sobre Catadores de lixo, em artigos.

- ARTIGOS PUBLICADOS NA BASE DE DADOS SCIELO (com aproximação aos Eixos da Pesquisa)			
AUTOR	TÍTULO	PERIÓDICO	MÊS/ANO/V./N./P P
1. PORTO, M. F. de S.; JUNCA, D. C. de M.; GONÇALVES, R. de S.; FILHOTE, M. I. de F.	Lixo trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro	Cad. Saúde Publica.	2004 v. 20 n.6:p.1503 - 1514
2.BOSI, A. de P	A organização capitalista do trabalho "informal": o caso dos catadores de recicláveis.	Revista Brasileira de Ciências Sociais,	2008 v. 23, n. 67, junho/, p. 101 – 117.
3. CARMO, S.	A semântica do lixo e o desenvolvimento socioeconômico dos catadores de recicláveis – considerações sobre um estudo de caso múltiplo em cooperativas cidade do Rio de Janeiro	Cadernos Ebape	2009 .V.7, n.4, artigo 5, Rio de Janeiro, dez p.591-606.
4. VELLOZO, M. P.	Os catadores de lixo e o processo de	Ciência & Saúde Coletiva.	2005. 10(sup.): Volume

	emancipação social		único 49 – 61,
5 .VELLOZO, M. P.	Os restos na história: percepções sobre resíduos.	Ciência & Saúde Coletiva.	2008 v.13n. 6:1953-1964.
6. VELLOSO,M.P.	Da Produção do Lixo à Transformação do Resto	Ciência & Saúde Coletiva	2010 v.15n. 4p.2229-2240,
7. MACIEL, H. R; MATOS, T.C. R.; BORSOL, I. C.F.; MENDES, A.B.C.; SIEBRA, P.T.; MOTA,S.A	Precariedade do trabalho e da vida de catadores de reciclável em Fortaleza	Arquivos Brasileiros de Psicologia	2011 v. 3 n. 1: p 71 – 82.
8. KIRCHNER, R. M.; SAIDELLES, A. P. F.; STUMM E. M. F.	Percepções e perfil dos catadores de materiais recicláveis de uma cidade do RS.	Revista brasileira de gestão e desenvolvimento regional. Taubaté, SP, Brasil	2009. v. 5, n. 3, p. 221-232,
9. MEDEIROS, L. F. R.; MACEDO, K. B.	Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?	Psicologia & Sociedade	2006. v.18(2):62-61
10 .FERRAZ, L.; GOMES, M.	Uma existência precarizada: o cuidado da prole no trabalho de catação de material reciclável.	Revista Sociedade e Estado	2012. v. 27, n. 3, set./dez. p.652-262
11. PEREIRA, Maria Cecília Gomes;TEIXEIRA Marco Antonio	. A inclusão de catadores em programas de coleta seletiva: da agenda local à nacional.	Cad. EBAPE.BR	2011. v. 9, nº 3, artigo 10, Rio de Janeiro, p. 895-913
12. PAIXÃO, L. P.	Significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão.	Cadernos de Pesquisa	2005. v. 35, n. 124, jan./abr, p. 141-170.
13. PAIXÃO, L. P.	Significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão.	Cadernos de Pesquisa	2005 v. 35, n. 124, jan./abr., p. 141-170
14. VASCONELOS, R. C.; LIMA, F. P. A.; CAMAROTTO, J. A.; ABREU, A. C. M. da S.; COUTINHO FILHO,	Aspetos de complexidade do trabalho de coletores de lixo domiciliar: a gestão da variabilidade do trabalho na rua.	Gestão & Produção	2008. v.5, n.2. São Carlos, mai./ago. p. 407- 419.
15. MELO,M.F.A.Q.; SILVA,M.A. ALBUQUERQUE,E.P.T.; RAMOS,L.T.M.; GONÇALVES,D.E.S.;	Sucata vira brinquedo. Tradução a partir de restos	Psicologia &Sociedade	2007. 19(2)p. 114-121

OLIVEIRA,M.H.;MIRAND A,G.d.C			
16. HISATUGO, E.; MARÇAL, O. J.	Coleta Seletiva e reciclagem como instrumentos para a conservação ambiental : um estudo de caso em Uberlândia, MG	Sociedade & Natureza,	2007 ,19 (2): p.205-216, dez.
17. CYNAMON,S.E. ; MONTEIRO,T.C.N.	Solução para remoção de lixo nas favelas	Cad. Saúde Publica	2000. 19(5):p.1413-1424
18. JACOBI, P. R.; BESEN, G. R.	Gestão de resíduos sólidos em São Paulo: desafios da sustentabilidade	Engenharia Sanitária Ambiental	2012 v. 25, n. 71, abr.135 - 158
19. SIQUEIRA, M. M.; MORAES, M. S. de.	Saúde coletiva e os resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo.	Ciência & Saúde Coletiva,	2009. 14, n. 6, p. 2115 - 2129.
20. CASTRO, Elton André Silva de	Segregação socioespacial, constituição do sujeito e significação do cotidiano	Psicologia Sociedade	2012 . Belo Horizonte , v. 24, n. 1, p. 75-83, abr.
21 .MACIEL, R. H; MAIA, L. M.	Catadores de material reciclável e identidade social: uma visão a partir da pertença grupal	Interação Psicologia.	2012 v. 16, n. 2. Curitiba, jul./dez. p. 239 – 247
22. JUNCA, D. C. M	Vida de cata-dor: outras palavras sobre o lixo	Cadernos do CEAS,	2001 v. 193, p. 61-68.
23. LEONE, E. T.; MAIA, A. G.; BALTAR, P. E	Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil.	Economia e Sociedade	2010. v. 19, n. 1.p.59-77
25. SANTOS, G. O.; SILVA, L. F. F	Os significados do lixo para catadores e garis de Fortaleza.	. Ciência & Saúde Coletiva	2011. v. 16, n. 8, , p. 3413 - 3419.
26. FERRAZ, L.; GOMES, M. H	Uma existência precarizada: o cuidado da prole no trabalho de catação de material reciclável.	Revista Sociedade e Estado	2012. v. 27, n. 3, set./dez. 652-262
27. DALL'AGNOL C.M.; FERNANDES, F.S.	Saúde e autocuidado entre catadores de lixo: vivências no trabalho em uma cooperativa de lixo reciclável	Revista Latino Americana de Enfermagem	2007 v.15, set./out.
28. ANJOS, L.A. dos; FERREIRA, J.A.	A avaliação da carga fisiológica de trabalho na legislação brasileira deve ser revista!	Cadernos de Saúde Pública	2000 v.16, n.3, jul./set., p.785-790

	O caso da coleta de lixo domiciliar no Rio de Janeiro		
29. BEZERRA, M.J.; GUIMARÃES, N.M.; MELO FILHO, D. A. SZWARCOWALD, C.L.	Condição de vida e mortalidade infantil: diferenciais intra-urbanos no Recife, Pernambuco, Brasil	Cadernos de Saúde Pública	2003 v.19, n.5, set./out./p. 1413-1424,
30. VELLOSO, M.P.; SANTOS, E.M; ANJOS, L. A. dos	Processo de trabalho e acidentes de trabalho em coletores de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro, Brasil	Cadernos Saúde Pública	1997 v.13, n.4, p.693-700, out./dez.
31. ACSELRAD, H.	Tecnologias sociais e sistemas locais de poluição	Horizontes Antropológicos	2006 v.12, n.25, jan./jul., p.117-138
32. GAZZINELLI, M.F.; LOPES, A. PEREIRA, W. GAZZINELLI, A.	Educação e participação dos atores sociais no desenvolvimento de modelo de gestão do lixo em zona rural em Minas Gerais	Educação & Sociedade	2001. V.22, n.74, abr./p. 225-241
33. RÊGO, R.C.F.; BARRETO, M.L.; KILLINGER, C.L.	O que é lixo afinal? Como pensam mulheres residentes na periferia de um grande centro urbano	Cadernos de Saúde Pública	2002 v.18, n.6, nov./dez p.1583- 1592.
34. CAVALCANTE S.; FRANCO,A.F.M.	Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu., Fortaleza.	Revista Mal-estar e Subjetividade	2007 v.7, n.1, p.211-231, mar..
35. FERRON, M. M.; LIMA, A K. de.; SALDIVA, P. H. N.; GOUVEIA, N	Intoxicação ambiental por chumbo em crianças de Porto Alegre	Saúde Pública,	2012 v. 46, n. 2, set./dez., p. 226 - 33.
36 GUIMARÃES, M. J. B.; MARQUES, N. M.; MELO FILHO, D. A.; SZWARCOWALD, C. L.	Condição de vida e mortalidade infantil: diferenciais intra-urbanos no Recife, Pernambuco, Brasil.	Cadernos de Saúde Pública,.	2003 v.19, n.5. Rio de Janeiro, out., p. 1413 – 1424
37. LAZZARI, M. A.; REIS, C. B.	Os coletores de lixo urbano no município de Dourados (MS) e sua percepção sobre os riscos biológicos em seus processos de trabalho	Ciência & Saúde Coletiva	., 2011 v. 16, n. 8, , p. 3437-3442.
38. MABUCHI, A. S.; OLIVEIRA, D. F.; LIMA, M. P.; CONCEIÇÃO, M. B.; FERNANDES, H.	O uso de bebidas alcoólicas por trabalhadores de serviço de coleta de lixo.	Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 15, n. 3, mai./jun. 2007, p. 446 - 52.	2007 v. 15, n. 3, mai./jun., p. 446 - 52.

39. MEDEIROS, L. F. R.; MACEDO, K. B.	Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional	Psicologia & Sociedade	2007 v. 3, , p. 72-94.
40. MIURA,P.O.;SAWAIA. B.	Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação.	Psicologia & Sociedade	2011 v. 25, n. 2, , p. 331- 341.
41. MORAES, M. S.; SIQUEIRA. M. M.	Saúde Coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo.	Psicologia & Sociedade	.9, n.2, p.2115-2122, 2007.
42. OLIVEIRA, F. P.; XIMENES, V. M.; 43 COELHO, J. P. L.; SILVA, K. S	Psicologia comunitária e educação libertadora.	Psicologia: Teoria e Prática	2008 v. 10, n. 2, , p. 147-161.
43. PEREIRA E. R; COSTA, R. M.; SILVA,A.; MELLO F. P. de, OLIVEIRA D. C. de, SILVA M. A.	Representações sociais dos catadores de um aterro sanitário: o convívio com o lixo.	Psicologia: teoria e prática,	2012 v. 14, n. 3, p. 34-47,
44. ROZMAN, M. A.; ALVES, I. S.; PORTO, M. A.; GOMES,P. O. ; RIBEIRO, N. M.; NOGUEIRA, L. A. A.; CASEIRO, M. M.; SILVA, V. A. da; MASSAD, E. ; BURATTINI, M. N.	Infecção por HIV e comportamentos de risco relacionados em coletores de lixo de Santos, Brasil.,	Revista de Saúde Pública	2008 v. 42, n. 5, , p. 838 – 43.
45. ROZMAN, M. A AZEVEDO, C. H.; JESUS, R. R. C. de; MOLDERO FILHO, R.; PEREZ JUNIOR, V.	Anemia em catadores de material reciclável que utilizam carrinho de propulsão humana no município de Santos	Revista Brasileira de Epidemiologia,.	2010 v. 13, n. 2, p. 1-10
46. SILVA, A. D. da; PINHEIRO, E.	A problemática dos resíduos sólidos urbanos em Tefé na Amazonas.	Sociedade & Natureza	2010 v. 22, n. 2. Uberlândia, ago., p. 297 – 312.
47. SILVA, F.F.; RIBEIRO,P.R.C.	O Governo dos corpos Feminino entre as catadoras de lixo: (re) pensando algumas implicações da Educação e Saúde.	Estudos Feministas,	2008 Florianópolis, 16(2): 440, maio-agosto.
48 . SOUSA ,C.M.; M. Ana M.	Viver <i>do</i> lixo ou <i>no</i> lixo? A relação entre saúde e trabalho na	Ciência & Saúde Coletiva.	2006 v.6n.2julho-dezembro.p.13- 42

	ocupação de catadores de material reciclável cooperativos no Distrito Federal com estudo exploratório.		
--	--	--	--

Fonte: desenvolvido pelo autor (2015)

3ª etapa - Simultaneamente, registraram-se em diário de campo algumas observações sobre o trabalho de deambulação de catadores, pelas ruas de União da Vitória. Foram também recolhidos materiais publicados no Jornal “ O Comércio” de União da Vitória, 2013/2014, além de fotos relativas ao trabalho dessas pessoas. Durante um ano acompanhou-se as publicações do Jornal e paralelamente observando os catadores suas dificuldades riscos relacionados ao trabalho que desenvolvem.

As comunicações e reportagens no jornal refletiram as preocupações com o ambiente de limpeza das ruas áreas inundáveis e beiradeiras do rio Iguaçu. Neste sentido se repetiu como em outras cidades brasileiras investigadas nesta pesquisa; os catadores de material retornável são invisíveis ao olhar da sociedade.

PARTE III

VIDA DE CATADOR

Nesta segunda parte da seção teórica encontram-se os resultados da pesquisa bibliográfica relativos às publicações sobre os(as) catadore(a)s de lixo. Os achados foram estruturados em torno de eixos de análise que enfocaram os seguintes aspectos em cada publicação: propostas de estudo/pesquisa; temáticas centrais enfocadas; metodologias adotadas e conclusões apresentadas – o que gerou os cinco eixos:

- a) Primeiro Eixo: características sociodemográficas dos(as) catadore(a)s;
- b) Segundo Eixo: modo de vida e luta pela sobrevivência;
- c) Terceiro Eixo: relacionamentos, família e redes de convivência;
- d) Quarto Eixo: riscos à saúde e à vida em seu cotidiano;
- e) Quinto Eixo: identidade social e imaginário ligado ao lixo.

3.1 PRIMEIRO EIXO: AS CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DOS(AS) CATADORE(A)S

Atualmente, existem atividades no campo profissional, que podem valorizar, ou ao contrário, desvalorizar a pessoa no meio social onde ela vive. As pessoas passam a ser nomeadas ou identificadas pela profissão que possuem: professor, advogado, médico, engenheiro, dentista e outros. Algumas atividades são mais valorizadas e outras menos, a ponto de serem condenadas, repudiadas e julgadas silenciosamente ou abertamente, como se fossem especificamente profissões para pessoas sem qualificação, profissões de baixa valorização; entre essas profissões está a do catador de material reciclável, que em sua função de remexer no lixo para procurar o reciclável, leva algumas pessoas a sentirem repugnância por essa atividade, chegando ao preconceito por essa profissão. (PORTO *et al.*, 2004; FERRAZ; GOMES, 2012). Existem profissões que se ampliaram e se subdividiram, outras surgiram com a modernização, industrialização e desenvolvimento tecnológico. O consumo foi acelerado, e a produção de lixo retornável acumulado junto com o lixo da população possibilitou que um grande número de pessoas sobreviva

da coleta, separação, classificação e venda do que é encontrado no lixo, mas que pode ser reciclado, entrando novamente no ciclo produtivo. Pelo lado ecológico, a matéria-prima utilizada na construção e fabricação de novos produtos passa a ser conservada ou reaproveitada, economizando recursos naturais. De outro lado a indústria de reciclagem lucra economizando na compra da matéria-prima original, mas ignora e não repassa valores para os catadores, tampouco os contrata. Assim homens e mulheres que não encontram outro recurso que gere sua sobrevivência dedicam-se a essa função informal em que, embora seja ambientalmente correta, enfrentam riscos e discriminação social (JUNCA 2004). Para identificar as características socioeconômicas e demográficas dos catadores de materiais recicláveis e suas condições de trabalho, consideramos levantamentos junto às características desse viver do lixo, conforme segue: Idade, Gênero, Situação Conjugal, Escolaridade, Renda Familiar e Movimentos Sociais.

- **Idade:** A atividade dos catadores de material reciclável no lixo, exige desempenho e esforço físico constante, em função disso o catador precisa ter saúde para poder fazer longas caminhadas, articular estratégias para chegar em determinados lugares onde existe material reciclável, depositado no lixo com regularidade. Em função destas características, a faixa etária dominante, entre os *catadores* que efetuam as atividades de coleta nas ruas, corresponde ao adulto, situado entre 20 e 40 anos, com predomínio do sexo masculino. (IPEA, 2013; NUNES, 2012; FERRAZ; GOMES, 2012; PAIXÃO, 2003, 2005). Esses trabalhadores chegaram às cidades à procura de emprego, com baixa escolaridade, normalmente vindos de áreas rurais, reflexo do êxodo rural, das regiões brasileiras que sofrem fenômenos climáticos e econômicos, ou pela baixa oferta de emprego em seus lugares de natividade. Muitas dessas pessoas não conseguiram ter um trabalho fixo nos grandes centros; por isso acabam no subemprego, na informalidade como autônomos, gerando seu próprio trabalho, e normalmente entram nas atividades primárias para desenvolver seu trabalho, como os catadores, (FERRAZ; GOMES, 2012).

A situação de precariedade e carência é uma realidade que acompanha até os catadores com mais de 60 anos. Entre eles encontram-se alguns aposentados de outras funções que exerceram durante a vida, mas, têm

necessidade de buscar complemento financeiro no trabalho de catar reciclável no lixo para melhorar um pouco a renda que recebem como aposentadoria. O mesmo acontece com aqueles que trabalharam em muitas atividades a vida toda, mas sem emprego fixo, e depois de um tempo acabaram desempregados, sem renda e sem aposentadoria. Outro grupo de faixa etária entre os catadores são os jovens até 25 anos que encontram dificuldade de inserção no mercado de trabalho, encontrando nesta atividade recurso para se manter, até encontrarem um trabalho formal. Iniciam neste trabalho de forma temporária quase sempre a convite de alguém, como os parentes, porém não encontrando outra oportunidade acabam fixando-se nessa função. Também existem crianças entre os catadores, normalmente acompanhando os pais ou parentes na trajetória à procura do lixo reciclável, e muitas delas, sem saber, começam a ajudar nesse trabalho. (IPEA, 2013; MACIEL *et al*, 2011; FERRAZ; GOMES, 2012; ; NUNES, 2012).

- **Gênero:** O movimento Nacional dos Catadores estima que aproximadamente 800 mil pessoas vivem desta atividade, e cerca de 70% são mulheres. Essas mulheres trabalham, nas cooperativas, nas associações de catadores, mas também nas ruas. Embora, exista diferenças neste total, devido ao fato de muitas mulheres que trabalham nesta função não se declararem como catadoras, mas como donas de casa. (MNCR, 2014; IPEA, 2013). Normalmente as catadoras, que assumiram a responsabilidade pelo sustento de suas famílias, trabalham em mais de uma função, por exemplo, como catadoras, triadoras, e enfardadoras, para ganhar melhor, mas, nem sempre são valorizadas pelas funções que exercem, e recebem muito pouco. Muitas catadoras que sustentam suas famílias trabalham em casa e nas ruas, numa dupla jornada de trabalho. (FERRAZ; GOMES, 2012).

A responsabilidade de trabalhar fora de casa, trazendo dinheiro para pagar as contas, comida, aluguel e outras necessidades, não lhes livra das tarefas domésticas desenvolvidas diariamente. Contudo para Chaves (2011), ser catadora e dona de casa pode ser considerado uma alternativa de sobrevivência, uma oportunidade de manutenção e cuidado com a prole. Além disso, os riscos por lidarem com lixo e desenvolverem

paralelamente a função de mães, donas de casa, trabalhadoras com material reciclável do lixo, causa doenças principalmente nas crianças, que convivem neste ambiente. Mas de toda forma, essa foi o único jeito encontrado para trabalhar e cuidar de seus filhos ainda muito pequenos, embora reconheçam os riscos que existem à saúde (MACIEL *et al*, 2011). Muitas catadoras transformam suas moradias em verdadeiros depósitos de lixo, recebendo material reciclado trazido por catadores vizinhos, ou seus companheiros que despejam a carga carregada nas ruas, na casa destas mulheres, para que elas separem. (MACIEL *et al*, 2011; FEITOSA, 2005).

Na maioria das vezes, essas mulheres, estão imersas na precariedade do trabalho com lixo e desvalorização desde que eram crianças, enfrentando preconceito pela função que exercem (FEITOSA, 2005). O trabalho de catadora não exige seleção, então se incluem mulheres de todas as idades; idosas, adultas, jovens, grávidas, mães, expostas aos maus tratos dessa função, o que tem se manifestado em desânimo e doenças. Outro problema, que as mulheres catadoras enfrentam são os problemas de violência praticada por parte de seus companheiros, além de doenças sexualmente transmissíveis (CHAVES, 2011; SILVA; RIBEIRO, 2008).

Para Paixão (2003), em algumas ocasiões os folhetos e informações educativas, que recolhem das ruas, e nos locais de saúde são compartilhados entre elas, tentando se ajudar e procurando cuidar de si neste cenário de poucas informações e ajudas. Neste trabalho de deambulação diário, quando as catadoras caminham pela cidade procurando material reciclável no lixo, recolhem, produtos em condições de uso, que têm necessidade, como roupas, utensílios para casa, brinquedos. (SILVA; RIBEIRO, 2008; MACIEL *et al*, 2011; FEITOSA, 2005).

- **A situação conjugal** - Esta é definida pela convivência entre os pares, tanto por pessoas do mesmo sexo, como por pessoas do sexo oposto. Os cônjuges convivem dividindo funções e afazeres, assumindo o cuidado de filhos, netos, sobrinhos, amigos. Como trabalham na clandestinidade sem direitos a plano de saúde, aposentadoria, férias, feriado ou descanso remunerado, para dar conta do trabalho, necessitam

de ajuda para selecionar o material trazido das ruas; este trabalho é feito normalmente nas famílias. Dentro desta realidade convivem dividindo o trabalho e os minguados recursos ganhos, entre si. Assim sendo não existe um padrão familiar, há muito mais um compartilhar no grupo com quem convivem para sobreviver (FERRAZ; GOMES, 2004; MACIEL *et al.*, 2011; SOUSA; MENDES, 2006).

- **Escolaridade** - Outra carência que se evidencia é a baixa escolaridade dos catadores adultos e a evasão escolar dos jovens e crianças. A deambulação diária, em longos percursos, os distância da escola e de suas atividades, o que contribui para a evasão escolar; a prioridade é saciar a fome, procurar abrigo para suportar o frio ou desviar-se do sol forte, e é desta forma que seguem. A baixa ou nenhuma escolaridade reflete-se na limitação de oportunidade e impactos negativos na qualidade de vida dos catadores, assim como o analfabetismo funcional, considerando que sabem ler e escrever, mas não conseguem escrever sobre si, ou não conseguem escrever sobre algo que queiram expressar, dizer ou reclamar. Na pesquisa com catadores em um aterro no Rio de Janeiro, Porto *et al* descreveram:

Quando a questão é o nível de escolaridade, quer se trate de homens ou mulheres, a maioria (90,0%) sabe ler e escrever, embora 23,0% apontem dificuldades para tanto. É pequeno o índice daqueles que nunca estudaram (6,8%), enquanto que mais de 90,0% chegaram a ingressar no ensino formal. Desse grupo, porém, apenas 6,4% concluíram o ensino fundamental, e 1,8% que terminaram o ensino médio. (PORTO *et al.*, 2004, p.1506)

Essa condição de baixa escolaridade limita a leitura de mundo e as possibilidades de saída para outras atividades. O próprio movimento pendular diário dos catadores impossibilita o cumprimento do horário escolar, assim como a frequência às aulas. Embora considerem importante a escolaridade, não lhe dão prioridade. Os mais velhos revelam seu pesar por terem perdido a oportunidade para estudar, e acreditam que suas histórias poderiam ser outras se tivessem estudo; por isto valorizam o estudo, esperando que os filhos ocupem trabalhos melhores na vida. (GONÇALVES, 2005; SOUSA; MENDES, 2006; PAIXÃO, 2005; MEDEIROS; MACEDO, 2006; CHAVES, 2011).

Kirchner, Saidelles e Stumm (2009, p.221), ao descrever o perfil sociodemográfico dos catadores, identificaram que existe relação entre escolaridade e oportunidade de trabalho melhor, sendo que “24% são analfabetos e 72% têm apenas o ensino fundamental incompleto.” Com esses dados de baixa escolaridade os rendimentos não dão sustento às prioridades básicas: comer, morar e vestir, conduzindo esses trabalhadores ao descaso, relegando-os à miséria, fazendo com que necessitem dedicar mais horas ao trabalho. Estudar ou ir à escola significaria dedicar-lhe um tempo que não possuem.

Diante das dificuldades enfrentadas no trabalho dos catadores, a preocupação com a vida escolar de seus filhos limita-se em saber apenas que eles saibam ler e escrever; e pela permanência na escola como forma de inserção social. As mães catadoras, embora saibam da importância dos estudos para seus filhos também, enfrentam na escola, juntamente com seus filhos, preconceito pela função que exercem (PAIXÃO, 2005; FEITOSA, 2005; MACIEL *et al*, 2011).

Na maioria das pesquisas desenvolvidas entre os catadores, a escolaridade e a importância da escola estão relacionadas à expectativa de que a educação pode melhorar a vida de seus filhos (PORTO *et al.*, 2004; VELLOSO, 2005, 2008; SANTOS; SILVA, 2011, MEDEIROS; MACEDO, 2006; PAIXÃO, 2005). Acreditam em um futuro melhor como proposta para melhoria de qualidade de vida, conforme descreve Paulo Freire (1996), ao afirmar que a alfabetização deve ir além dos processos de codificação e decodificação, promovendo a conscientização acerca dos problemas cotidianos, a compreensão do mundo e o conhecimento crítico-histórico da realidade social.

Renda dos catadores: O trabalho do catador de recicláveis é considerado uma forma de inserção em um mercado de trabalho desestruturado, considerando que ele resulta em recursos para venda de produtos do lixo para sua sobrevivência, mantendo o catador subordinado às condições deste mercado cruel das ruas em situação de extrema precariedade (SEVERO, 2008; SILVA, 2006). Inserir-se nessa atividade significa coletar nas ruas, manusear o lixo separando-o por qualidade, enfardar, empilhar, transportar até o comprador e vender. A catação de recicláveis é considerada um trabalho, mas não um emprego, pois o catador autônomo não possui

qualquer tipo de apoio dos órgãos do governo, já que trabalha por conta própria. Como não há regularidade, nem manutenção de um valor fixo, o valor arrecadado por mês é muito baixo, não é suficiente para viver. Os dados do Censo Demográfico do IBGE indicam que a renda média em 2010, segundo os próprios trabalhadores, era de R\$ 571,56. Ressalte-se que o salário mínimo da época era de R\$ 510,00 (IBGE, 2010), mas isto não corresponde à realidade da maioria dos catadores, que raramente conseguem ganhar esse valor. A possibilidade de melhorar e chegar pelo menos nesse patamar aponta para a inserção do trabalho do catador pelas empresas de reciclagem.

As discussões sobre a reciclagem e a inserção do catador no mercado formal são pauta dos modelos atuais de sustentabilidade e dos encontros dos ambientalistas no Brasil, considerando que a indústria de recicláveis só se tornou viável neste país pelo baixo custo da mão de obra, de forma a compensar os investimentos e tecnologia nesse setor com a colaboração de trabalhadores anônimos pagos por sua produção (MEDEIROS; MACEDO, 2007); se não existissem os catadores não haveria lucros para a indústria de reciclagem. O incentivo ao aproveitamento da matéria-prima contida em produtos descartáveis envolveu centenas de pessoas que, sem outra opção de emprego, saíram à procura e coleta desses produtos, reinserindo-os no mercado do capital, porém o trabalho não resultou em formalização dessa mão de obra.

Os catadores apresentam pouco conhecimento e resistência para negociar os preços de venda do material recolhido; acabam recebendo pouco pelo trabalho desenvolvido, e isso desestabiliza sua remuneração, tornando-a variável e quase sempre no patamar mínimo para a subsistência (MEDEIROS; MACEDO, 2007). A receita dos catadores pode variar conforme o número de viagens carregando sua carroça, carrinho ou bicicleta, que pode ser calculadas por dia ou por mês, conforme sua capacidade física e de saúde. Neste trabalho constante o corpo é usado para transportar o lixo desdobrando esforço, por isso a saúde é vista como possibilidade de trabalho, e mesmo diante das dificuldades os catadores pensam no lixo como instrumento de seu trabalho; sua relação com o lixo é parte do cotidiano e vista com naturalidade (SOSNISKI, 2006 ; SEVERO, 2008; SILVA, 2006).

Para vender por um melhor preço é necessário separar o lixo seco do lixo molhado ou orgânico. Os materiais mais valorizados são: papel, papelão, plásticos, garrafas de vidro e plástico e latinhas de alumínio, que passaram a ser reutilizáveis e valorizados, com retorno incentivado. Sendo assim, o valor do lixo que foi descartado está no objeto seco que pode entrar novamente no ciclo do mercado de materiais recicláveis (SILVA; RIBEIRO, 2010; PAIXÃO, 2003). Normalmente o lixo vem misturado, resultado da falta de cooperação entre os geradores de resíduos, catadores.

O descaso que a maioria das pessoas tem com o lixo é transferido àqueles que trabalham profissionalmente com o lixo, ligado à pobreza e miséria. Podemos dizer que existe um significado negativo sobre o lixo, oculto nas pessoas, relacionado ao objeto do qual se desfez, que foi descartado, negado, que não tem mais utilidade; isso remete ao trabalho do catador, que se qualifica como precário, devido às condições para sua realização e seu impacto na vida e na saúde desses trabalhadores (MACIEL *et al*, 2011; CARMO 2009; PEREIRA *et al*, 2012).

Para Carmo (2009), a representação social do trabalho do catador por um lado é negativa, destacada por forte exclusão social. O sentido inverso, isto é, olhar positivamente para o lixo, pode contribuir com a profissão dos catadores, valorizando-os e inserindo-os no mercado formal. A autora apostou na ressemantização positiva do lixo, mediante a mudança de significados nos discursos em relação ao lixo, para desta forma favorecer a colaboração da sociedade na separação do lixo reciclável e também nas políticas públicas. Desta forma, embora contribuam para a melhoria do ambiente, os catadores convivem entre extremos; ser ambientalmente correto, e excluído socialmente, refletido no baixo valor que recebe pelo trabalho na catação, o que caracteriza a exploração do seu trabalho (REGO *et al*, 2002).

- **Movimentos Sociais:** A situação de catação é comum nas ruas das cidades brasileiras, e está ligada principalmente à falta de oferta de trabalho, ao aumento de resíduos devido à intensificação da oferta de produtos descartáveis, e à preocupação universal com as questões ambientais.

No ano de 2002, os catadores receberam a notícia da regulamentação de sua profissão pela CBO (Classificação Brasileira de Ocupações).

Com relação à categoria profissão, os catadores tiveram sua profissão regulamentada em 2002, e sob o número 5 192, são registrados na CBO – Classificação Brasileira de Ocupações. O reconhecimento da profissão de catador de material reciclável representou um importante passo na busca por reconhecimento de seus direitos. Ocorre que, desde essa época, os avanços em relação à normalização das relações de trabalho foram tímidos, e nota-se o predomínio da informalidade nas relações de trabalho. (MEDEIROS; MACEDO, 2006, p. 67)

Para dar conta de efetivar as funções próprias desse trabalho é necessário apoio da família, amigos e comunidade; isto contribui subjetivamente de forma positiva na vida dos catadores, compartilhando tarefas. Suas relações cotidianas são principalmente colaborativas dentro do espaço familiar. Reconhecer reflexos positivos na relação entre catadores parentes ou da mesma comunidade ajuda a ultrapassar as dificuldades encontradas, a suportar a dor física e psicológica gerada pela ansiedade e a incerteza do que irão encontrar no dia seguinte, que será vendido para suprir suas necessidades básicas (SARTI, 1996).

Devido tantas adversidades e descaso social vividos pelos catadores, a categoria criou um movimento impulsionando-os a lutar pelos direitos em diversas regiões do Brasil, articulando um mesmo objetivo e tornando possível a organização de um movimento nacional, unindo reivindicações em diferentes lugares no Brasil. Surgido em 1999 e fundado em junho de 2001, o Movimento Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis (MNCR: 2014), e tem os seguintes objetivos para os catadores: Conquistar a autogestão, isto é, ser dono do próprio equipamento; ter liberdade para organizar e desenvolver seu trabalho e poder decidir, planejar e executar as tarefas de seu trabalho; promover decisões compartilhadas respeitando as opiniões e o debate; romper com a apatia, indiferença e acomodação; colocar-se contra a privatização do lixo; buscar a independência de classe em relação aos partidos políticos, governos e empresários; cobrar das empresas privadas e produtoras de resíduos pagamento pelo material recebido; ser contrários ao individualismo competitivo entre os pares; buscar apoio e solidariedade entre os companheiros deste e de outros países; conquistar seus direitos a moradia, educação e saúde, alimentação e lazer (MNCR, 2014).

O movimento no 1º Congresso Nacional dos Catadores(as) de Materiais

Recicláveis em Brasília, que reuniu 1700 catadores. Foram eleitos neste encontro representantes das regiões brasileiras e criou-se uma comissão para discutir os problemas no contexto nacional. Durante este congresso foi lançada a Carta de Brasília, onde se encontram reunidas reivindicações e necessidades dos catadores, destacando-se o problema da informalidade marcada no trabalho clandestino desses trabalhadores.

Em 2003 aconteceu o 1º Congresso Latino-Americano de Catadores em Caxias do Sul – RS. Este Congresso divulgou a Carta de Caxias, que difunde a situação dos catadores da América Latina, unificando a luta entre os catadores do Brasil, Uruguai e Argentina que participaram deste Congresso. Em 2005, ocorreu o 2º Congresso Latino-Americano de Catadores (as), uma continuidade de articulações que abriu novas frentes de luta por seus direitos.

Em março, entre os dias primeiro e quatro de 2008, na capital da Colômbia, Bogotá, ocorreu o III Congresso Latino-Americano de Catadores com representantes de 15 países latino-americanos, onde se discutiram o reconhecimento da profissão dos catadores, suas organizações e novas estratégias para inserção destes trabalhadores no mercado formal do trabalho. Em agosto de 2010, foi instituída a Política de Resíduos Sólidos; de certa forma o MNCR colaborou para o reconhecimento pela CBO - Classificação Brasileira de Ocupações, regulamentada pela Lei 12.305. De acordo com a sua atividade na CBO, os catadores catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais considerados como recicláveis. Esta Lei, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, cria o Comitê Interministerial da Política Nacional de Resíduos Sólidos e o Comitê Orientador para a Implantação dos Sistemas de Logística Reversa, com o objetivo de definir regras para devolução dos resíduos recicláveis que ainda têm valor econômico (MNCR, 2014).

Em todos estes anos de luta os catadores buscam o reconhecimento de seu trabalho, a conquista de benefícios e proteção das leis do trabalho, contra a exploração da mão de obra. Entre tantos problemas enfrentados à falta de perspectiva para o futuro, desola a população dos catadores que estão na atividade há mais tempo, pois não há garantia para aposentadoria. Uma alternativa, conforme pesquisa em outros centros onde se desenvolve a

mesma atividade, é a organização da categoria em cooperativas para fortalecerem condições de direitos no trabalho (MNCR, 2014).

O Movimento Nacional dos Catadores estima que existam atualmente no Brasil cerca de 800 mil catadores trabalhando principalmente nos grandes centros urbanos.

Quando os catadores fizeram-se visíveis nas grandes cidades, era possível quantificá-los em milhares. Estima-se que, no ano de 2005, a população de catadores no Brasil tenha ultrapassado 1 milhão de trabalhadores (UnB, 2005) [...] O crescimento dessa força de trabalho foi bastante intenso nos últimos quinze anos. Se considerarmos, por exemplo, que no ano de 1999 existiam cerca de 300 mil trabalhadores envolvidos com a cata de recicláveis, o aumento percebido em relação ao ano de 2005 foi superior a 240%. (BOSI, 2008, p.103)

O fato deste trabalho ser predominantemente clandestino dificulta o cadastramento para um levantamento estatístico correto da realidade; além disso, muito(a)s catadores(as) não se declaram como tal, em função do preconceito, e desta forma os dados são referentes a estimativas da categoria. Embora com a lei em vigor, o lento avanço dos direitos do catador ainda caracteriza esta categoria que é à base de sustentação das indústrias de reciclagem; isso identifica uma inclusão perversa: os catadores trabalham na obscuridade e são invisíveis para os que recebem os lucros.

O apoio vem através de organizações não governamentais, em 1990, com os primeiros encontros, quando se discutiu o reconhecimento da profissão de catador. A situação de informalidade levou os catadores a se organizarem, reunindo-se em grupos, associações, cooperativas, para lutar pelos seus direitos e espaço como trabalhadores, e principalmente pelo reconhecimento pela população desta profissão (MEDEIROS; MACEDO, 2006; PEREIRA; TEIXEIRA, 2011).

Por outro lado emerge a necessidade da conscientização pós-consumo de todas as camadas da população, conforme política nacional de resíduos sólidos no Brasil, e também a necessidade de fiscalização e punição das transgressões, chamando a atenção do consumidor à responsabilidade. Concluiu-se que avanços vêm sendo conquistados, porém ainda existem fragilidades referentes à construção de políticas sociais em relação aos direitos básicos dos catadores a saúde, educação, creche, moradia e aposentadoria.

A pesquisa de Pereira e Teixeira (2011) discute a inclusão social e produtiva de catadores de materiais recicláveis, antes presente apenas na agenda de políticas públicas locais, que em 2011 alcançou a agenda governamental nacional. Os primeiros lugares no Brasil a aderirem foram: São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte, que realizaram as primeiras iniciativas com associações de catadores. Gradativamente o tema da inclusão social alcançou a agenda governamental nacional e em 2003, por decreto presidencial, foi criado o Comitê Interministerial de Inclusão Social de Catadores de Materiais Recicláveis.

A Política prevê a integração de catadores aos processos de coleta seletiva, cabendo aos municípios a elaboração de Planos de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos. Além disso, a PNRS institui princípios como o do poluidor pagador e da logística reversa. (PEREIRA; TEIXEIRA, 2011, p.908)

Contudo, a maioria dos catadores trabalha de forma independente em condições precárias de segurança e de saúde nas ruas da cidade. Os resíduos domiciliares são dispostos na rua para a coleta em sacos plásticos, em sua grande maioria com capacidade entre 30 e 100 litros, porém é frequente que a população misture materiais aproveitáveis e recicláveis com material molhado, que não é separado nas residências, mesmo com informações sobre a necessidade do ambiente não suportar a demanda de lixo. Portanto as características sociodemográficas deste grupo de trabalhadores, na contemporaneidade, ainda são caracterizadas pela clandestinidade, precariedade e omissão das políticas públicas. O fato de serem catadores de recicláveis pode também ser encarado como possibilidade de uma nova maneira de ser que protege o valor do seu trabalho e de sua dignidade pelo caminho da organização do MNCR, que busca o reconhecimento social e jurídico desta profissão. (PEREIRA *et al*, 2012).

3.2 SEGUNDO EIXO: MODO DE VIDA E LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

3.2.1 Um pouco da história do modo de vida da catação de resíduos ou lixo

Ao relatar um pouco da história da catação de resíduos, percebemos que é possível identificar as características de uma população através de suas sobras e resíduos impregnados de identidade, necessidade ou luxúria, encontrados soterrados pelo tempo, identificados como registro de um povo ou civilização. Com o passar do tempo o que restou são vestígios sólidos, restos de utensílios, potes, machados de mão e alguns adornos, pois no passado a produção de lixo pela população não causava o impacto sobre o meio ambiente comovemos hoje, uma vez que a maioria dos resíduos produzidos era de natureza orgânica e, portanto, mais fácil de ser decomposta (HISATUGO, MARCAL, 2007). Os resíduos orgânicos eram inseridos no sistema e rapidamente absorvidos pelo solo quando enterrados, ou os restos de alimentos distribuídos como comida para a alimentação dos animais domésticos.

No percurso da história desde o período Paleolítico seguido pelo Neolítico, os seres humanos puderam ser entendidos em seus fazeres a partir de objetos e utensílios como pedaços de ossos, de pedras lascadas ou polidas, conservados e encontrados nos lugares de depósito ou lixo onde viveram as populações. Avançando na história, as primeiras civilizações deixaram suas marcas em construções e nos utensílios utilizados, que até hoje são estudados e analisados para resgatar o modo de viver daquele tempo.

No Brasil, estudiosos buscam nos sambaquis espalhados na costa do litoral brasileiro, dentro de verdadeiras montanhas de conchas, restos de utensílios e esqueletos, a história dos índios que habitavam nosso litoral, existindo também em outros continentes (LAPORTE, 1996). As inúmeras guerras e conflitos e a queda dos grandes impérios também deixaram resíduos e testemunhos do modo de vida e conflitos das civilizações. A história contém registros sobre a formação das primeiras vilas, depois os pequenos reinados, até as primeiras cidades conhecidas e nelas os restos e sobras de suas atividades desenvolvidas.

Durante a Idade Média, as crendices e superstições justificavam a falta de higiene e o descaso com o lixo acumulado, misturado às secreções humanas de animais e restos de alimentos que começaram a acumular, acabando em severas epidemias que desencadearam altos índices de mortalidade. A relação entre doença e lixo estava configurada no descontrole

final dos resíduos, capazes de provocar doenças e até a morte. Embora em tempo diferente, os riscos pelos quais passam os catadores diariamente nas ruas, seu principal ambiente de trabalho, têm sido registrados em casas de saúde e publicados (VELLOSO, 2005, 2008; PORTO *et al.*, 2004; SILVA, 2006; GONÇALVES, 2005). Em sua pesquisa Velloso (2008) descreveu que as percepções e os problemas com resíduos das atividades humanas estavam associados aos resíduos produzidos pelo corpo humano, ligados a doenças e à morte, identificando que a falta de higiene e o lixo acumulado na Idade Média, desencadearam severas epidemias.

Na Idade Média, a maioria dos restos resultantes da atividade do homem estava diretamente relacionada aos resíduos produzidos pelo seu corpo - fezes, urina, secreções em geral e o próprio corpo humano em decomposição. Também havia os restos provenientes da alimentação: carcaças de animais, cascas de frutas e hortaliças. Os restos começaram a causar medo no homem, a partir do momento em que foram sendo associados ao seu sofrimento físico e psíquico. Esse sofrimento ficou bem marcado na ocasião do surto manifestado pelas epidemias e pandemias de algumas doenças. (VELLOSO, 2008, p.1954).

A falta de conhecimento sobre as doenças provocadas pelo esgoto a céu aberto e o imaginário social nas crenças sobrenaturais condenavam as populações inteiras a doenças contagiosas, refletindo-se na vida e saúde das pessoas em muitos lugares nesse tempo histórico; também cabe acrescentar que a cultura constitui um fator capaz de condenar pessoas a viverem em condições desumanas. Os trabalhos com lixo e limpeza das cidades eram destinados às pessoas consideradas marginais à sociedade daquele tempo como os prisioneiros de guerra, prostitutas, escravos e carrascos (VELLOSO, 2008). Estas condições já registravam preconceito e descaso pela atividade relacionado ao lixo.

Na sociedade contemporânea, com a supremacia do capitalismo no Ocidente, a urbanização das cidades e os costumes urbanos primaram-se pela valorização do consumidor, professando e incentivando o consumismo, favorecendo a produção de grande quantidade de resíduos, e deste modo, desempregados encontraram uma forma de ganhar a vida recolhendo resíduos. As pessoas que recolhem papel, papelão, latas, vidros e resíduos sólidos descartados pela população são chamados de catadores, sendo

comum esta atividade nas cidades brasileiras; multiplicaram-se juntamente com a urbanização e o crescimento urbano, mas o surgimento dos primeiros catadores tem registros no poema de Manuel Bandeira de 1947, “O Bicho”, destacando pessoas que perambulavam pelas ruas saciando a fome com restos que catavam do lixo, diferentes da maioria dos catadores de hoje, que procuram materiais recicláveis. Em 1978, o dramaturgo Plínio Marcos escreveu uma peça de teatro chamada “Homens de Papel”, em cujo enredo a superexploração do trabalho humano descreve o trabalho dos catadores e dos atravessadores ou compradores do material recolhido.

Na década de 1970 a 1980 existiam catadores principalmente nas grandes cidades brasileiras. Sua função era caracterizada como subemprego alternativo para a sobrevivência, permanecendo da mesma forma até 1980, como ocupação desvalorizada desenvolvida por moradores de rua. Entrando na década de 1990 iniciou-se a multiplicação de pessoas envolvidas nessa atividade devido à reinserção do lixo no mercado da reciclagem e ao elevado índice de desemprego no Brasil, reflexo do êxodo rural (MEDEIROS; MACEDO, 2006; VELLOSO, 2005). Estes trabalhadores sem qualificação ampliam a fila dos desempregados que sem opção encontram em trabalhos clandestinos como catar lixo a única opção para gerar o mínimo de recursos para sobreviver com a família.

O reconhecimento desse trabalhador na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) como “catador de material reciclável” compreende: catador de ferro velho, catador de papel e papelão, catador de sucata, catador de vasilhame, enfardador de sucata (cooperativa), separador de sucata (cooperativa) e triador de sucata (cooperativa). Conforme o Ministério do Trabalho e Emprego, a CBO possui uma padronização de códigos e descrições que pode ser utilizada pelo mercado de trabalho assim relacionadas: coletar material reciclável e reaproveitável, separar material coletado, preparar o material para expedição, realizar manutenção do ambiente e equipamentos de trabalho, divulgar o trabalho de reciclagem, administrar o trabalho, segurança e demonstrar competências pessoais.

O descarte de resíduos em grande volume nas cidades diariamente nem sempre é considerado lixo; quando podem ser reutilizados, passam a ser considerados materiais recicláveis. Isto gerou uma nova forma de ocupação

para as pessoas que não foram absorvidas pelo mercado de trabalho, desempregados que encontraram na coleta de papel, vidro, papelão, latinhas e outros uma forma de sobreviver, coletando nas ruas e depois comercializando, embora estas relações de trabalho sejam precárias e informais, sem direitos trabalhistas. (MEDEIROS; MACEDO, 2006).

A economia informal, as empresas familiares, o trabalho por conta própria e as pequenas empresas sofreram, durante a crise dos anos 1980, o desemprego e ao arrocho salarial. Nessa década de 1980, com as dificuldades de absorção, a mão de obra economicamente ativa enfrentou problemas, e os trabalhadores desempregados lançaram-se no mercado informal com o propósito de melhorar minimamente as condições de vida (SANTOS 2009).

A ampliação das desigualdades encontrou apoio na organização coletiva, nas associações e cooperativas, como forma de ingresso no mercado tentando anular a exploração dos intermediários. Nos meados desse mesmo ano, iniciou-se a reinserção desses resíduos denominados de lixo reciclável no mercado capitalista. Isto ocorreu combinado com as elevadas taxas de desemprego e de trabalhadores desqualificados para as tarefas nas indústrias emergentes. Para Santos (2008), esta informalidade no Brasil foi ampliada até 1990 e absorveu principalmente a população sem qualificação, que já se encontrava desempregada, inclusive a população que fazia parte do mercado formal. Medeiros e Macedo (2006) descrevem esta informalidade dos catadores como um autoemprego, ofertando seu esforço e fazeres à indústria da reciclagem, sem, contudo, terem seus direitos como trabalhadores reconhecidos ou a seguridade do mundo do trabalho. Esta força de trabalho encontra, na indústria de reciclagem, uma saída para saciar suas necessidades básicas, determinada pelo mercado e pela sobrevivência.

3.2.2 O trabalho do catador de lixo reciclável na contemporaneidade

Com a industrialização, os resíduos ou lixo se multiplicaram, refletindo o poder aquisitivo de uma população que pode consumir. O poder consumir, utilizar e rejeitar o invólucro ou o resto do produto divide o lixo entre: o que pode ser reaproveitado ou reciclado, e o lixo que não serve mais para ser consumido ou reutilizado, portanto é inútil, provoca degradação, prejudicando o

ambiente e a vida das pessoas (CASTRO, 2012; NUNES, 2012 PORTO *et al.*, 2004).

Sosniki (2006), referindo-se aos catadores da Ilha dos Marinheiros no Rio Grande do Sul, relata que o lixo é visto por eles com naturalidade, fazendo parte da rotina dos catadores com quem desenvolveu sua pesquisa. O lixo é ressignificado e entendido positivamente; e o corpo, como instrumento mais relevante na tarefa de separar e transportar o lixo, é concebido como força de trabalho; por isso os catadores apresentam-se sempre com saúde, mesmo que ela esteja só na aparência.

Com foco na saúde dos catadores, Silva (2006) descreveu a impossibilidade de o catador cumprir todas as etapas do trabalho com o lixo, sendo necessário envolver a família, incluindo menores. Os catadores auxiliam na limpeza e organização do meio ambiente, porém sofrem intensa discriminação social, exploração e riscos em função das precárias condições de trabalho. Há urgência de cursos para os catadores, sobre como manusear com segurança o lixo e programas assistenciais. Alguns resultados da pesquisa em relação aos problemas de saúde:

Cinquenta por cento desses indivíduos sentem-se discriminados pela sociedade pelo trabalho que desenvolvem. A prevalência de dor lombar nos últimos 12 meses entre esses trabalhadores foi de 49,2%, similar a dos não-catadores, mas muito superior à encontrada na população de Pelotas (35%). Catadores apresentaram também mais alta prevalência de sintomas de depressão e ansiedade do que não catadores (44,7% contra 33,6%). Vinte por cento dos catadores relatou ter se ferido no último ano, sendo que as lesões mais comuns foram os cortes (59%), esfoladuras (15%), batidas e contusões (10%) e perfurações da pele (9%). As partes do corpo mais afetadas foram as mãos (50%), membros inferiores (20%) e os pés (8%). (SILVA, M. C., 2006, p. 178)

O lixo gerado no centro consumidor é carregado para os locais de manuseio e separação sem a proteção necessária e provoca efeitos diretos na saúde das pessoas que manuseiam. Assim, repetem a rotina com esforço quando encontram material reciclável em abundância, principalmente no descarte do comércio; para aproveitar a oportunidade e ganhar mais, dobram a caminhada e o esforço, ou quase isso (JACOBI; BESEN, 2011; MEDEIROS; MACEDO, 2006, 2007; SILVA, 2006).

O material reciclável encontrado no lixo, depois de transportado, classificado e separado por preço para ser comercializado entre as recicladoras e catadores, é intermediado por atravessadores que estabelecem o preço, o quanto vale cada carga de lixo, que pode variar conforme a qualidade do material, que deve estar seco, limpo, e ser reciclável. Essa valoração é feita pelo intermediador, normalmente explorando o trabalho do catador, que não é valorizado (MACIEL *et al*,2011). Na maioria das vezes o material reciclável vai ser reunido na moradia dos catadores, que situa-se predominantemente nas regiões de periferia, em meio ao crescimento espontâneo da cidade; que entre outros problemas enfrenta a falta de saneamento básico, não havendo recolhimento de lixo, nem mesmo pelos catadores autônomos. O lixo fica exposto ao ar livre, tornando-se fonte de proliferação de moscas, baratas, ratos, mau cheiro, transformando-se em um problema para os moradores.

A Pesquisa de Cynamon e Monteiro (1985) apresentou o lixo como um problema social, propondo uma solução apropriada para escoar o lixo de habitações sem infraestrutura em área íngreme, no ambiente urbano.

O lixo quando encontrado nas ruas é mercadoria sem proprietário, porém a reciclagem coloca o lixo em outro patamar, como mercadoria retornável que alimenta a indústria de recicláveis. Então o lixo que é descartado passa a ser visto como mercadoria, sendo disputado, principalmente por pessoas de baixo poder aquisitivo, que usam o lixo como uma estratégia de sobrevivência. (SIQUEIRA; MORAIS, 2009; CYNAMON; MONTEIRO,1985;JACOBI; BESEN, 2011).

Com o crescimento do consumo, os produtos que podem ser reutilizáveis entram no ciclo produtivo pelas mãos dos catadores, que se submetem ao trabalho de coleta. Um trabalho que recebe uma carga de reprovação pela atividade, que se origina no preconceito com o lixo e hospeda repúdio, com pouco ou nenhum reconhecimento além de ausência de garantia dos seus direitos como trabalhadores e segurança no trabalho. Os catadores deixam para um segundo plano estes direitos, mesmo com prejuízos, focando em garantir a sobrevivência. Esta população de excluídos aloja-se nas cidades, vivendo dos resíduos produzidos pela sociedade. Com o aumento do desemprego essa população cresce na periferia, criando formas de

sobrevivência nas áreas urbanas, excluídos do planejamento das cidades (SIQUEIRA; MORAIS, 2009).

Muitas vezes esses trabalhadores encontram-se no limite de suas forças, mas continuam suas funções silenciosamente, diariamente, apenas focadas na sobrevivência. São poucas as iniciativas, para formar associações e cooperativas, em busca de seus direitos. A posição destes trabalhadores no Brasil exige um gerenciamento que ainda é pequeno ou inexistente, o que favorece o descaso que se instalou na informalidade. O trabalho dos catadores na coleta de material para ser reciclado contribui para amenizar a forma como os resíduos sólidos vêm causando impacto ao meio ambiente. É necessário focar na necessidade de diminuir a quantidade e reutilizar e enaltecer dentro desse contexto o trabalho feito pelos catadores que fazem parte do invisível deste processo, são instrumentos de transporte e separação. (KIRCHNER; SAIDELLES; STUMM, 2009).

A invisibilidade dos catadores chega a impedir iniciativas e atitudes que possibilitem saídas para sua existência. Ficam limitados na sobrevivência. Essa maneira de pensar resulta num marasmo que segue sempre, fazendo emergir a exclusão social desta atividade. Para os catadores tudo se restringe à sobrevivência; vencer esta realidade fica para seus sonhos. Uma mudança desta realidade degradante passa pela consideração do lixo, desprezado por muitos, mas que lhes possibilita (sobre) viver. A situação social e econômica que vivem não lhes permite vislumbrar outras possibilidades de existência, fazendo com que se contentem com pouco e valorizem apenas a sobrevivência (JACOBI; BESEN, 2011; SIQUEIRA; MORAIS, 2009; CUNHA, 2011). Os estudos de Cunha (2011) demonstram que até a representação de lazer é sufocada, entendida como poder de compra. Os seus desejos são entendidos como luxo, ficam subordinados e comandados pelo trabalho. Neste sentido entendemos que é a aceitação que estimula a passividade e faz com que se perpetue ainda mais, o quadro de exclusão social dos catadores de papel.

3.2.3 Modo de vida e as relações com a escola

As atividades desenvolvidas na escola estão voltadas principalmente para a utilização de materiais recicláveis na montagem de novas peças que

podem servir como: brinquedos, instrumentos de utilidade escolar ou domésticos. Desta forma pode-se dar um novo destino ao material reciclável encontrado no lixo; depois de se estudar a forma e a cor surge uma nova proposta para uma nova peça, que pode virar brinquedo ou arte (MELO *et al.*, 2007). A proposta de trabalho deste autor com crianças apontou para a necessidade de assumirmos com responsabilidade o lixo que produzimos. O projeto reuniu crianças de uma cidade mineira para dar nova vida e transformar de forma criativa o material recolhido do lixo.

Conquistamos um olhar e um fazer diferentes em relação às nossas sobras, pois passamos a ser capazes de nos deixar afetar pela possibilidade de transformar a sucata em outra coisa, olhamos os nossos restos de outra maneira, buscamos usos incomuns em materiais que antes continham um único e inevitável destino, ficamos mais interessados na questão do lixo e podemos dizer que realizamos aprendizagens preciosas porque nos deixamos provocar por novas possibilidades de criar. (MELO *et al.*, 2007, p. 119)

A construção de brinquedos a partir de material reciclável ganha espaço na escola, principalmente por não possuir custo, e por ser encontrado em abundância. A temática sobre a invenção de uma nova peça contribui para construir valores ambientais sobre objetos recicláveis, passando a fazer novamente parte do círculo de objetos utilizados. Embora sejam muitos os projetos ambientais na escola, poucos têm foco em sensibilizar a comunidade escolar que também envolva os bairros sobre o problema do lixo reciclável que deve ser separado, principalmente considerando que muitos foram fabricados com elementos da natureza que não são renováveis. Outro problema é a forma como o lixo domiciliar vem sendo descartado pela população, normalmente misturado, provocando cheiro e toxinas nocivas ao ser humano, aos animais e ao solo. Para Oliveira (2006, p. 2), “a consciência ecológica é inseparável da consciência social”. A compreensão errada de que a natureza é eterna colabora para a degradação do ambiente natural e a desvalorização da sociedade. A escola pode assumir um papel importante junto com os alunos desenvolvendo um olhar ecológico e percepções sobre o espaço vivido, destacando a vida humana que recebe os efeitos desta degradação. Desta forma a imersão em projetos que promovam a compreensão do espaço com desigualdades sociais pode favorecer a igualdade com atitudes e metodologias colaborativas, entendidas como um compromisso coletivo, com percepção para

as injustiças sociais. Neste contexto, na pesquisa de Baeder (2009) estimulou-se a participação de formadores que motivaram a participação da comunidade na separação do lixo e na construção da importância destas informações.

A escola envolvida em sua comunidade pode gerar ações educativas sobre a atividade dos catadores e suas condições de trabalho que violentam a pessoa humana do catador pelo desrespeito, considerando que trabalham junto com o lixo. Assim, com a valorização de seu trabalho e de suas experiências, poder-se-ia dar base a propostas de inclusão dos catadores e de seus direitos trabalhistas.

3.3 TERCEIRO EIXO: RELACIONAMENTOS E REDES DE CONVIVÊNCIA

O espaço urbano das cidades, construído artificialmente, reflete as atividades da população e suas redes de convivência, sua vocação econômica, num estágio da industrialização que depende da energia, do comércio, da circulação de mercadorias, da viabilidade do trânsito, da comunicação, e da estrutura política. Todavia tudo é articulado pela ação humana, que controla a evolução, promovendo progresso, mas também promove injustiças e segregação social, privilegiando grupos conforme interesse financeiro dos poderes econômico e político assim os relacionamentos desenvolvem-se dentro das territorialidades das cidades nas comunidades, nos bairros, nas famílias, no sentido de pertencimento a esses grupos sociais (SANTOS,2003).

Na geografia das cidades, são visíveis as diferenças sociais no espaço físico, evidenciadas no lugar de moradia das famílias, que retratam o poder aquisitivo, com características externas que evidenciam o poder que se pode pagar para morar. A maioria das cidades no Brasil cresceu espontaneamente, e a população carente foi empurrada para áreas desprezadas pelo corpo imobiliário, normalmente em ambientes de risco, ou sem infraestrutura, em situações de abandono, onde os moradores lutam para encontrar formas de suportar, resistir e superar a condição de dificuldades, buscando novas formas de sobrevivência (SANTOS 2008). Estes ambientes de degradação humana e social são resultado do descaso político, normalmente focado no desenvolvimento que favorece a economia, e não no desenvolvimento humano (CASTRO, 1984). Estas características encontram-se materializadas nas

favelas, no desemprego, e no subemprego, alicerçado na informalidade. O desemprego e a busca de alternativas para suprir as necessidades imediatas, como alimentar-se e morar, encontram formas de sobrevivência, e entre elas figura a atividade com o lixo, que poucos aceitam como trabalho por estarem em contato direto com o que é rejeitado, o que os expõe a preconceitos e baixa autoestima.

Catar e transportar material recicláveis no lixo, são atividades nas quais predomina a informalidade, porém os demais processos ao qual se destina o lixo, que compõem o mercado da reciclagem, propiciam mais rentabilidade, da qual o catador não faz parte. Os desempregados tornaram-se trabalhadores de serviços gerais, conforme descrito por Bauman (2005, p. 20): “[...] o espaço semântico de rejeitos, dejetos, restos, lixo como refúgio”. Os desempregados formam um verdadeiro grupo de reserva de mão de obra, por não encontrarem alternativas, acabam nos depósitos de dejetos, nas ruas e nos lixões. Muitas famílias, sem escolha, acabam refugiadas em locais de coleta de lixo. Para melhorar a renda familiar, ou garantir a sobrevivência dos componentes da família, aposentados voltam a trabalhar clandestinamente catando lixo. Para ajudar no sustento da família, crianças e adolescentes também ajudam os mais velhos, uns pelo grau de parentesco sanguíneo ou por afinidade e retribuição, outros buscando abrigo. Conforme as pesquisas de Leone, Maia e Baltar (2010, p. 60) “a família é a esfera responsável pela qualidade de vida de seus membros”. Há participação e envolvimento de todos nas atividades, para reunir o que conseguem e depois partilhar os pequenos ganhos, dividindo o mesmo espaço, e principalmente as dificuldades.

Esta realidade no lixo e a degradação em que vivem famílias inteiras, inseridas nesse contexto de pobreza, lixo e abandono está descrita a seguir:

[...] gera transtornos psicológicos e psiquiátricos e desintegração social, originando muitas patologias como doenças infecciosas, degenerativas, cardiovasculares, crises de ansiedade, depressão, síndrome do pânico, dependência química e exacerbação da violência (Moraes e Siqueira, 2007, p. 2118).

Para incluir-se nesta ocupação como autônomo não se apresentam barreiras, organização ou seleção; pode-se inserir nesta atividade, por meio dos amigos ou parentes distantes, ou até mesmo da própria família,

ajudando mãe e pai, na subsistência, trilhando os mesmos caminhos, aproveitando-se da experiência ou de inclusão perversa no mercado informal sem direitos. A condição de desigualdade social nas cidades é visível na paisagem de exclusão de benefícios sociais e serviços públicos, dividindo-se entre cidade dos ricos e cidade dos pobres. O descaso chega ao isolamento; ignora-se que nestes locais se luta pela sobrevivência, e há pessoas que descobrem recursos para se sustentarem no lixo.

Para Maciel *et al.*(2011), os catadores reconhecem a condição de exclusão, a falta de oportunidades no mercado, e como são vistos. Nesta precariedade do trabalho e da vida em famílias de catadores de recicláveis em Fortaleza, marcados por carência de toda a ordem. A construção de moradias em áreas de risco, sem infraestrutura, pode ser fotografada nas cidades brasileiras, expondo suas favelas como registro da desordem e disparidade social na população. Essa população pobre, que inventa maneiras de sobreviver, mora entre amigos, inimigos, conhecidos, desconhecidos, família ou não, como espectadores da cidade dos ricos que se ergue na paisagem luxuosa de concreto. “Mais que uma luta pela sobrevivência, o dia a dia dos catadores pode ser pensado como um espaço dinâmico onde convivem limites e possibilidades.”(JUNCÁ, 2004, p.84).

Se o espaço é produzido socialmente, a degradação social é resultado do impacto e da forma como os homens e seus pares se relacionam com o ambiente, refletindo-se num espaço visivelmente desigual nas redes de relacionamento nas cidades (SANTOS, 2008).

O espaço de circulação é diferenciado, retratando bairros de nível social elevado, com o máximo de infraestrutura, ruas planejadas com jardins, árvores ornamentais, calçadas com granito e pavimentação de boa qualidade, onde a presença dos catadores de lixo, que coletam as sobras depositadas no lixo, é contrastante. Fica visível que eles não pertencem a essa rede de relações, ficam expostas as carências deste grupo social, cujos membros depois retornam para suas moradas ou abrigos, para uma realidade oposta àquela onde estão de passagem. A realidade é fria e sem esperanças, sem oportunidade ou propostas de melhoria de vida, a não ser recomeçar todos os dias a mesma atividade, com diferenças apenas nas novas situações e dificuldades. (JUNCÁ, 2004; MACIEL, 2008; PORTO *et al.*, 2004).

As disparidades nas redes de relações entre esses dois tipos de espaços físicos das cidades destacam distintas formas de viver, com relações de discriminação latentes, em pólos opostos e de tensão. Os ricos em mansões, e os pobres em lugares improvisados (casebres) frágeis às intempéries, que muitas vezes não possuem divisórias, ou divididas em duas partes; os móveis não são suficientes para o tamanho da família, sem água encanada e sem esgoto. (SANTOS, 2008).

Nessa situação de exclusão social, os catadores encontram apoio e ajuda na família, em suas redes de convivência. Unidos pelo desamparo social, encorajam-se no grupo que se apóiam e se fortalecem. Destaca-se que as famílias nem sempre são sanguíneas, podendo ser adotadas por afinidade, ou por obrigações definidas pelo grupo. Assim, “são da família aqueles com quem se pode contar, quer dizer, aqueles em quem se pode confiar” (SARTI, 1996, p. 358).

A maioria dos catadores tem a família como referência fundamental, embora nem sempre possuam uma família estruturada por mãe, pai e filhos, mas são pessoas que dividem o mesmo espaço de moradia e de luta cotidiana no trabalho. A convivência das crianças dessas famílias é caracterizada pela baixa proteção, crescendo num ambiente de pobreza onde enfrentam desde os primeiros anos de vida um ambiente de lixo, brincando em becos ou nos espaços onde o lixo é trazido para ser classificado. Muitas mães (catadoras), para proteger seus filhos, mantêm-nos em casa num espaço pequeno, muitas delas aceitam esta situação e outras ficam agressivas. Estando em casa, essas crianças acabam assumindo trabalhos precocemente, pequenos tarefas e até tarefas de responsabilidade, como cuidar de irmãos menores; outros acompanham os pais catadores, executando atividades nas ruas. (MACIEL *et al*, 2011).

Em meio às dificuldades sofridas em conjunto, destacam-se os laços afetivos, o que promove forças para superar as adversidades enfrentadas, a carência financeira, problemas de saúde nas relações com o ambiente do lixo e a violência, a marginalidade, o tráfico de drogas. As mães catadoras compartilham com amigos, vizinhos e parentes a guarda de seus filhos. Muitas vezes fazem um rodízio, cada dia uma das mães do grupo fica com as crianças, o que não significa cuidar, pois elas trabalham em outras atividades.

Estas mulheres catadoras, dividem o tempo numa dupla jornada de trabalho, desde as tarefas de limpar, cozinhar e lavar sua moradia e paralelamente separar o lixo reciclável do lixo que trouxeram das ruas, reunirem tudo para depois ser pesado e vendido. (CHAVES, 2011; LEONE; MAIA; BALTAR, 2010).

O desemprego, a necessidade de trabalhar, a responsabilidade e o amor pela família lançaram a mulher no trabalho da reciclagem como saída para criar seus filhos. A informalidade e a liberdade para fazer seus horários por conta própria facilitam as atividades de mãe e de catadora, porém o preconceito e o descaso social da profissão atingem homens, mulheres e os filhos dos catadores.

O relacionamento entre o catador e a população é quase nulo, as pessoas ignoram a importância ambiental de suas atividades, tratando-os como se fossem invisíveis, relacionando-os aos objetos descartados e por eles recolhidos. Isto dificulta as relações de amizade e colaboração entre os consumidores produtores de lixo e os catadores. Este sentimento é transferido a seus filhos e às crianças que convivem com os catadores, enfrentando estigmas e preconceitos. O reconhecimento pode gerar iniciativas que os libertem desta condição de oprimidos (PORTO *et al.*, 2004).

Para Velloso; Santos; Anjos, (1997) a visão social deste grupo de trabalhadores, que vivem da cata de material reciclável no lixo, sua própria auto-imagem é negativa, dificultando as relações com a sociedade, sem prestígio profissional que supere o mal-estar psicossocial, pois se sentem desvalorizados e envergonhados socialmente por trabalharem com o lixo. (SANTOS; SILVA, 2008; VELLOSO; SANTOS; ANJOS, 1997).

A principal marca da escolha do trabalho com o lixo é o desemprego. O trabalho é muitas vezes iniciado junto com a família (mesmo não sendo sanguínea), quando todos ajudam nas despesas de casa desde muito cedo, na infância. A pobreza e a degradação humana estão associadas aos assentamentos precários, ao subemprego e à desnutrição. São famílias inteiras envolvidas na coleta de materiais descartáveis, armazenando os recicláveis, e o restante é refugado, muitas vezes depositado nos locais onde moram. Normalmente estes lugares onde vivem são de difícil acesso a instituições sociais como postos de saúde e escolas; em muitos casos essas crianças e

adolescentes estão fora da escola ou frequentam-na irregularmente.

As pesquisas demonstram que a maioria destes trabalhadores teria nascido na família de catadores, iniciando nesta atividade pela indicação de parentes. (SANTOS; SILVA, 2008; CARMO, 2009; MACIEL *et al*, 2011; SILVA, 2006). Neste envolvimento, desde muito cedo, as crianças que acabam participando das atividades dos catadores adultos e sem saber entre uma brincadeira ou outra acabam se envolvendo no trabalho, catando o lixo, correm sérios riscos próprios desta atividade.

A atividade de catar no lixo materiais recicláveis requer dedicação e esforço. Para isso é necessário procurar, recolher, transportar, separar, empilhar, enfardar e vender. O catador que gasta horas nas ruas buscando os rejeitos necessita de ajuda, que é normalmente prestada por sua família, ignorando que nesse trabalho os menores acabam explorados, absorvidos pelo trabalho, e expostos a riscos. Muitos catadores entendem que há insegurança em deixá-los em casa, temendo que sofram violência, e acreditam que é na infância que se aprende a trabalhar. É também uma maneira de proteger seus filhos (FERRAZ; GOMES, 2012).

Os índices do IBGE (2010) mostram que as mulheres estão assumindo a responsabilidade de conduzir suas famílias, mesmo com a existência do cônjuge. A mesma pesquisa destaca a presença de aproximadamente 70 mil crianças que são sustentadas através da coleta de material reciclável no lixo, refletindo o trabalho das catadoras, na coleta, transporte e classificação dos materiais que podem ser reciclados. Ainda enfrentam o descaso e preconceito do trabalho com lixo, com o agravante de que no mesmo trabalho as mulheres recebem valores inferiores aos dos homens.

A discriminação da sociedade em relação ao lixo é muito forte, o que desencadeia uma convivência negativa de desvalorização do trabalho. Isto dificulta a formação de redes de cooperação entre catadores, consumidores e compradores. Existe uma ojeriza, um nojo pelo trabalho com o lixo, e isto coloca o catador em uma situação de exclusão social, que esfria as relações do catador e de sua família com a sociedade, reflexo da falta de prestígio profissional, desencadeando efeitos psicossociais em relação à própria existência, mesmo que seja um trabalho desgastante que exige dedicação pela ocupação; suas condições econômicas e de trabalho adversas interagem

contra a formação de laços de colaboração e amizade (MEDINA, 2007).

O aproveitamento das sobras pode gerar sustentabilidade ambiental e a sobrevivência desta população, mas não contribui para que este trabalho seja visto com respeito e para a valorização deste trabalhador, considerando o jeito de viver na sociedade capitalista, que exclui os que não podem comprar, valoriza os que podem pagar o novo e estimula o consumo. Conforme afirma Velloso (2005, p. 1959): “Na sociedade atual o homem é valorizado pelo que consome.” A impossibilidade de comprar o necessário para suprir suas necessidades básicas gera uma punição social que exclui da sociedade o catador e sua família, uma vez que viver do lixo é viver do que foi considerado inútil, sem valor e utilidade. Dessa maneira o catador é visto como um lixeiro que apenas cumpre sua função de trabalhador. (VASCONCELOS, *et al*, 2008). Esta denominação refere-se à exposição a elementos nocivos à saúde do catador, assim como a toda a população, que não tem controle sobre os resultados que podem gerar o lixo de várias origens reunido e acumulado num mesmo lugar a céu aberto, ou mesmo os que estão em aterros sanitários.

Desta forma fica materializado no lixo o descaso, bem como nas relações sociais que se revelam inexistentes entre catadores e sociedade (CASTRO, 2012). Os efeitos psicossociais de buscar o sustento para si e para sua família no lixo gera um sentimento de vergonha em função do desprezo e expulsão social, leva os catadores a desejarem outra situação para seus filhos, que também são vítimas dos perigos e preconceitos, excluídos e vistos como filhos de lixeiros (MEDEIROS; MACEDO, 2006). Finalmente, o que se destaca são as dificuldades nas relações e redes de convivência entre grupos sociais que poderiam ser abrandadas e conquistadas pela educação, envolvendo as comunidades que promovem a mediação entre essas populações para propiciar entendimentos, focando na construção para a cidadania, no ensino sobre liberdade e igualdade, produzindo sentidos e significados que valorizem a convivência humana.

3.4 QUARTO EIXO: RISCOS À SAÚDE E À VIDA EM SEU COTIDIANO;

Com o crescimento das cidades e o processo de urbanização incentivado pelo modelo capitalista no ocidente, um dos problemas urbanos

mais graves é destinar os resíduos sólidos e sobras domésticas acumulados diariamente nas cidades. A definição do que é considerado rejeito depende do que cada pessoa identifica como lixo; o que é considerado inútil para uns pode ter utilidade para outros. Contudo, quanto mais pobre for a população, menor a produção de rejeitos; assim como quanto mais rica a população, maior a quantidade e qualidade de seus rejeitos. Desta forma, com o acúmulo de produtos descartáveis, boa parte deles é considerada reutilizável, e pode oferecer ganhos, sendo coletada e vendida por peso pelos catadores: porém, a forma como o lixo é depositado oferece sérios riscos à saúde da população, e principalmente para o catador.

Mesmo com o desenvolvimento científico e tecnológico, não temos controle das consequências sobre a imensa quantidade de lixo gerada nas cidades nas últimas décadas, que ameaça a vida e a saúde humanas. No Brasil, estudos apontam para uma possível relação entre a forma como está acondicionado o lixo e doenças (SILVA, 2006). A maioria das pessoas usa sacolas que são distribuídas no comércio para transportar as compras, e estas não são apropriadas para este fim, por isso rasgam com facilidade e o lixo fica exposto, como vetor de toda espécie de contaminação. A forma de contaminação pode ser por insetos ou roedores, que procuram o lixo para alimentar-se, deixando-o impregnado de fezes, urina e saliva. A transmissão também pode dar-se de forma indireta por meio de animais domésticos doentes, em contato com as crianças nas brincadeiras, no contato com a saliva, patas e pelos. Conforme Gonçalves (2004), a população mais atingida são os catadores que estão normalmente em contato contínuo e direto com o lixo. A exposição dá-se através da inalação, do contato com as mãos, e principalmente por alimentos em decomposição. Existem também objetos contaminados no lixo que ameaçam e contribuem para acelerar os problemas de saúde na população, principalmente crianças, chegando a gerar surtos denominados de viroses, podendo chegar a epidemias manifestadas em doenças intestinais e mal-estar seguido de febre e diarreia.

As doenças também estão vinculadas às moradias da população de catadores e suas condições de insalubridade. Ocorre que muitas dessas famílias, sem ter onde morar acabam invadindo áreas de risco onde não existem serviços de água tratada e esgoto, o que contribui para a disseminação

da doença, com grande incidência e prevalência de esquistossomose (GAZZINELLI *et al.*, 2001). Há também o contato frequente com as águas dos córregos contaminados pelo esgoto e dejetos. Esta água é utilizada para o consumo e representa foco de doenças. A opção pela moradia em áreas consideradas anecúmenas deve-se a nenhum poder para comprar um lugar para alojar sua família, expondo-a ao risco de doenças ou a desmoronamentos. Na opinião de Porto *et al.* (2004), os catadores tendem a negar que essas condições de moradia e de trabalho geram problemas de saúde. Também identificou que existe uma associação entre lixo e doença, que embora ignorada, apresenta riscos reais, podendo ocasionar acidentes, lesões permanentes ou até mesmo morte.

O cotidiano no trabalho árduo, longo, repetitivo e constante não oferece pausa durante o processo da coleta; assim os catadores realizam suas tarefas em ritmo acelerado, num esforço físico constante. Não há um local ou tempo para descanso, pois interromper significa optar por perder para as intempéries. Quando a chuva molha o papel ou papelão que levam para reciclar, este perde valor na venda para os atravessadores que compram este material, que é rejeitado se estiver molhado. Isso significa ganhar menos. Por esta razão o esforço chega a limites que ameaçam a saúde, já debilitada pelas condições de sua realidade social. Mesmo com dores no corpo pelo esforço, hipertensão ou nervosismo, o catador tem que continuar, não havendo a disponibilidade de programas de saúde preventiva (PORTO *et al.*, 2004; SILVA, 2006).

As disparidades sociais e econômicas nos grandes centros urbanos propiciam péssimas condições ambientais na moradia pobre, onde não existem instalações sanitárias adequadas ou água tratada. Há falta de higiene, potencializada pelas carências de conhecimento dos perigos de contaminação pela exposição ao lixo. Diante dessa realidade, não há como separar a degradação do ambiente físico da degradação humana e desintegração social. Essa população desestabilizada, entre o ver a paisagem artificializada no luxo mas viver do lixo na miséria, sofre doenças físicas e transtornos psicológicos, acrescentando-se o envolvimento com drogas e violência (RÊGO; BARRETO; KILLINGER, 2002; GUIMARÃES *et al.*, 2003; MORAES; SIQUEIRA, 2007).

Outro aspecto do sofrimento gerado pelas condições mínimas de sobrevivência, nesse ambiente de degradação extrema, ocasiona mal-estar

provocado pelo mau cheiro do lixo que atinge os moradores, especialmente as gestantes catadoras, mais sensíveis, desencadeando vômitos e outros sintomas. A desnutrição pode influir no desenvolvimento da criança, além de perigos aos quais estão expostas diariamente no contato com o lixo (SANTOS; SILVA, 2011). Entretanto, pela pesquisa de Gonçalves (2004), as catadoras têm entendimento de que o lixo é causador de doenças e várias outras patologias, que são vistas com normalidade entre os moradores; contudo esta naturalidade e aceite devem-se ao único lugar onde encontram abrigo para viver. Em função disso, muitas mães catadoras demonstram cuidado com seus filhos ainda crianças, evitando o contato com o lixo, procurando impedir que as crianças brinquem no lixo, para evitar que sejam contaminadas pelos restos de brinquedos ou outros objetos encontrados (FEITOSA, 2005; CHAVES, 2011).

Na impossibilidade de melhorar as condições de vida, mulheres submetem-se a viver da cata do lixo, carregando tudo que pode ser reciclado, aproveitando objetos e utensílios para suas moradas, roupas, calçados, até mesmo comida aparentemente em condições de uso para alimentar-se, ou para alimentar os animais domésticos. Isso não significa o esquecimento de que o lixo causa doenças, mau cheiro, ou presença de animais nocivos à saúde humana, pois o entendem como recurso para sobreviver, mesmo sabendo do perigo, conforme descrito a seguir:

As principais patologias, sinais ou sintomas referidos pelas entrevistadas como decorrentes do contato com o lixo foram: verminoses, infecção intestinal (diarréia), gripe, leptospirose, dengue, meningite, dor de cabeça, dor de dente, febre, alergia e náusea. (RÊGO; BARRETO; KILLINGER, 2002, p.1587)

Outro problema elencado, devido ao acúmulo de lixo nas ruas, são os alagamentos provocados pelas chuvas. A água que passa pelo lixo depositado de forma incorreta fica contaminada, podendo gerar epidemias. Também provoca deslizamentos de terra em terrenos íngremes que foram utilizados como depósitos de lixo; isto desestabiliza a fixação de plantas, árvores e residências, que foram adaptadas no terreno, colocando em risco os moradores por ocasião das chuvas, principalmente em regiões com índices pluviométricos elevados, concentrados nas chuvas de verão, como na área litorânea do Brasil, provocando problemas que se tornam foco de noticiários

nas manchetes e reportagens. No Rio de Janeiro, depois de inúmeras denúncias aos órgãos ambientais sobre despejo de lixo tóxico em locais de circulação de pessoas, foram analisadas as condições de vulnerabilidade em que vivia a população de baixo poder aquisitivo em áreas periféricas expostas à pauperização de recursos e serviços públicos de saneamento e de infraestrutura e ao descaso do poder que regula e controla esses problemas.

Segundo estimativas da Comissão de Meio Ambiente da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, são produzidas anualmente no estado 800 mil toneladas de resíduos industriais, dos quais 240 mil são tóxicos. Desse volume de resíduos tóxicos produzidos, estima-se não haver controle algum por parte das agências ambientais sobre 120 mil toneladas, ou 50% (ACSELRAD, 2006, p.120).

O crescimento vegetativo, sem planejamento ou infraestrutura, das periferias das cidades tem-se refletido no abandono de órgãos públicos, evidenciando relações entre pobreza, abandono e risco ambiental. Como essas áreas são desprezadas pelo corpo imobiliário, acabam invadidas tanto pelo lixo como pela população pobre que não tem moradia. Para Acselrad (2006, p. 122), esse lixo é causa de muitas doenças, como “náuseas, vômitos, irritação nos olhos, dores no corpo, manchas cutâneas, sangramentos nasais, desmaios e dificuldades respiratórias.” Embora exista reação e solicitação para que os órgãos públicos tomem providências, nestas situações de emergência ambiental, o que se evidencia é o descaso e a discriminação. A imagem de acúmulos dos rejeitos multiplica-se nas cidades com o crescimento da população de consumidores, e ao mesmo tempo expõe pessoas sem oportunidade de emprego buscando sobrevivência nesses depósitos de rejeitos, como é o caso dos lixões, enfrentando perigos que ameaçam a saúde. A insalubridade dessa atividade deve-se ao contato direto com micro-organismos encontrados no lixo em decomposição, somados a objetos contaminados pelo chorume segregado pela decomposição, que provocam doenças. No Brasil são produzidas cerca de 240 mil toneladas de lixo por dia, principalmente nas regiões de maior concentração populacional (IBGE, 2010). O lixo reciclável é considerado valioso para a população de catadores, que enfrenta muitos obstáculos para poder recolher o quanto mais conseguem carregar para depois vender o que é reciclável, transportando peso além da

sua capacidade física; isto também os envolve na marginalidade social e econômica, que muitas vezes os relaciona com o próprio lixo. O trabalho de coletar o lixo domiciliar consiste em remover em dias alternados, das ruas das cidades, o material descartado normalmente misturado, contendo resíduos secos e perecíveis, nem sempre acondicionado adequadamente. Normalmente o lixo é colocado em pequenas sacolas ou pacotes de plástico que se rompem e rasgam com a umidade e peso, produzindo um odor forte e desagradável devido a sua decomposição, atraindo animais e insetos. Isto agrava o perigo do trabalho com o lixo. A forma como o lixo é depositado nas lixeiras, sem proteção de objetos cortantes, bem como com pedaços de vidro e agulhas, espinhos e pontas que provocam cortes e ferimentos, favorece a introdução de fungos, vírus e bactérias que geram doenças, riscos à saúde e à vida dos catadores(SILVA; PINHEIRO, 2010; JACOBI, 2012).

Nas pesquisas desenvolvidas por Rozman *et al.* (2010), identificou-se que existe uma prevalência de anemia e outros riscos que estão associados à doença nos catadores que utilizam os carrinhos de propulsão humana no município de São Paulo. Entre os catadores, 38,3% foram identificados como portadores de anemia num grupo de 100 investigados. A alimentação irregular fraca e pobre em proteínas e vitaminas, somada ao desgaste físico constante, resulta nesse índice elevado, considerando-se que a maioria dos catadores está excluída das ações de proteção à saúde e prevenção a doenças que, como trabalhadores, estão previstas na legislação brasileira, mas não chegam até eles. Velloso *et al.* (1997) revelaram as relações informais de trabalho, destacando principalmente a falta de informação sobre os perigos dessa atividade que propicia acidentes. Destacam-se a falta de apoio e assistência médica, e a insalubridade com que convivem nesse trabalho.

Os riscos e a falta de segurança encontrado no processo diário da coleta de lixo domiciliar no Rio de Janeiro provocam indignação, mas também conformidade e aceitação dos riscos no trabalho pelos catadores. Essa indiferença aos riscos faz com que enfrentem a realidade com frieza e descaso, remexendo no lixo nas ruas naturalmente, ignorando os riscos. O risco e a exposição a doenças e acidentes de trabalho são destacados por esses pesquisadores quando anunciam registros de atropelamentos, quedas, esforço excessivo, contato com substâncias e o descaso com os trabalhadores. A

insalubridade desse ambiente de trabalho, a carência de recursos, o descaso e a falta de políticas públicas que busquem amenizar os riscos dessa população, que convive e trabalha em ambiente do lixo, foram categorizados de acordo com a proposta de Velloso, Santos e Anjos(1997), conforme a sua especificidade, agrupando os riscos e doenças :

[...] Mecânicos: cortes, ferimentos, atropelamentos, quedas graves; Ergonômicos: esforço excessivo; Biológicos: contato com agentes biológicos patogênicos, Químicos: substâncias químicas tóxicas e Sociais: falta de treinamento para o serviço (VELLOSO; SANTOS; ANJOS, 1997,p. 693).

Esta realidade resulta em elevada periculosidade, agravada pelo descaso da população, que normalmente tem um olhar invisível para seu próprio lixo depois de descartado, e inclui nesta invisibilidade os catadores e suas atividades. A necessidade de ganhar sobre o valor do peso da carga transportada exige que o catador carregue ao máximo seu carrinho com material reciclável, e isto acaba refletindo em suas condições físicas muitas vezes limitadas, “mostrando que os trabalhadores realizam um trabalho pesado realçando o risco que pode levar ao desgaste prematuro da saúde” (ANJOS; FERREIRA, 2000, p. 789). Buscar material reciclado demanda muito esforço, considerando que esses trabalhadores não possuem preparo físico para andar longas caminhadas, são mal alimentados e sem roupas adequadas às condições climáticas de chuva, frio ou calor, em terreno irregular, transportando o peso do carrinho. Os resultados do gasto energético e da carga fisiológica de trabalho demonstraram-se, que a maioria desses catadores desenvolve um trabalho pesado, que potencializa o esgotamento físico e ficam expostos a maiores desgastes devido à sobrecarga transportada diariamente, além de serem sempre estimulados a aumentar a carga além do limite que podem carregar, para ganhar mais com o peso na balança de quem compra recicláveis. Para coletar em o material que lhes pode ser útil, os catadores enfrentam o trânsito que os faz vítimas de atropelamentos. (SILVA, 2006; ANJOS; FERREIRA, 2000). O fato de o catador utilizar seu corpo para transportar e manusear o lixo coloca-o em exposição a acidentes e riscos. Não há segurança para estes trabalhadores, que continuam um caminho que recomeça com a mesma característica e imprevisão a cada dia, é sempre imprevisível. Mesmo os catadores mais experientes não sabem como será seu

dia de trabalho na busca incessante de material para ser reciclado, matéria-prima de seu trabalho. O gasto energético para executar esse trabalho é muito grande, exige esforço contínuo; o manuseio e a sobrecarga no transporte resultam em sérios problemas de saúde, como dor muscular, contusão lombar e entorse (SILVA,2006).

A realidade dos catadores é de enfrentamento aos riscos. A possibilidade de contaminação é conhecida, existindo, obviamente, aqueles que não sabem, mas não têm recursos para evitar a contaminação, como uso de luvas, botas e roupas adequadas para o trabalho com lixo, refletindo a própria precariedade da vida que levam e a falta de ajuda e de políticas públicas. Por outro lado a população também não colabora, separando o próprio lixo. Desempenhada com consciência, esta ação poderia refletir sobre os bens naturais renováveis e não renováveis que podem entrar novamente no círculo de produtos industrializados sem explorar matéria-prima, e principalmente sobre o respeito com a vida das pessoas que transportam e separam o lixo, sua saúde e dignidade humanas. Existe uma relação entre os acidentes de trabalho mais frequentes e a forma como são acondicionados os rejeitos, deixados soltos no meio do lixo; vidros, seringas e espinhos ferem no contato com a mão do catador, e isto se transforma em veículo de transmissão de doenças. O contato com substâncias do lixo é apontado como a principal causa de doenças e riscos diretamente associados à precariedade do trabalho (LAZZARI; REIS, 2011; ANJOS; FERREIRA, 2000; PORTO *et al.*, 2006; SILVA,2006; MEDEIROS; MACEDO, 2006).

O trabalho com lixo também é desenvolvido por garis². Para Vasconcelos *et al.* (2008), diferentemente dos catadores, os garis normalmente fazem parte dos grupos de funcionários das prefeituras municipais, e são registrados, possuindo carteira assinada e direitos trabalhistas; contudo enfrentam muitos riscos e insalubridade, como os catadores. A função do gari exige habilidade, rapidez e desempenho de um atleta, pois eles devem acompanhar os caminhões. O desempenho no trabalho desenvolvido junto com o grupo de coletores de lixo domiciliar exige estratégias e gestão para tudo correr bem, sem riscos, no trânsito, bem como durante as pães do

²Denominação usada no estado do Rio de Janeiro, que substitui o nome de “lixeiro” desde que o empreiteiro Aleixo Gary, em 1876, foi contratado para limpeza da cidade.

equipamento ou do caminhão. O tempo entre o recolhimento nas residências e o caminho percorrido pelo caminhão têm que estar em sintonia, e para acompanhá-lo os garis desenvolvem habilidades para perceber o movimento do trânsito, a corrida até o lixo, cuidando do trânsito da rua, da entrada e saída das garagens, usando gritos e assobios para identificar ou avisar os companheiros quando vem carro, tudo isso em movimento. Ainda precisam, na corrida, subir no estribo do caminhão; isto é agravado em dias de chuva quando em movimento sofrem escorregões, podendo ocorrer quedas e entorses no tornozelo e fraturas, devido aos buracos na pista que desestabilizam o caminhão, exigindo do trabalhador maior concentração e tomada de decisão para evitar acidentes. A complexidade referida pelos autores deve-se “a instabilidade, imprevisibilidade, e incerteza, as pressões de tempo e o ritmo de trabalho” (VASCONCELOS *et al.*, 2008, p. 416). Ao gari não é permitido economizar no ritmo em seu trabalho, pois isso pode expô-lo a lesões localizadas, nas pernas, ombros, joelhos e coluna, bem como acidentes que podem lhe custar a própria vida.

As pesquisas como as de Rêgo, Barreto e Killinger (2002) descrevem a dificuldade em que vivem as pessoas que trabalham com lixo, em abandono de infraestrutura urbana em locais denominados cortiços, favelas, aglomerados e lixões, normalmente na periferia das cidades; neste caso na cidade de Salvador na Bahia, considerando que “a maioria não tem instalações sanitárias”, nem coleta de lixo. Conforme estes autores, restos de alimentos e outros resíduos são empacotados ou ensacolados, depositados em riachos, canais, valas ou pontos de lixo doméstico que servem como esgoto; algumas vezes são enterradas no quintal, mas na falta deste são colocadas nas extremidades de casa em sacos plásticos, favorecendo a contaminação e gerando chorume de odor nauseante, criadouro de animais causadores de doenças e epidemias. (*op. cit.*).

No estudo desenvolvido por Dall’agnol e Fernandes (2007), em Porto Alegre no Rio Grande do Sul, com o propósito de conhecer como as mulheres entendem os riscos e perigos do lixo, lê-se que embora aceitem desenvolver o trabalho com lixo por não encontrarem outra oportunidade de trabalho, e necessitadas de reunir recursos para viver, a maioria das mulheres gostaria de trabalhar em lugares mais limpos, e demonstrou saber dos riscos que correm,

tanto elas como seus filhos ou crianças e adolescentes que trabalham com o lixo. Isto faz com que se considerem importantes as reflexões e discussões sobre as doenças e as ações que geram novas atitudes, bem como ações de autocuidado no dia-a-dia de seu trabalho. “O acúmulo de lixo serve de foco de atração de moscas, baratas, ratos, provocando doenças, verminoses, infecção intestinal, gripe, leptospirose, dengue, meningite, dor de cabeça, dor de dente, febre, alergias e náuseas” (SANTOS; SILVA, 2011, p. 298). Ao pesquisar as condições sociodemográficas e as moradias de crianças em Porto Alegre, Ferron, Saldiva e Gouveia (2012) estimaram em suas pesquisas a prevalência de intoxicação por chumbo em 16% das crianças na faixa etária de zero a cinco anos dentro de um grupo de 100 moradoras do lixão. Além disso, identificaram fatores associados, bem como possíveis fontes de contaminação local, onde as crianças conviviam e brincavam diariamente. Isso depois de realizar análises do solo e poluição; no lugar onde os catadores vivem foram encontrados níveis elevados de chumbo no solo, relacionados à atividade de reciclagem de lixo. Na visão dos catadores, a saúde é encarada como capacidade para o trabalho e, portanto, tendem a negar a relação direta entre o trabalho e problemas de saúde. A insalubridade do trabalho e a falta de proteção propiciam pequenos ou grandes acidentes, mas a vida rude e arriscada denuncia que os catadores não se importam e procuram resistir. Poder trabalhar significa para eles saúde e capacidade de trabalho. (MEDEIROS; MACEDO, 2006). Viver sob esta realidade significa, no mínimo é estar no meio das doenças. A pobreza e o desemprego são determinantes, e para trabalhar os catadores precisam mascarar suas próprias dores ou doenças, como se sempre tivessem saúde.

Elencar esses riscos e refletir sobre a luta diária do catador nesse trabalho árduo remete-nos a entender que ele treina como uma pessoa que vai competir uma disputa acirrada diariamente. A competição é pela sobrevivência, sem intervalos para descanso. O empenho para ganhar seu sustento atua no sentido contrário, diferentemente de uma vitória, o trabalho o conduz a uma vida sofrida e curta; sua longevidade é comprometida pelos riscos e doenças com as quais tem que conviver em um meio hostil com baixa qualidade de vida, desgaste psicossocial contínuo e elevado índice de morbidade pelas condições de trabalho insalubres, que acarretam uma maior taxa de mortalidade e baixa longevidade entre os catadores (BRASIL, 2004).

O trabalho de separação do lixo muitas vezes é feito próximo às moradias dos catadores, dentro do terreno que habitam ou jogado nas imediações dos lugares onde moram; isso contamina o solo e a água, e por ocasião das chuvas provoca as enxurradas, arrastando as sobras do lixo, o que se agrava durante as enchentes, dificultando o escoamento da água, que se infiltra no solo, contribuindo com a decomposição e tornando-se um chorume fétido, chamariz para animais nocivos e doenças. Os riscos são constantes, em meio a uma realidade que contraria a vida e a dignidade humanas, e entre os obstáculos está o descaso com a saúde do catador. Enfatiza-se, ainda, que quando os catadores assumem esta função recebem pouca informação sobre os perigos que este trabalho oferece; somente com o tempo e na convivência com outros catadores é que se aprende a lidar com o lixo, suportando todas as adversidades advindas desta profissão desconsiderada socialmente.

Estudos desenvolvidos por Mabuchi *et al.* (2007), na periferia do sul da cidade de São Paulo, mostram que para suportar tanta adversidade os catadores fazem uso de bebidas alcoólicas; para suportar as situações em que se encontram tanto externas relativas ao meio ambiente hostil, como em relação ao abandono social e os efeitos em si mesmos. Para esses autores, a embriaguez os faz esquecer a verdade cruel dos riscos a que estão submetidos: a desvalorização de sua atividade e profissão, somados ao ganho muito aquém de suprir suas necessidades básicas. A falta de informação, apoio e esperança contribuem para a inserção nessa doença, o alcoolismo.

Pela investigação de Rozman *et al.* (2008), outro risco ao qual a população de catadores está susceptível é a infecção por HIV, em função do comportamento relacionado à coleta de lixo. Neste estudo na cidade de Santos, os resultados encontrados no grupo pesquisado “foram de 10 a 12 vezes maiores que a média nacional” (p.838), refletindo que estas comunidades são socialmente marginalizadas e geralmente não reconhecidas pelos programas nacionais como população de risco em potencial à contaminação por vírus como o HIV; Hepatites, também podem ocorrer, entre outras formas, através de um acidente com agulha contaminada.

A maioria dos catadores desenvolve suas atividades na clandestinidade, convivendo com a insalubridade e insegurança, excluída da proteção trabalhista de planos de saúde, e explorada por intermediários. Os riscos são

evidentes e constantes, em função da insalubridade e precariedade dessa atividade. A existência de pessoas que trabalham com o lixo faz parte da paisagem física e, infelizmente, da sociorrelacional das cidades brasileiras. Se, por um lado, isto pode revelar a carência de absorção de mão de obra e de oferta de trabalho, por outro lado indica condições e situações aviltantes para as quais as políticas públicas não podem fechar os olhos, se pensarmos nas dimensões psicossociais dessas pessoas imersas, literalmente, na situação do lixo. Finalmente, o que fica evidente é a necessidade imediata de promover mudanças nas formas de consumo, e melhorar a forma como o lixo é depositado, visando a salvaguardar a saúde e a vida das pessoas que trabalham com o lixo.

3.5 QUINTO EIXO: IDENTIDADE SOCIAL E IMAGINÁRIO LIGADO AO LIXO.

O fato de a pessoa ser um catador, ou catadora, remete à idéia de trabalho com lixo, que é sujo, desorganizado, estragado, imprestável, inútil, ou resto, acabado, velho e ligado a doenças. Tudo isso atribui significado negativo à função e ao trabalho dessas pessoas que não encontraram outra opção para seu sustento a não ser a catação de resíduos. Com tudo isso, mesmo sabendo destes julgamentos sobre sua atividade, o catador ainda se equilibra no mal-estar de trabalhar com o lixo, por entender que se distingue dos desempregados, andarilhos sem destino, repudiados, visto que estes transmitem insegurança nas ruas, e são classificados como bandidos ou assaltantes. Já o catador, faz parte de uma “limpeza” da cidade, e por isso considera-se um trabalhador. “A identidade profissional se apresenta como possibilidade de inclusão social.” (SOUZA; MENDES, 2006, p.37)

A negatividade está no descaso da população que acaba impregnando o catador de estigmas, desprezo e omissão, tornando invisível e descompromissada a relação da sociedade com este trabalhador. O significado do lixo afasta, isola da convivência e do relacionamento, ignorando a existência desse trabalhador, o que facilita o não comprometimento com seus direitos como cidadãos. Esta classificação negativa do lixo pelas pessoas revela a discriminação que expõe o catador ao preconceito, contribuindo para a

formação de um sentimento de inferioridade e sofrimento, no seu estado de ser. Ele trabalha sem expectativas de melhorar sua vida; isto acaba diminuindo-o. (SOUSA; MENDES, 2006; OLIVEIRA; 2006; DALL'AGNOL; FERNANDES, 2007)

Com o acúmulo de lixo produzido pelo excesso de bens descartáveis houve a necessidade de afastá-lo dos centros urbanos criando-se os lixões onde o mesmo é depositado. O Brasil possui 2.906 lixões cadastrados distribuídos por 2 810 municípios (IPEA, 2013), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, conforme seus registros, não computando os lixões espalhados em terrenos baldios que não são controlados, reflexo do descaso da administração de saúde pública e da população. Entre tantos no Brasil, o lixão do Jardim Gramacho foi considerado o maior no Brasil e na América Latina. Fica situado no município de Duque de Caxias no Rio de Janeiro, foi fechado em 2012 depois de 34 anos de funcionamento, onde trabalhavam 1 200 catadores diariamente. Homens e mulheres sofriam preconceito em relação a sua identidade³ social pela mídia. A produção de lixo no Brasil equivale a 240 mil toneladas de lixo por dia (IPEA, 2013), aproximadamente, e vem crescendo diariamente. Com ele cresce a necessidade de viabilizar cuidados com o destino do lixo e com a população que trabalha com ele. Destacamos a ECO-92, no Rio de Janeiro, que entre outros documentos produziu a Agenda 21, com sua previsão e ações sobre o desenvolvimento com justiça social e combate à pobreza, características estas encontradas nos catadores de lixo, opção de trabalho informal que desencadeia reflexos negativos sobre a atividade. Alguns catadores preferem negar a realidade de sua identidade à família ou amigos para não sofrerem desprezo por seu trabalho, por não terem conseguido outra função, tendo que se sujeitar a catar lixo. Eles contam com sua própria sorte permanecendo nessa situação ou sem

³ Catadores demonstraram repúdio e desconforto com matérias que os mostram disputando comida com animais. Por exemplo, a edição do "Jornal do Brasil", de 20.07.2003, focaliza os catadores do lixão do Rio de Janeiro em uma reportagem com o título "Famílias disputam comida com ratos e urubus". No lixão onde foi realizada a pesquisa foram cadastrados, em 2001, 288 adultos (55% de homens) entre 22 e 40 anos, 59 adolescentes de 12 a 18 anos (66% do sexo masculino) e 36 crianças de 6 a 11 anos (61% de meninos).

opção encontrar outro emprego, ou sem opção aceitam essa realidade. (MIURA; SAWAIA, 2013; CUNHA, 2012). Existe ainda um sentimento de não serem bem vindos em determinados lugares, muitas vezes são humilhados. Mesmo nesta situação continuam no mesmo trabalho por não terem saída, e por acreditarem que para manter a cidade limpa e organizada são necessários, mesmo como desprezados. Conforme descrito: “As emoções mais frequentes são a vergonha e a humilhação, decorrentes, sobretudo da discriminação e do preconceito (MIURA; SAWAIA, 2013, p.331).

Desta forma, para Miura e Sawaia (2013), a positividade da oportunidade de ser catador e tirar do lixo reciclável sua sobrevivência significa dar valor ao lixo, que coloca comida na mesa e paga as contas básicas; isto inverte o sentido do lixo de negativo para positivo. Este olhar positivo por parte dos catadores não minimiza as condições precárias e de riscos próprias deste trabalho. Partindo deste aspecto essas pessoas, embora sobrevivam do lixo, possuem uma ocupação pela qual se identificam como desvalidos, e são somente respeitados no seu território, entre outros iguais (CUNHA, 2012). Contudo não é apenas o preconceito e a precariedade que multiplica suas dificuldades, mas também a competição pelos resíduos sólidos valorizados no mercado de recicláveis na atualidade.

Conforme define Carmo (2009, p. 593), a “commoditização do lixo. O trabalho com o lixo está dividido em semântica negativa do lixo, referindo-se aos estigmas e dificuldades relacionadas ao nojo do lixo (referindo-se a aparência e odor) e semântica positiva, vinculada a algo que ainda tem utilidade, que pode retornar ao ciclo produtivo comercial e por isso é valorizado pelas recicladoras; com isso os catadores passam a disputar o material reciclável com grupos organizados em empresas recicladoras em franco desenvolvimento.

No Brasil, existe por um lado uma sociedade moderna, com uma economia industrial, que inclui apenas uma parcela privilegiada da população. O mesmo tempo, no mesmo território e na mesma cidade, uma sociedade primitiva, de um miserável setor terciário marginal oferecendo seu trabalho por quase nada. Segundo o IBGE (2010), cerca de 10% dessas famílias brasileiras encontra-se em estado de miséria, com rendimento per capita inferior a um

salário mínimo. A concentração da riqueza fica nas mãos de 1% da população que leva uma vida semelhante à vida nos países ricos na Europa, enquanto que a imensa maioria enfrenta situações semelhantes aos países da África. Para Morais e Siqueira (2007), a existência dos catadores de materiais recicláveis em uma sociedade pode revelar a condição de disparidades sociais, marginalização e preconceito. Estas circunstâncias nos remetem a todo o contexto histórico-político da colonização, ao desenvolvimento seguido da urbanização no Brasil, que está ligada de modo inseparável à indústria de bens não duráveis, característica das indústrias dos países subdesenvolvidos. O crescimento vegetativo das cidades e o número de habitantes não se refletiram em empregos formais, o que favoreceu o surgimento de um exército de reserva de desempregados que ocupam temporariamente qualquer oferta de ganhos (SANTOS, 2005).

Para Bosi (2008, p. 67), neste país as indústrias de reciclagem estruturam-se na mão de obra barata dos catadores, que não cobram vínculos ou despesas para essas indústrias. Efetuam o trabalho submetendo-se a riscos cobrando minimamente por isso.

Os catadores têm formado uma “superpopulação relativa de trabalhadores” que, atualmente, é recrutada e ocupada aparentemente sob a forma de “trabalho por conta própria” ou “autônomo”. Isto significa dizer que são acionados para ocupações cujo trabalho, embora não seja vendido sob a forma de salário e de uma jornada sistemática, tem sua organização realizada pelo capital. (BOSI, 2008, p.106)

Para este autor, os trabalhadores fazem parte de uma população clandestina que compõe uma população reserva que aceita condições degradantes, ocupando-se do lixo como matéria-prima de seu trabalho. Para muitos catadores, sua atividade é desprezada, e por isso têm dificuldade de explicar por que trabalham com lixo; mesmo os que trabalham dentro das associações não têm oportunidades para decidir sobre suas funções. Uma forma de inverter a maneira e a identidades desses trabalhadores seria as associações, e comunidades que poderiam ser consideradas uma ponte para a inserção no mercado de trabalho formal. Conforme descreve Cunha (2011), “o catador associado luta para demonstrar que tem ficha limpa, que não tem problemas com a polícia, o catador de rua é visto pela sociedade como um marginal” (p.56). Mas trabalhando nas cooperativas sentem-se valorizados

como parte da sociedade produtiva, tanto pelas recicladoras como pela própria população, que passa a respeitar sua atividade e também o trabalhador. Em sentido contrário, na análise de Pereira *et al.* (2012), o fato do catador ser trabalhador em uma cooperativa ou associação não muda o preconceito que ele enfrenta, no olhar das outras pessoas. Conforme descrito a seguir:

Nesse cotidiano, os catadores trazem consigo as marcas de uma realidade que se mostra viva em cenas perversas, sentindo-se desamparados. Marcados pela imagem de sujo, com odor fétido no corpo e nas roupas, impregnados com o próprio produto das incansáveis horas de seu trabalho, são alvo de preconceito e exclusão da sociedade, estigmatizados como o lixo que revolvem e manuseiam no cotidiano. (PEREIRA *et al.*, 2012, p.44)

Muitos dos catadores tentam mascarar as atividades que executam com o lixo, justificando que seu trabalho colabora para um ambiente melhor e mais limpo. Visto desta forma estão prestando um serviço à comunidade, que não deixa de ser uma atividade qualquer do setor terciário. Isto sinaliza que as atividades do setor terciário englobam 53% da população economicamente ativa no Brasil, porém inserem atividades com disparidades acentuadas, pessoas com mão de obra especializada ocupando cargos importantes de prestação de serviços, mas também pessoas sem nenhum preparo exercendo atividades mais conhecidas como subemprego, reflexo do crescimento urbano que não acolheu a mão de obra no mesmo nível de planejamento das cidades, ocasionando uma hipertrofia do setor terciário que concentra os biscoiteiros, vendedores de rua, camelôs e outros (IBGE, 2010). No caso dos catadores, a baixa exigência dá margens a um grande número de pessoas, intermediárias de serviços gerais, vincularem-se nesta atividade mesmo sendo considerada negativa e depreciada, porque trabalha com o que não tem mais utilidade. Estas características são transferidas sob a forma de preconceito e exclusão social para quem dela se ocupa diariamente. O ambiente de trabalho também colabora para manter a imagem pejorativa, desagradável, de sujeira e desorganização associada às pessoas que trabalham nela. Conforme Pereira (2012, p.41), “a condição de marginalidade social vivida pelos catadores tem implicações de diversas ordens: econômicas, sociais, culturais e psíquicas”. Isto se encontra marcado pela informalidade, pelo desemprego, e pelo anonimato das ruas. Estas situações contribuem para anular as relações

sociais e as poucas oportunidades de uma relação positiva, transformando as poucas esperanças em quase nada. As longas caminhadas à procura de material reciclável no lixo das ruas vão impregnando sua roupa com cheiro e sujeira, vai culpabilizando o catador com um sentimento de inferioridade diante das vitrines espelhadas das lojas, que refletem em meio ao novo do luxo sua imagem de pobreza e sofrimento. Diante deste esforço cotidiano para conseguir recurso nesta luta em seu trabalho que não foi escolhido entre outras oportunidades, mas como alternativa para conseguir o mínimo necessário para viver, precisa do apoio de políticas públicas que sejam dirigidas à inclusão dos catadores invisíveis como cidadãos no mercado de trabalho, para que seus direitos sejam fortalecidos e que possa haver melhorias na sua vida precarizada na condição de trabalhadores e cidadãos.

3.5.1 Reflexões sobre educação para a liberdade

As reflexões aqui descritas destinam-se a compreender a dimensão educativa presente no processo de humanização, inserção e libertação da opressão sofrida pelos catadores clandestinos desvalorizados no mercado de trabalho formal. Fazemos a leitura da realidade social do lugar onde vivem na condição de oprimidos, no sentido da compreensão de que a sua história pode ser modificada pela sua ação, como sujeitos de suas vidas (FREIRE, 1987, 1996). A atual conjuntura mundial fez aumentar a pobreza e a desigualdade social, não só através da transformação das relações de trabalho, mas também da exclusão social das populações de analfabetos e analfabetos funcionais que sem qualificação podem ser substituídos a qualquer momento, acabando desempregados e encontrando alternativa de sobrevivência no subemprego. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o Brasil tem 33 milhões de analfabetos funcionais (cerca de 18% da população), ou seja, pessoas com menos de quatro anos de estudo. Entre os catadores, 46% desses trabalhadores são analfabetos funcionais. A UNESCO considera analfabeto funcional aquele que não consegue interpretar e fazer leituras críticas sobre o que lê, não entendendo o contexto e mensagem da leitura. Esta é uma realidade que necessita de mudanças. Paulo Freire, em sua luta neste país por uma educação libertadora, problematiza a realidade vivida não

apenas transferindo conhecimento neutro, mas contribuindo para apreensão de saberes, para analisar sua vida e libertar-se da condição de inferioridade. Para esse autor a alfabetização deve ir além dos processos de codificação e decodificação, e promover a conscientização acerca dos problemas cotidianos. A compreensão do mundo e o conhecimento da realidade social, que negam os direitos, instalam injustiças e oprime situações que devem ser revertidas.

É preciso, sim, trabalhar na perspectiva da potencialização da cidadania desses atores sociais, com a possibilidade da sua organização popular em processos cooperativos (cooperativismo popular e associativismo), com a possibilidade do desenvolvimento da sua autonomia, da democracia e da constituição de sujeitos abertos à alteridade. (BARBOZA, 2008, p. 284)

Entre os catadores, o que temos visto é uma aceitação e marasmo diante da realidade oprimida, numa ação de mudança, consciente, como classe social explorada. É necessário mais do que saber escrever a palavra catador, é necessário analisar, entender que existe um mercado produtivo de reciclagem de produtos que circulam no comércio produzindo lucros, que a eles não chegam. Mudar a postura do catador seria trazê-lo para a percepção de que sua precariedade poderia transformar-se em um novo posicionamento ao identificar o lixo como uma mercadoria que move a indústria de reciclagem, e que seu trabalho é a principal mola propulsora que sustenta o atravessador e a indústria de reciclagem que dele se servem. Como saída para seus direitos como trabalhadores, encontram a fragilidade dessas organizações populares, devido à competição entre os próprios catadores em sua luta para sobreviver (BARBOSA, 2008).

As ações comunitárias, que emergem da realidade de seus ambientes de trabalho e moradia, das discussões conjuntas sobre a exploração em que estão submersos, poderiam gestar os primeiros passos para construção de sua autonomia com perspectiva de sustentabilidade particular, bem como de todo o grupo para inverter a informalidade, a omissão de sua identidade como trabalhadores pela função que executam sem reconhecimento, pois são apagados do campo de visão, invisíveis socialmente. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, o catador percebe suas condições precárias de vida, e tem o desejo de melhorar, mas está amarrado pela realidade de descaso social, que atinge todos os trabalhadores da mesma categoria que aspiram a

mudanças na sua relação com a sociedade, o que é manifestado nas lutas da categoria. Embora cada catador enfrente sozinho seus problemas e sofrimento, é no coletivo que se sentem encorajados para falar dos seus desejos de mudanças, da desvalorização de seu trabalho, da angústia que sentem, dos perigos e riscos que passam em sua labuta de sol a sol.

PARTE IV

CONEXÕES COMUNITÁRIAS E EDUCACIONAIS NO COTIDIANO DOS CATADORES DE LIXO

A terceira parte da seção teórica busca relacionar algumas dimensões comunitárias que poderiam estar presentes no cotidiano dos(as) catadore(a)s de lixo, e demonstrar como poderiam ser potencializadas formas de uma educação popular que fortalecesse o aprendizado e as formas de participação dessas pessoas na busca de melhoria de vida.

Pensando em promover a dimensão educativa e processos de humanização e libertação da opressão sofrida pelos catadores analfabetos ou analfabetos funcionais, que efetuam trabalhos clandestinos desvalorizados no mercado de trabalho formal, encontramos apoio teórico no campo da Psicologia Social Comunitária dentro de uma proposta de conscientização e participação comunitária, com autores como Freitas (2003, 2005, 2008) e Lane (1981 2001); e na Educação, com Paulo Freire (1987, 1996, 2000), em sua veemência em arquitetar propostas que levassem as pessoas a refletir sobre os problemas no cotidiano, buscando através do diálogo debater propostas críticas e conscientes o bastante para conhecer as questões sociais e políticas que estão a sua volta e saber se posicionar sobre elas; não ficar apenas como espectadores ou receptores, procurando conscientizar-se, escolhendo, decidindo, prevendo e promovendo saídas.

É neste sentido que entendemos que se deve oportunizar aos catadores, não de uma maneira imposta, mas de forma significativa, com olhar crítico, estudar novamente, e através da educação compreender que podem transformar a realidade através da participação conjunta, dialogando, idealizando propostas que permeiem a idéia de todos, articulando conexões comunitárias. Conforme Freire (1987, p. 30), quando se entende a própria realidade, pode-se levantar suposições sobre ela, prever soluções e também transformá-la positivamente. Segundo Freitas (2002), Paulo Freire desenvolveu estudos que contribuíram para reflexão e ação transformadora sobre a opressão e a submissão em que vivia a sociedade brasileira. A educação professada por Paulo Freire, também chamada de Educação Dialógica, é

fundamentada no diálogo coletivo sobre a realidade vivida, sob o foco de uma situação-problema de modo que se ampliem as possibilidades de compreensão dos problemas que estão aparentes. Neste sentido Monteiro (2006, p. 229 *apud* Oliveira, 2008, 156) afirma que:

Ao longo do comprimento e largura do trabalho comunitário se apresenta a necessidade e a oportunidade de problematizar, pois em todas as fases da intervenção ou de investigação [...] aumentam os momentos em que os agentes externos e os agentes internos compartilham a perplexidade e a contradição ao analisar os aspectos relacionados com os problemas, necessidades ou planos de transformação que se tem planejado. Perplexidade por não encontrar nenhuma explicação para certos comportamentos, contradição por confrontar explicações conflitantes que revelam [...] formas de aceitação injustificada das condições de vida ou modos de saber que afetam a compreensão das circunstâncias que se deseja transformar⁴ (tradução nossa).

Problematizar a realidade da comunidade dos catadores significa mergulhar nos significados para buscar saídas no enfrentamento do cotidiano de exclusão social, da condição de oprimidos, instigando a libertação para transformar estas condições desumanas no sentido da compreensão de que a sua história pode ser modificada pela sua ação, como sujeitos de suas vidas. As disparidades sociais presentes na sociedade brasileira também manifestam dois lados salientes na educação, que se envolve de um lado com os problemas de exclusão, estigmas e descaso social que atingem as crianças dos catadores, que crescem junto com os pais ou cuidadores que trabalham nesta atividade, convivendo com a separação de material reciclado, brincando no meio de montanhas de material, que vai sendo organizado para ser vendido e reciclado ou é descartado na própria moradia; por outro lado, crianças consumidoras crescem sem valorizar os bens materiais não renováveis, produzindo lixo. Por isso, a articulação entre as comunidades, isto é, os que produzem e os que coletam lixo, pode gerar soluções na forma de movimentos

⁴ Do original: "A lo largo y a lo ancho del trabajo comunitario se presenta la necesidad y la oportunidad de problematizar, pues en todas las fases de la intervención o de la investigación [...] abundan los momentos en cuales los agentes externos y los agentes internos comparten la perplejidad y la contradicción al analizar los aspectos relacionados con los problemas, necesidades o planes de transformación que se han planteado. Perplejidad al no hallar explicación para determinadas conductas, contradicción al confrontar explicaciones opuestas que revelan [...] formas de aceptación no justificada de condiciones de vida o de modos de conocer que afectan el entendimiento de las circunstancias que se desea transformar(MONTEIRO, 2006, p.229, *apud* OLIVEIRA, 2008, p.156).

populares, a partir da criação de espaços de locução, de sinergia e de trocas de conhecimento de experiências bem-sucedidas, para a construção conjunta de alternativas. Para Lane (1981), “nosso modo de agir é determinado pelo grupo social ao qual pertencemos, definimos nossa identidade e peculiaridades”, por isso discutir a consciência social na escola, no trabalho e na comunidade pode desenvolver uma leitura crítica sobre a realidade, sobre os modelos do desenvolvimento global que se apresenta, a partir de uma abordagem sistêmica, ou seja, daquela que concebe o mundo como uma teia, uma rede dinâmica de relações.

Contudo, apesar da urgência, existem dificuldades nos catadores de se colocar criticamente de frente com a realidade social em que vivem e analisarem o que determinou esta situação, isto é, o contexto histórico. Uma estratégia metodológica para interiorizar a realidade vivida pelos catadores foi a utilização do curta-metragem “A Ilha das Flores” (1989), de Jorge Furtado. Este filme pode servir de cenário para discussão, considerando que o filme versa sobre desigualdades sociais geradas pelo sistema capitalista excludente, tornando visível o problema dos catadores e o sistema de dominação e alienação. Precisam entender que é necessário ignorar as reações assistencialistas e buscar caminhos que conduzem para uma reação de autonomia. Nos vários estudos realizados a respeito desta realidade, e publicados na base de artigos, podemos derivar reflexões e questionamentos segundo as dimensões psicossociais, a respeito dos seguintes aspectos: trabalho com o lixo sendo considerado como alternativa de sobrevivência se utilizado em formas adequadas de reciclagem; tipo de trabalho sendo alvo da exclusão social, embora seja ecológica e socialmente necessário; alto risco à saúde e baixo respeito às suas condições de realização; alta suscetibilidade a riscos diários de contaminação; emprego concomitante de outros atores sociais situados em escalas sociais inferiores onde a exclusão se reproduz.

À medida que a realidade concreta tem apresentado mais e mais problemas que incidem diretamente sobre a vida cotidiana e psicossocial das pessoas, mais desafios têm sido colocados à prática desses profissionais, para que compreendam e encontrem alternativas que, pelo menos, minimizem os problemas que trazem consequências para as pessoas em termos de stress psicossocial; de desagregação da rede de relações primárias e secundárias; de sofrimento psicológico nas situações familiares e de trabalho e de

apatia, desamparo e baixo envolvimento nas decisões sobre a própria vida. (FREITAS, 1994, p. 9).

O propósito de articular conexões entre o ensino construído em intersecção com a comunidade sustenta-se no desenvolvimento de atividades que contribuam para a modificação das situações de degradação social que geram desgaste psicossocial para a população de catadores de lixo, embora o modo de vida das pessoas que vivem imersas em ambientes degradados gere um certo conformismo, uma passividade para suportar condições limitantes de sobrevivência. Para Paulo Freire, a alfabetização deve ir além dos processos de codificação e decodificação, promovendo a conscientização acerca dos problemas cotidianos, a compreensão do mundo e o conhecimento crítico-histórico da realidade social.

A nosso ver, existe uma interdependência entre ensino e comunidade, que funciona positivamente para a inserção social, no sentido de envolvimento da escola com a comunidade onde vivem os catadores e efetuam sua prática. Esta interação pode contribuir para promover soluções, leitura de mundo, e esperança de um futuro melhor. “É exatamente em suas relações dialéticas com a realidade, que devemos discutir a educação como um processo de libertação do homem.” (FREIRE, 2000, p.68). Nessas relações que se efetuam no espaço de convívio familiar, escola, comunidade e meios de comunicação em suas diversas formas existem comunicações que interagem, numa dinâmica das relações entre os indivíduos e estes meios integrados; estas relações refletem-se no modo de vida, em seus vínculos, e na comunidade em todo seu contexto cultural, compartilhando ou instituindo condutas que influem e auxiliam na solução dos problemas.

Quando há compreensão de suas ações no conjunto das relações sociais, as estratégias utilizadas para a concretização de suas vidas diárias colocam-se como primordiais para o conhecimento das formas pelas quais os catadores percebem e interpretam a vida. Assim os costumes enraizados e herdados na comunidade passam a adquirir novas experiências com o propósito de articular propostas que envolvam a participação, debatendo táticas e novas condutas diante da necessidade de mudanças. Freitas (2008, p.24) destaca que “[...] o foco da discussão dirigido às relações entre as

estratégias de ação, a vida cotidiana e as possibilidades de participação, deve-se considerar também as repercussões disto para realização e continuidade dos trabalhos em comunidade.”

É neste contexto complexo que se faz necessário destacar a história de pertencimento da comunidade onde está inserida a comunidade dos catadores, e a escola para compreender os problemas e as possibilidades de enfrentamento. Considere-se a importância na atividade docente de proceder à mediação reflexiva e crítica diante da exclusão vivida na dinâmica social, sob a ótica de Freitas (1996) em seus estudos no Brasil e na América Latina, atuando na “intervenção ou ação psicossocial nas relações do cotidiano, entendida como uma forma de ação em que os agentes (internos e externos) se implicam numa relação partícipe e partilhada quanto à problematização da realidade e a elaboração de alternativas a serem implementadas”. (p.105).

Os recursos públicos demoram ou não chegam aos pobres, mas a educação pode contribuir para a compreensão da realidade vivida e da situação em que se encontram, utilizando o conhecimento elaborado da Ciência, das artes, da Psicologia, Geografia, Pedagogia e outras ciências da educação como ferramenta para interpretar a realidade onde está inserida a escola. Desta forma, pode-se pensar numa educação significativa que pode fornecer subsídios sobre a própria realidade social e comunitária, sugerindo propostas que contribuam para minorar os problemas mais latentes dentro do contexto histórico, social e cultural do qual fazem parte. Paulo Freire (2000) destacou que para sair da condição de oprimido deve-se compreender a realidade, olhando-a em sua condição de oprimido não para ficar nela, mas para sair, e libertar-se; envolvendo-se dinamicamente a relação entre o indivíduo e o contexto, focando na maneira como essa população luta para sobreviver no ambiente do seu mundo real.

Para Freire (2000, p.67), “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Desta forma, ao enfatizar a importância dos saberes significativos produzidos na escola, que possam contribuir com a comunidade em que ela está inserida, isso torna-se, muitas vezes, o único vínculo com o saber sistematizado para as pessoas que ali vivem, suas oportunidades de ações em conjunto e trabalhos comunitários. Neste sentido, prioriza-se desenvolver estruturas pedagógicas para propiciar

aos alunos a oportunidade de utilizar a sua própria realidade como forma de se tornarem sujeitos geradores de propostas que minimizem seus problemas, promovendo a colaboração dentro e entre as comunidades no município, compartilhando práticas entre professores com pessoas da comunidade, como: escritores, engenheiros florestais, ambientalistas, funcionários de estação de tratamento da água, funcionários da prefeitura, políticos, fotógrafos, agricultores, donas de casa, comerciantes, catadores de lixo etc.

Pessoas, instituições e agências desenvolvendo amizades, propostas, confiança, relações de trabalho e parcerias, colaborando e se aliando, gerando experiências para o bem de todos. Nessa imersão cada aluno representa sua família, sua comunidade; recebe influência da escola, do bairro e da cidade, que está imersa na realidade municipal em toda a sua gama de desenvolvimento desigual, com problemas sociais como desemprego e violência, mas também em constante desenvolvimento tecnológico estimulado pelo capitalismo, que exclui e progride abrindo caminhos para uns e excluindo outros. Em tudo isso ocorre uma troca, constante, de experiências de vida, construção dos saberes, do senso de realidade adquirido por meio do contato direto com o cotidiano. A desigualdade social e econômica presente na população brasileira coloca em evidência a necessidade de inverter essa situação, utilizando estratégias e intervenções como formas de atingir os catadores no contexto onde vivem, e como se envolvem com seus pares, os significados que possuem e a forma como lêem o mundo em sua realidade social histórica, em seu contexto geográfico, cultural e econômico. Com o apoio na Psicologia Social Comunitária, nos grupos comunitários e na familiarização com as pessoas, informações vão sendo obtidas para poder intervir e colaborar na realidade onde as pessoas vivem, considerando o modo de vida do lugar da comunidade, as relações, a identidade, a consciência, a identificação dos sujeitos nos grupos comunitários, suas características específicas, somadas à identidade do lugar, e às articulações de como funcionam as relações de trabalho entre si, como a dominação em que estão submersos.

Entendemos que a educação surge vinculada à responsabilidade, ao compromisso e à transformação social, expressa na proposta político-pedagógica de Paulo Freire (2000). Conforme este autor, no processo educativo é preciso ver o homem em sua interação com a realidade, sobre a

qual exerce uma prática transformadora, em suas relações dialéticas. Trata-se da educação que colabore necessariamente com alguma intervenção dirigida a processos de conscientização e participação construídos na rede da vida cotidiana e comunitária da população, procurando entendimento da relação da pessoa com seu ambiente, da forma como compreendem os significados construídos no dia-a-dia, da subjetividade na relação com os outros e, principalmente, entender sobre a exclusão social.

Com este intuito pode-se envolver a escola, em seus programas, pautada para uma educação libertadora preconizada por Paulo Freire (1987, 1996), de forma que se instrumentalizem as pessoas a lidar com a opressão, estabelecendo um diálogo entre a prática do professor e os problemas dos seus alunos em suas famílias, dos desempregados e oprimidos, condição que está alicerçada na sua própria história, claramente ou de forma oculta em suas relações objetivas e subjetivas. Entende-se a necessidade de multiplicar forças e de agir em conjunto, que se caracterizam pelos desejos de superar o sofrimento gerado pelo desprezo como os catadores são tratados, que tornam inviáveis suas ações de recuperação de si mesmos, fazendo com que sejam capazes de questionar a condição em que vivem, revelando injustiças, alicerçando mudanças emancipadoras. Também é necessário enfrentar o descaso das políticas públicas, no sentido de construir respeito aos interesses, valores e alternativas das comunidades e associações, com perspectivas da própria população. Desta forma, o educador e o educando que integram este mesmo processo estabelecem uma relação de diálogo, na qual ambos aprendem juntos, prevalecendo uma troca, uma interação, produzindo-se conhecimento; conforme Freire (1987), que descreve como antidialógica a conquista, dominação, manipulação e invasão cultural, mas dialógica a colaboração, união, organização e síntese cultural, para destacar que o educador revolucionário não pode usar os mesmos métodos e procedimentos antidialógicos de que se servem os “opressores”. Pensa-se numa relação entre as pessoas, onde não haja dominação, mas cooperação e comunicação. Esta relação com a educação que interroga e busca respostas coletivas na interação com as famílias, vizinhanças, escola e comunidade dos que se identificam pelos problemas comuns e necessidades a serem satisfeitas, torna possível aos envolvidos recuperarem, através da cooperação, seus objetivos comuns. A

relação entre comunidade e educação, além de contribuir para aproximar as pessoas em suas relações com o outro, cria parcerias e oportunidade de expressão, auxiliando e colaborando na discussão de soluções para problemas comuns relativos ao lugar onde vivem em todo seu contexto histórico e geográfico.

Acreditamos que quando as pessoas despendem energias em conjunto, acabam por desenvolver uma prática comum, ou seja, maneiras determinadas de fazer as coisas e de relacionar-se entre si, que permitem que atinjam os seus objetivos. No envolvimento da comunidade com a escola criam-se vínculos entre os membros, um empreendimento comum, e isto com o tempo pode gerar uma rotina, novas experiências e até algumas normas de conduta entre eles. Este compromisso mútuo refere-se à dinâmica de uma rede de comunicações autogeradora de empreendimento conjunto, e de idéias que podem gerar experiências positivas e vencedoras em conjunto com seus vizinhos para fazer progredir seus trabalhos. Na prática no dia-a-dia os catadores trabalham quase sempre com suas famílias, sanguíneas ou não, e desta forma, pensando no sustento. Estas organizações são fortalecidas na comunidade, que contribui para aumentar o potencial de saberes, criatividade e organização, onde um aprende com o outro, fortalecendo-se.

Como dar vida às organizações humanas pelo fortalecimento de suas comunidades de prática não só aumenta-lhes a flexibilidade, a criatividade e o potencial de aprendizado como também aumenta a dignidade e a humanidade dos indivíduos que compõem a organização, que vão tomando contato com essas qualidades em si mesmos. Em outras palavras, a valorização da vida e da auto-organização, fortalece e capacita o indivíduo (CAPRA, 2005, p. 136)

A esse respeito, a partir da pedagogia do oprimido Freire já afirmava que “tanto o processo de conscientização como o de educação não ocorrem isolados e nem por transmissão, mas na mediatização do mundo na articulação do coletivo” (1987, p.12). Assim, na busca por elucidar a existência de interdependências entre os problemas, apoiando-se na Psicologia Comunitária de forma a compreender a natureza dos problemas psicossociais, pode-se através da educação, a exemplo de Paulo Freire em sua aproximação com a classe popular, partir da visão de mundo de quem está imerso no problema, pensando em alicerçar libertação da dependência opressora. Da mesma forma,

em sintonia com a educação, constrói-se uma base de saberes para mudar a situação de exclusão social e de exposição a perigos que colocam em risco a vida. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), o Brasil tem 33 milhões de analfabetos funcionais (cerca de 18% da população), ou seja, pessoas com menos de quatro anos de estudo. Entre os catadores, 46% desses trabalhadores são analfabetos funcionais. A UNESCO considera analfabeto funcional aquele que não consegue interpretar e fazer leituras críticas sobre o que lê, ou escrever sobre sua vida. Com necessidade de reverter esta carência, Paulo Freire em sua luta neste país por uma educação libertadora, problematiza a realidade vivida não apenas transferindo conhecimento neutro, mas contribuindo para apreensão de saberes para analisar sua vida e libertar-se da condição de inferioridade.

Assim, a educação como ato político e processo de humanização é essencial para transformação da sociedade, iniciando-se pela escolarização mínima aos que não têm acesso à escola, e depois a capacitação e formação no uso e manejo do lixo apresentam-se como aspectos importantes. Finalmente, é importante que a Educação trabalhe a formação ética no ambiente de ensino com discussão dos referenciais éticos, não apenas como norma, mas como um local social privilegiado de construção dos significados para ação de cidadania, promovendo discussões sobre a dignidade do ser humano, igualdade de direitos, recusando formas de discriminação e fortalecendo a solidariedade.

PARTE V

ALGUMAS FACES SOBRE OS CATADORES E SUA INVISIBILIDADE SOCIAL

5.1 PRIMEIRA FACE: A POBREZA E A BAIXA ESCOLARIDADE DOS PAIS

A pobreza e a baixa escolaridade dos pais mostraram-se decisivas para entender a decisão do trabalho com lixo como última alternativa de sobrevivência, mas trouxeram à baila o precoce envolvimento dos filhos jovens ou crianças neste trabalho. Vimos a necessidade de pesquisar as raízes da situação de pobreza nesta região de União da Vitória, que não é diferente de outras regiões, e que vem se arrastando desde os antepassados. No passado essas pessoas viviam do extrativismo, da agricultura e da pecuária extensiva em pequenos módulos agrícolas, contratados com baixos ganhos e poucos direitos, por isso acabaram refugiados na cidade na esperança de melhoria de vida. No meio rural, as atividades primárias com predomínio do extrativismo vegetal ocupava a mão de obra de todos na família, organizados pelo tempo de colher, extrair e armazenar, e também com a criação extensiva de gado bovino, suínos e galináceos. Não havia a preocupação em alfabetizar os filhos.

A alfabetização era feita nas famílias, contratando-se um professor por um determinado tempo para alfabetizar as crianças. Mas isso acontecia nas famílias que tinham condições financeiras; os operários das fazendas cresciam ajudando os pais, que também eram analfabetos (SILVA, 1933). Com o empobrecimento e mudanças nas atividades rurais, essas famílias vieram para a cidade, o ingresso dessas pessoas, propiciou a urbanização sem estrutura e planejamento, que favoreceu o crescimento urbano desordenado, em áreas de risco, sem infraestrutura, ou em reservas ambientais; normalmente fixavam-se em depósitos de lixo clandestino ou próximos aos lixões e aterros municipais, formando aglomerados urbanos em habitações desumanas, construídas para alojamento temporário que, sem opção, passou a ser permanente. Somado a isso, vem o jeito capitalista de viver nos países subdesenvolvidos em desenvolvimento, como o Brasil, inspirado no consumo motivado pela produção

de bens não duráveis, que resulta em quantidade de lixo. O acúmulo de lixo é uma realidade que se repete nas grandes, médias e pequenas cidades no Brasil e em outros países. O que diferencia esta realidade é a forma como as pessoas enfrentam, ignoram, assumem ou colaboram diante do lixo que produzem (JACOBI, 2012; MAGALHÃES, 2012; BAEDER, 2009).

A maioria das cidades no Brasil teve seu crescimento espontâneo sem planejamento, com acentuadas disparidades sociais e econômicas concretizadas na vida urbana, com invasão nas áreas de riscos com sérios problemas urbanos. A desigualdade avançou no tempo, desafiando a justiça social e excluindo uma parte significativa da população, que vive sem condições mínimas de dignidade e de direitos como cidadão (SANTOS 2009). Desempregados e sem qualificação para o mercado na cidade, centenas de pessoas buscaram no lixo opção para sobreviver, os catadores de lixo.

Figura 16 - O catador acompanhado Rua: Frei Policárpio em União da Vitória-PR.



Fonte: Acervo da autora. Fotografado em 20/03/2013.

Para os catadores, a luta pela sobrevivência absorve o seu tempo, que passam buscando soluções para comer, morar, vestir, havendo pouco ou nenhum investimento na educação para si mesma e para os seus filhos. Dentro

desta realidade, uma saída para encontrar trabalho e sustentar suas famílias foi a coleta de material reciclável. Desta maneira, para dar conta do trabalho de catação de material que pode ser reciclado, os catadores envolvem suas famílias, mulheres, filhos e parentes sanguíneos, outras vezes parentes por consideração ou por afinidade para ajudar nesta atividade.

Figura 17 - Catador na atividade de coleta diária. Rua Prof. Amazília. União da Vitória PR.



Fonte: Acervo da autora. Fotografado em 21/03/2013.

Para os catadores, a luta pela sobrevivência absorve o seu tempo, que passam buscando soluções para comer, morar, vestir, havendo pouco ou nenhum investimento na educação para si mesma e para os seus filhos. Dentro desta realidade, uma saída para encontrar trabalho e sustentar suas famílias foi a coleta de material reciclável. Desta maneira, para dar conta do trabalho de catação de material que pode ser reciclado, os catadores envolvem suas famílias, mulheres, filhos e parentes sanguíneos, outras vezes parentes por consideração ou por afinidade para ajudar nesta atividade.

Embora isso seja um agravante, nada se compara ao fato de ter sua infância roubada e seus estudos e tempo escolar comprometidos pelo envolvimento precoce no trabalho. Outro ponto que leva à evasão escolar dos

filhos dos catadores é o preconceito, o estigma de “filhos de catadores do lixo”; são chamados de “lixeiros”, e isso também colabora para afastá-los da escola, para não enfrentar esta barreira que os constrange, inibindo as relações (CUNHA, 2011) . Para não conviver com esse *bullying*, que hostiliza repetidamente essas pessoas, consciente, intencional. Essas crianças desistem de estudar, ou ficam trocando de escola constantemente. O *bullying* pode assumir formas de deboche, risos e apelidos, causando efeitos psicossociais que afetam o desenvolvimento e o crescimento dessas crianças, provocando a evasão escolar. No entanto, para os catadores que lutam pela sobrevivência e o suprimento de suas necessidades básicas, estudar fica num segundo plano; a escola para si e para seus filhos é vista de forma secundária.

5.2 SEGUNDA FACE: PROPOSTAS DE ATIVIDADES VOLTADAS AOS PROCESSOS DE CONSCIENTIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

Inicialmente constatamos que a maior parte dos problemas dos catadores deve-se à incapacidade e descaso das políticas públicas com objetivos focalizando o bem comum dessa população excluída.

Figura 18 – Moradia de catador Av. Bento Munhoz da Rocha Neto, União da Vitória.



Fonte: Acervo da autora; fotografado em 21/03/2013.

Uma amostragem desta incapacidade está refletida nas condições de moradia, falta de saneamento, esgoto, e infraestrutura mínima para a moradia humana. Entendemos que para enfrentar esta realidade de riscos constantes da própria atividade, e nesta cidade de União da Vitória, o problema das enchentes frequentes, é necessário reunir todos aqueles que passam pelos mesmos problemas, para enfrentar as adversidades na defesa de interesses comuns.

O crescimento espontâneo da cidade de União da Vitória foi marcado e limitado pelo Rio Iguaçu e suas enchentes, locando a população de melhor poder aquisitivo em áreas mais elevadas, e a população de baixa renda foi construindo suas moradias na área que margeia o rio e fica sujeita às enchentes frequentes, por isso desprezada pelo corpo imobiliário local. (BUCH, 2007; CREMA; ESTACHESKI, 2010

Figura 19 - Moradia de catador na área de enchente, 2014. Rua Joaquim César de Oliveira. União da Vitória.



Fonte: Acervo da autora; fotografado em 22/03/2014.

Com essa reflexão buscamos compreender quais são os conceitos que os catadores possuem sobre a sua própria vulnerabilidade (o que é risco de morte para os catadores), e quais são as habilidades que desenvolvem para

suportar as adversidades que enfrentam e construir saídas positivas. Esta realidade encontra reforço e respostas para os problemas na comunidade, onde se desenvolvem ações de enfrentamento diante das dificuldades. Também identificamos que existe uma relação com a crescente globalização da economia que se fortalece na degradação, que atinge centenas de pessoas, principalmente anulando os direitos humanos. Acreditamos que a única forma para inverter esta realidade está na relação entre a comunidade e os catadores, o que constitui uma estratégia importante no enfrentamento das vulnerabilidades sociais vividas.

Conforme pesquisa desenvolvida com apoio nas publicações do Jornal “Comércio” em União da Vitória, registradas no final de 2013 e início de 2015, sobre a implantação do projeto de reciclagem dirigido pela Ecocidade (Órgão municipal responsável pela coleta de lixo), em União da Vitória-PR, ficou demonstrada intenção de absorver a atividade dos catadores procurando contratar parte destes trabalhadores, na Cooperativa Municipal, ignorando àqueles que não se enquadram nas categorias solicitadas. Diante desta dificuldade a comunidade dos catadores insiste na continuidade do trabalho individual, já que não foram contratados pela prefeitura. Para os catadores, trabalhar como autônomo foi a alternativa para continuarem seu trabalho. Por isso as relações comunitárias são chaves para auxiliar os catadores a identificarem por si mesmos os problemas, e a realizarem uma análise crítica sobre a situação em que vivem, buscando soluções no processo de exclusão e/ou inclusão sociais, e possibilitando a construção coletiva sobre sua prática.

PARTE VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O OLHAR DO CATADOR PARA A PAISAGEM (DES)HUMANIZADA DA CIDADE

6.1 QUEM SÃO OS CATADORES?

Este questionamento que fazemos adianta respostas prematuras diariamente no contato visual, que acaba familiarizando a atividade do catador como parte da paisagem (des) humanizada das cidades. Contudo esta familiaridade está distante de um diagnóstico correto sobre a invisibilidade em que se encontram estes trabalhadores; os problemas psicossociais aos quais estão submetidos em sua luta diária pela sobrevivência vividos nesta atividade são propositalmente ignorados, subestimados pela população que, contraditoriamente, considera-os necessários para a higienização e limpeza do ambiente urbano (BOSI, 2008; CASTRO, 2012). Embora os urbanistas preocupem-se com a paisagem organizada e planejada das cidades, em toda sua alocação, jardinagem, ruamento e funcionamento da circulação de pessoas e veículos motorizados, isso não torna a cidade mais humana; ao contrário, o índice de criminalidade e problemas urbanos é manchete dos jornais diariamente. Para proteger-se a população cerca-se de todos os alarmes, seguros, muros, guardiões, policiamento, e outros serviços de segurança. Nesta mesma cidade marcada pelas disparidades sociais, vivem os catadores, que trabalham nas ruas, planejadas e pensadas para as pessoas que vivem com privilégios de padrão de vida de consumo, casas e carros de luxo. Esta é a paisagem transitada pelo catador, diuturnamente, olhar sem desejar; morar, comer, vestir, dirigir, apenas caminhar e recolher o que foi considerado desnecessário, colocado no lixo. As informações sobre a realidade vivida são marcadas pelas adversidades advindas das longas caminhadas de coleta, enfrentando a irregularidade do terreno percorrido, as intempéries climáticas, o esforço para transportar o peso, o contato com elementos nocivos à saúde humana, incluindo objetos cortantes, os riscos no trânsito, o descaso e o desprezo da população de produtores de lixo. (CAVALCANTE; FRANCO, 2007;

CUNHA, 2011).

Figura 20 -Riscos vividos pelos catadores, travessia da Ponte Manuel Ribas União da Vitória-PR.



Fonte: Acervo da autora; fotografado em 18/02/2013.

Contudo, mesmo diante de tantas adversidades, dificuldades e poucas perspectivas de melhora, a despeito de tudo, esses trabalhadores encontram na atividade de catação recursos de sobrevivência. O que se passa então na vida dessas pessoas que catam lixo como sobrevivência ou trabalho alternativo? Seria muito superficial dizer que essa é uma escolha e que ficam satisfeitos com a liberdade que possuem em suas atividades. O catador não fez uma opção por esse trabalho, mas inseriu-se nessa atividade por sobrevivência, condicionado pelas características da urbanização selvagem. As características que desencadearam a urbanização das cidades são elucidadas na Geografia Humana e Econômica, em suas fases de desenvolvimento e sequência ocupacionais evidenciadas nos setores de atividades econômicas apresentados por Santos (2003, 2004, 2008). Existe um movimento migratório no Brasil, que movimenta a população de baixa renda para as periferias das cidades não planejadas em busca de emprego,

oferecendo mão de obra a qualquer preço e submetendo-se a vínculos de trabalhos que ignoram a dignidade humana. Desta maneira o olhar do catador para a paisagem (desumanizada) da cidade é marcado pelas poucas oportunidades de trabalho; é uma exploração do trabalho, tecendo uma malha fiel a realidade sobre os riscos, desafios e dilemas muitas vezes vividos silenciosamente.

6.2 DESAFIOS VIVIDOS

Com propostas de transcender os aspectos visíveis e óbvios sobre o viver do catador, suas lutas, riscos e exclusão social, a pesquisa traz à tona características que se assemelham e se repetem com certa uniformidade, embora os espaços sejam distantes geograficamente; retratam a realidade da pobreza e desemprego no Brasil, que se traduz numa importante discussão sobre as características da profissão de catador como um subemprego, para saciar as necessidades básicas desta população. O envolvimento da família fica pronunciado nas dificuldades em executar o trabalho de coleta juntamente com as atividades complementares à catação; para cumprir o papel de catador envolve-se toda a família, pois com a chegada aos locais de depósito, que muitas vezes também é moradia ou abrigo, outra jornada de trabalho se inicia: a separação e escolha do material retornável; isso delega atividades aos classificadores de lixo, que normalmente são suas famílias, que trabalham sem vínculos e direitos descritos nas leis do trabalho. De um modo geral os desafios permanecem os mesmos ao longo das gerações, assim como o lucro que vai para as recicladoras, o trabalho continua clandestino, com exploração da mão de obra em condições aviltantes de sobrevivência. (CHAVES, 2011; CAVALCANTE; FRANCO, 2007).

A escolaridade poderia contribuir, com uma leitura de mundo diferente sobre oportunidade de trabalho que ofereça segurança para a saúde e valorização pessoal, considerando que a oportunidade para os que não têm escolaridade fica reduzida principalmente ao setor primário de ocupações. Estas oportunidades de trabalho ligado à mão de obra primária, com baixa ou nenhuma escolaridade, vem sendo substituída pelas novas tecnologias paralelamente à urbanização das cidades que receberam um contingente

populacional que não é absorvido pelo mercado de trabalho. Contudo, além da árdua e solitária luta pela sobrevivência na catação de retornáveis, surge na atualidade a indústria do lixo, que disputa a mesma matéria-prima, e que só não invade o espaço do catador por que usufrui da mão de obra barata e sem vínculos, oferecida pelo catador. Dentro disso vamos encontrar mais um elemento que colabora para a construção desta temática, que é o envolvimento dos familiares nesta atividade, que incentiva e barateia a mão de obra dos catadores autônomos. Ainda derivando desta mesma situação está a entrada de mulheres nesta atividade; mulheres que sustentam suas famílias, e que acumulam dupla jornada de trabalho, cuidam dos filhos, da casa, cozinham, lavam e limpam, mas também trabalham como catadoras, nas ruas. Dentro desta perspectiva, poder-se-ia dizer que presenciamos um fenômeno de desmasculinização da profissão do catador, e com isso novos desafios e contradições.

6.3 VIVER COMO ILHAS NAS RUAS

A atitude arredia das pessoas em relação aos catadores isola-os, como se não fizessem parte daquele espaço, verdadeiras ilhas; embora cercados por todos os lados pelo ambiente da cidade, são isolados. Isso leva-nos a questionar que aspecto teria mudado e quais permaneceriam os mesmos na trajetória destes trabalhadores em suas atividades. O trabalho de catação aparece marcado por duas concepções assim caracterizadas: uma delas acontece quando esta atividade de catação é vista como parte de um programa ambiental que beneficia, higieniza e limpa o ambiente da sociedade urbanizada; por outro lado a exclusão social e mesmo expulsão social revela-se no ignorar a presença dos catadores como se fossem “ilhas urbanas”, firmando descaso social com essa população de trabalhadores. Este conflito entre aceitação e repulsão da profissão dos catadores caracteriza-os como necessários à limpeza, mas isolados do convívio social. O nível de segregação para com as mulheres é maior, associadas a algumas capacidades consideradas propícias aos homens nesta atividade, desvalorizando o trabalho feminino, o que acaba discriminando, reforçando preconceitos como estratégia de competição e possíveis negociações que desvalorizam o trabalho das

mulheres, potencializando o isolamento. O efeito de isolamento desencadeia um processo de convivência solitário, um clima de desconfiança, no trabalho e entre os (as) colegas de trabalho que são vistos com desconfiança, muitas vezes até como inimigos, mesmo convivendo com as mesmas dificuldades, problemas, inseguranças e incertezas, esses desajustes de relações acabam prejudicando as possibilidades de cooperação ou de autoestima.

Em um segundo momento derivado desse paradoxo, surge outro desafio relativo ao despreparo, e mesmo à ignorância dos perigos encontrados no lixo, talvez relativo à própria necessidade de sobreviver, que mais parece aliená-los a fazê-los aceitar com conformidade a realidade que vivem.

6.4 QUESTIONAMENTOS INICIAIS DO TEXTO

Na sociedade dos consumidores a atividade do catador é necessária enquanto parte de um mecanismo que exclui seu lixo, sem responsabilidade e compromisso ético com a profissão de quem conduz seus resíduos; ignorando a dimensão psicossocial, que perpassa a rede de relações do catador identificado como lixeiro. Invisíveis, nas cidades são ignorados e subestimados, vistos como ambulantes, ladrões, testemunhos da pobreza enraizada pelas disparidades sociais presentes na sociedade capitalista, em países em desenvolvimento com fortes características de subdesenvolvimento como o Brasil. Imersos neste contexto, quais significados tem para eles sua ação cotidiana, materializada na dinâmica das relações de exclusão?

Com apoio na Psicologia Social Comunitária conforme Freitas (2003, 2005, 2008); e Lane (1981, 2001); numa análise psicossocial, para entender como se processa a identidade dessas pessoas que encontram recursos de sobrevivência nos restos considerados lixo, podemos pensar em duas possibilidades: O primeiro caso: presente nos chamados processos de naturalização da vida cotidiana quando percebemos os fracassos ou dificuldades, identificando os diferentes pontos de deficiência, marcados pela pouca ou nenhuma formação ou mesmo informação sobre os riscos pelos quais passam, como estratégia de sobrevivência, o catador prefere ignorar ou distanciar-se da verdade para suportar o sofrimento cotidiano. No segundo caso o conformismo diante da injustiça, da invisibilidade social, que gera um

silêncio provocado pela vergonha de ter que se submeter a catar lixo para viver, o passar invisível é uma maneira de anestesiar o sofrimento que a realidade lhes traz. Diante desta condição de viver a vida, o fortalecimento de uma rede de relações compartilhada, onde cada um se percebe parte importante de um mesmo grupo numa mesma atividade, pode revelar possibilidades de mudanças através da reunião dos catadores com ações coletivas, articular conexões entre comunidade e educação de forma crítica, balizada pela ética com fundamentos na construção coletiva alicerçada na educação popular, respeitando a história de vida individual e social.

CONCLUSÃO

CATADORES: GUERREIROS SOLITÁRIOS

“Não é possível conhecer o ser humano sem considerá-lo inserido numa sociedade, numa cultura, num momento histórico e em dadas condições políticas e econômicas.”
Silvia Lane.

O que se evidencia é a invisibilidade social e o descaso em que vivem os catadores ignorados em sua dignidade humana manifestada no (des)respeito aos direitos humanos básicos, considerando-se suas necessidades biológicas e sociais. O modo de sobrevivência desses trabalhadores, envolvidos no processo manual da coleta de lixo, em que o próprio catador se faz instrumento de transporte do lixo, gera desvalorização da atividade profissional tanto pela população como pelas empresas. Ao expor-se recolhendo, transportando, separando e vendendo o que é considerado lixo, para sobreviver, levando do meio do resto o que lhes pode ser útil, sujeita-se essa população à humilhação, aos estigmas, preconceitos e exclusão social, o que gera expulsão social e um sentimento de desprezo. Os resíduos são vistos como algo sujo, por isso são afastados do convívio, pois o lixo está associado à doença e ao final do período útil de algo. Conforme observações registradas em diário de campo, tem-se observado a forma de trabalho anônimo, carregado de omissão de direitos, destacando-se um tratamento desumano e humilhante. É assim que diariamente essas pessoas ficam deambulando na busca de lixo que ainda lhes possa ser útil, para utilizar ou vender para atravessadores que o revendem para as recicladoras. Esse trabalho informal e clandestino, sem garantias trabalhistas, retornando embalagens pós-consumo para as indústrias de reciclagem passa pela reinserção dessas embalagens num ciclo produtivo e lucrativo do qual os catadores não fazem parte. Os catadores têm direito a condições de trabalho justas com dignidade e garantia de inclusão social da profissão de catadores que, ao contrário de excluídos, são lutadores que encontram no lixo trabalho e força para sobreviver, e nesse ambiente constroem um espaço para trabalhar com honestidade. Desta forma,

acreditamos que a educação pode fazer a diferença para determinar ou auxiliar a melhoria de acesso ao trabalho, construindo discernimentos para enfrentar as adversidades em que vivem. O fortalecimento das comunidades, consolidado na flexibilidade, criatividade e potencializado pela educação pode capacitar os catadores. Entre os catadores, o que vimos em União da Vitória e confirmamos na literatura sobre o tema é uma aceitação diante da realidade oprimida, revelando processos de aceitação diante da vida cotidiana, trabalhando muito para ganhar quase nada, que conseguem baratear o custo. E para isso envolvem normalmente os familiares, já que entre eles não é necessário pagar pelo serviço. Em contrapartida o manuseio e preparo para venda não significa valorização da mão de obra, considerando que a renda depois será dividida com todos que participaram da empreitada

Figura 21 Vila Coradin, Comunidade do Bairro Rio D' Areia- União da Vitória PR.



Fonte: Jornal Comércio. União da Vitória PR. 05 de dezembro 2014. Edição 5264.

É importante destacar o entendimento desta temática dentro da pesquisa científica, trazendo à tona a emergência de políticas públicas que minimizem as carências dos direitos trabalhistas que são negados para essa população de trabalhadores, tratados como marginais ou andarilhos, sofrendo

estigmas e desprezo pela profissão que exercem. Salientamos a necessidade de revelar, denunciar e elucidar as precárias condições de vida desses catadores, que sobrevivem do que é descartado e em sua maioria trabalham na informalidade, ignorados e apagados do campo de visão, verdadeiras ilhas cercadas pelo descaso social e de políticas públicas, que enaltecem o processo na dimensão ambiental dos recursos naturais vistos com superioridade em relação à vida humana.

Foi observado que os catadores, por afinidade, parentesco ou para se protegerem, residem próximos, formando comunidades onde compartilham e concentram esforços para vencer as adversidades e dificuldades encontradas; mas ao mesmo tempo, observamos as divergências e a competitividade entre eles, que encurtam as poucas oportunidades de compartilhar problemas e acertos, vislumbrando propostas de emancipação social.

Figura 22 - Pólo de separação do material coletado pelo Projeto Ecocidade, cooperados da Coopertrage.União da Vitória. PR.



Fonte: Jornal Comércio. União da Vitória PR. 22 de julho de 2014. Edição 5225.

Identificamos também, através da publicação do jornal “ O Comércio” de União da Vitória o envolvimento do poder público, que nomeou responsáveis

para buscar soluções rápidas para o problema dos catadores na rua. Essas soluções são identificadas nas intervenções que negam a complexidade dos problemas de subsistência destes trabalhadores, optando em proibir o trabalho de catação e relegando os catadores à própria sorte; desta forma o poder público disfarça sua responsabilidade sobre esses serviços.

A pesquisa, acompanhou as publicações semanais, deste jornal investigados durante um ano, dezembro de 2013 à dezembro de 2014, com o propósito de verificar reportagens sobre os catadores locais, verificou-se que as preocupações estão sintonizadas com relação aos problemas ambientais referentes a poluição de lixo nas ruas, no rio Iguaçu, em terrenos baldios, na Cooperativa e suas atividades, encontrando apenas um registro sobre os catadores.

A criação da cooperativa de triagem e compostagem como uma proposta salvadora, divulgada pelas vantagens dos vínculos de trabalho, mas as condições de trabalho continuam ineficientes e deficitárias, os braços mecanizados que trabalham na esteira separando o lixo são humanos; o fato de trabalhar na cooperativa não os livra dos riscos do contato direto com o lixo.

O problema do funcionamento da coleta urbana do lixo domiciliar também é vivido em outras cidades brasileiras e fora de nossas fronteiras, de forma que as experiências podem ser compartilhadas, somando resultados positivos. Diante deste contexto marcado por contradições e desigualdades sociais os catadores situam-se entre o resto considerado inútil e o mercado promissor da reutilização do material reciclável que obtém lucros que não são compartilhados com o catador. Desta forma os catadores, verdadeiros guerreiros solitários por sua sobrevivência, sem apoio e sem perspectiva de futuro, seguem uma jornada sem fim que se inicia todos os dias. Há necessidade de uma reeducação com o propósito de fazê-los identificar novos horizontes para tirá-los da condição de submissão, neste processo silencioso da condição de oprimidos amarrados pela luta da sobrevivência de suas famílias, e desta forma engajá-los em esforços coletivos, considerando as semelhanças de realidades entre os catadores na grande realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H. TECNOLOGIAS SOCIAIS E SISTEMAS LOCAIS DE POLUIÇÃO. **Revista Tecnologias sociais e sistemas locais de poluição**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 117-138, jan./jun. 2006
- AMATUCCI, M.; AVRICHIR, I. Teorias de negócios internacionais e a entrada de multinacionais no Brasil de 1950 a 2007. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 10, n. 28. São Paulo: julho /setembro de 2008, p. 234 – 248.
- AMODIO, E. A **Globalização**: formas, consequências e desafios. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- ANJOS, L. A. dos; FERREIRA, J. A. A Avaliação da carga fisiológica de trabalho na legislação brasileira deve ser revista! O caso da coleta de lixo domiciliar no RJ. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 16, n. 3. Rio de Janeiro: jul./set. 2000, p. 785 – 790.
- ATLAS. Estado de Santa Catarina. **O Contestado**. Florianópolis: IOESC – Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002. 158p. (Imagens, fotos e documentos).
- BARBOZA, D. Psicologia e relações de gênero: A constituição do sujeito excluído catador de material reciclável e a construção da sua cidadania. In: PLONER, KS., et al., org. **Ética e paradigmas na psicologia social [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 273-286. ISBN: 978-85-99662-85-4.
- BAEDER, A. M. **Educação ambiental e mobilização social**: formação de catadores na Grande São Paulo. Tese de Doutorado em Educação. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2009.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BOSI, A. de P. A organização capitalista do trabalho “informal”: o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, junho/2008, p. 101 – 117.
- BRASIL. **Diagnóstico do manejo de resíduos sólidos urbanos – 2004**.

Programa de Modernização do Setor Saneamento. Disponível em:
<<http://www.snis.gov.br/>> Acesso em: 22 nov. 2012.

_____. **Lei n. 12.305, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos.** 2 ago. 2010.

BUCH, H. E. R. **Matas ciliares e degradação da paisagem da área lindeira do médio Iguaçu:** subsídios para educação ambiental. Dissertação de Mestrado em Geografia. Curitiba: UFPR, 2007.

CAPRA, F. **As conexões ocultas:** ciência para uma vida sustentável. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 4. ed. São Paulo: Cultrix. 2005.

CARMO, S. A semântica do lixo e o desenvolvimento socioeconômico dos catadores e recicláveis: considerações sobre um estudo de caso múltiplo em cooperativas na cidade do Rio de Janeiro. **Cadernos EBAPE.BR**, v.7, n. 4. Rio de Janeiro, dez. 2009, p.591 - 606.

CASTRO, E. A. S. de. Segregação socioespacial, constituição do sujeito e significação do cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, abr. 2012 . p. 75-83.

CASTRO, J. de. **Geografia da fome:** o dilema brasileiro: pão ou aço 1908-1973. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

CAVALCANTE S.; FRANCO, A.F.M. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza. v.7, n.1, p.211-231, mar. 2007.

CHAVES,P. F.**Famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos na perspectiva da Educação Ambiental:** condições de risco e processos de resiliência. Mestrado em Educação, 2011.

CYNAMON. S. E.; MONTEIRO C. do N. T. Solução para remoção de lixo nas favelas: um projeto de estudo. **Caderno Saúde Pública**, v.1, n.1. Rio de Janeiro, jan- março. 1985 p.35- 40.

CREMA,E.; ESTACHESKI,D. (org) **Catadores da Margem esquerda coleta sobrevivência e identidade no Médio Iguaçu no início do século XXI.** Coleção Vale do Iguaçu. União da Vitória: kayguangue, 2010

CUNHA, M. R. R. L. da. Lixo, identidade e trabalho: a construção da identidade dos catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 14, n. 1, jan./jun. 2011 p. 53-61.

DALL'AGNOL, C. M.; FERNANDES, F. dos S. Saúde e autocuidado entre catadores de lixo: vivências no trabalho em uma cooperativa de lixo reciclável. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 15, número especial, set./out. 2007, p. 729 - 35.

FAGUNDES, J.; RIBAS, J.O. **Monografia de Porto União: Hermínio Millis**. União da Vitória: Kaygange, 2002.

FEITOSA, R. A. **Cuidado e sustentação da vida: A interfase da educação popular no cotidiano de mulheres recicladoras**. Tese em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.

FERRAZ, L.; GOMES, M. H. de A. Uma existência precarizada: o cuidado da prole no trabalho de catação de material reciclável. **Revista Sociedade e Estado**, v. 27, n. 3, set./dez. 2012. P. 662-678.

FERRON, M. M.; LIMA, A K. de.; SALDIVA, P. H. N.; GOUVEIA, N. Intoxicação ambiental por chumbo em crianças de Porto Alegre. **Saúde Pública**, v. 46, n. 2, set./dez. 2012, p. 226 - 33.

FRAGA, N. C. **Vale da morte: o contestado visto e sentido "entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná"**. Blumenau: Ed. Hemisfério Sul, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, M. de F. Q. de. Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária: práticas da psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In: CAMPOS, R. H. de (Org.). **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, RJ:

Vozes, 1994, p. 54 – 80.

_____. Contribuições da psicologia social e psicologia política ao desenvolvimento da psicologia social comunitária: os paradigmas de Silvia Lane, Ignácio Martin-Baró e Maritza Montero. **Psicologia & Sociedade**/ABRAPSO, v. 8, n. 1, 1996, p. 63-82.

_____. Prácticas em comunidad y psicologia comunitária. In: MONTERO, M. (Org.). **Psicologia social comunitária: teoria, método y experiencia**. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2002, p. 13 – 166.

_____. Docência, vida cotidiana e mundo contemporâneo: que identidades e que estratégias de sobrevivência psicossocial estão sendo construídas? **Educar em Revista**, ed. especial. Curitiba: UFPR, 2003, p. 137 – 150.

_____. (In)coerências entre práticas psicossociais em comunidade e projetos de transformação social: aproximações entre psicologias sociais da libertação e comunitária. **Psico**, v. 36, n. 1. Porto Alegre: PUCRS, 2005, p.47 - 54.

_____. Estratégias de ação comunitária e mudança social: relações da vida cotidiana e dos processos de participação. In: DIMENSTAIN, M. (Org.). **Psicologia social comunitária: aportes teóricos e metodológicos**. GT. Psicologia Comunitária/ANPEPP. Natal: EduFRN, 2008, p. 23 – 42.

_____. Projetos sociais comunitários: o que as publicações da ABEM têm revelado? In: SOUZA, J.; KLEBER, M.; NASCIMENTO, D. A.; FREITAS, M. F. Q.; WEILAND, R. L.; MACIEL, V. M. **Música, educação e projetos sociais**. Porto Alegre: Tomo, 2014.

FURTADO, J. **Ilha das Flores**. Documentário de Jorge Furtado disponível na You Tube TV: <http://yttv.blogspot.com>. Casa de Cinema de Porto Alegre, 1989. Duração: 7:08 min. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Zfo4Uyf5sgg>>. Acesso em: 05 abr. 2013.

GASPARI, L. T. **No tempo dos trens nas Gêmeas do Iguaçu: uma viagem ao passado**. União da Vitória: Kaygangue, 2011.

GAZZINELLI, M. F.; LOPES, A.; PEREIRA, W.; GAZZINELLI, A. Educação e participação dos atores sociais no desenvolvimento de modelo de gestão do lixo em zona rural em Minas Gerais. **Educação & Sociedade**, ano XXII, n. 74, 2001, p. 225 – 241.

GONÇALVES, R. S. **Catadores de materiais recicláveis: estudo de suas trajetórias de vida, trabalho e saúde.** Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2004.

GONÇALVES, R. C. M. **A voz dos catadores de lixo em sua luta pela sobrevivência.** CEARÁ. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade Universidade Estadual do Ceará. FORTALEZA . 2005.

GUIMARÃES, M. J. B.; MARQUES, N. M.; MELO FILHO, D. A.; SZWARCOWALD, C. L. Condição de vida e mortalidade infantil: diferenciais intra-urbanos no Recife, Pernambuco, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v.19, n.5. Rio de Janeiro, out. 2003, p. 1413 – 1424.

HISATUGO, Erika. MARÇAL, Oswaldo. Coleta seletiva e reciclagem como instrumentos para conservação ambiental: um estudo de caso em Uberlândia, MG. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 19, n.2 dez. 2007. p.205-216

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saneamento básico** – 2008. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Os que sobrevivem do lixo.** v.10, n.77, 7 out. 10/2013

JACOBI, P. R.; BESEN, G. R. **Gestão de resíduos sólidos em São Paulo: desafios da sustentabilidade.** **Engenharia Sanitária Ambiental.** v. 25, n. 71, abr. 2012 ou 2011. p.135 - 158

JUNCA, D. C. M. **Mais que sobras e sobranes: vida e trabalho no lixo.** Tese (Doutorado em Saúde Pública). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2004.

KIRCHNER, R. M.; SAIDELLES, A. P. F.; STUMM E. M. F. Percepções e perfil dos catadores de materiais recicláveis de uma cidade do RS. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. • G&DR •** v. 5, n. 3, set-dez/, Taubaté, SP, Brasil. 2009. p. 221-232

LANGE, F. L. P. **O Iguaçu : um caminho pelo rio.** Curitiba: Juruá, 2005.

LANE, S. T. M. **O que é psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. A psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. **Psicologia social: o homem em movimento**. 13. Ed. 3. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 10 – 19.

LAPORTE, L.F. **Ambientes antigos de sedimentação**. Editora Edgard Bluger Ltda. São Paulo, 1996.

LAZZARI, M. A.; REIS, C. B. Os coletores de lixo urbano no município de Dourados (MS) e sua percepção sobre os riscos biológicos em seus processos de trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 8, 2011, p. 3437-3442.

LAZIER, H. **Origem de Porto União**. Coleção Vale do Iguaçu, 51. União da Vitória-PR: FAFI/ Prefeitura Municipal de Porto União - SC, 1985.

LEONE, E. T.; MAIA, A. G.; BALTAR, P. E. Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. **Economia e Sociedade**, v. 19, n. 1. Campinas, 2010.

MABUCHI, A. S.; OLIVEIRA, D. F.; LIMA, M. P.; CONCEIÇÃO, M. B.; FERNANDES, H. O uso de bebidas alcoólicas por trabalhadores de serviço de coleta de lixo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 15, n. 3, mai./jun. 2007, p. 446 - 52.

MACIEL, R. H.; MATOS, T. G. R.; BORSOI, I. C. F.; MENDES, ^a B. C.; SIEBRA, P. T.; MOTA, C. A. Precariedade do trabalho e da vida de catadores de recicláveis em Fortaleza, CE. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, v.63, n. especial, 2011. p.1-104.

_____; _____. MAIA, L. M. Catadores de material reciclável e identidade social: uma visão a partir da pertença grupal. **Interação Psicologia**, v. 16, n. 2. Curitiba, jul./dez. 2012, p. 239 – 247.

MAGALHÃES. B. J. **Liminaridade e exclusão**: os catadores de materiais recicláveis e suas relações com a sociedade brasileira. Universidade Federal de Minas Gerais. Mestrado em Antropologia. Belo Horizonte. 2012.

MEDEIROS, L. F. R.; MACEDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia & Sociedade**, v. 18, 2006, p. 62-71.

_____. Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 3, 2007a.

MEDINA, M. **The world's scavenger**: salvaging for sustainable consumption and production. Reino Unido: Altamira Press, 2007b. p. 72-94.

MELO, J. C. **Porto União da Vitória**: um rio em minha vida. União da Vitória, PR: FACE, 2001.

MELO, M.F.A.Q.; SILVA, M.A.; ALBUQUERQUE, E.P.T.; RAMOS, L.T.M.; GONÇALVES, D.E.S.; OLIVEIRA, M.H.; MIRANDA, G.C. Sucata vira brinquedo: Tradução a partir de restos **Psicologia & Sociedade**; v.2, 2007 p. 114-121.

MINAYO, M. C. S.; (Org). DESLANDES, S.F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis:30 ed. Ed. Vozes, 2011.

MIURA, P. O. **Tornar-se catador**: uma análise psicossocial. Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo: PUC, 2004.

_____; SAWAIA, B. B. Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, 2011 ou 2013, p. 331- 341.

MNCR - MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS. **O que é o Movimento?** Disponível em:< http://www.mnrc.org.br/box_1/o-que-e-o-movimento>. Acessado em: 23 jun. 2014.

MONTERO, M. **Introducción a la Psicología Comunitaria**: desarrollo, conceptos y procesos. Buenos Aires: Paidós, 2004 .In: OLIVEIRA, F. P.; XIMENES, V. M.; COELHO, J. P. L.; SILVA, K. S. Psicologia comunitária e educação libertadora. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 10, n. 2, 2008, p. 147-161.

MORAES, M. S.; SIQUEIRA. M. M. Saúde Coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n.2, 2007. p.2115-2122

NUNES.Fernanda. **O significado do trabalho para agentes de Limpeza e coletores de Aracaju SE**.Universidade Federal de Sergipe. Dissertação em Psicologia Social .São Cristóvão. Sergipe. 2012

OLIVEIRA, N. A. **A percepção dos resíduos sólidos (lixo) de origem domiciliar, no bairro Cajuru -Curitiba-PR: um olhar reflexivo a partir da educação ambiental.**UFPR. Mestrado em Geografia.2006.

PAIXÃO, L. P. Significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 124, jan./abr. 2005, p. 141-170.

_____. Catadoras de dignidade: assimetrias e tensões em pesquisa no lixão. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M.P. de; VILELA, R.A.T. (orgs.) **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 265-286.

PEREIRA E. R; COSTA, R. M.; SILVA,A.; MELLO F. P. de, OLIVEIRA D. C. de, SILVA M. A.. Representações sociais dos catadores de um aterro sanitário: o convívio com o lixo.**Psicologia: teoria e prática**, v. 14, n. 3, 2012,p. 34-47.

PEREIRA, Maria Cecília Gomes; TEIXEIRA Marco Antonio. A inclusão de catadores em programas de coleta seletiva: da agenda local à nacional. **Cad. EBAPE.BR**, v. 9, nº 3, artigo 10, Rio de Janeiro, Set. 2011.p.895-913.

PIAZZA, W. **Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina – IHGSC**. Florianópolis: Governo do Estado, 2002.

PORTO, M. F. de S.; JUNCÁ, D. C. de M.; GONÇALVES, R. de S.; FILHOTE, M. I. de F. Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 20, n. 6, 2004, p. 1503 - 1514.

RÊGO, C. F. R de; BARRETO, M.; KILLINGER, L. C. O que é lixo afinal? Como pensam mulheres residentes na periferia de um grande centro urbano. **Cad. Saúde Pública**, v. 18, n. 6, 2002, p. 1583 -1592.

RIESEMBERG, A. **A instalação humana no Vale do Iguaçu**. União da Vitória, PR: Do autor, 1989.

ROZMAN, M. A.; ALVES, I. S.; PORTO, M. A.; GOMES,P. O. ; RIBEIRO, N. M.; NOGUEIRA, L. A. A.; CASEIRO, M. M.; SILVA, V. A. da; MASSAD, E. ; BURATTINI, M. N. Infecção por HIV e comportamentos de risco relacionados em coletores de lixo de Santos, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 42, n. 5, 2008, p. 43 - 838

_____; AZEVEDO, C. H.; JESUS, R. R. C. de; MOLDERO FILHO, R.; PEREZ JUNIOR, V. Anemia em catadores de material reciclável que utilizam carrinho de propulsão humana no município de Santos. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 13, n. 2, 2010, p. 1-10.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. Em colaboração com Denise Elias. 6. ed. São Paulo: Ed. Edusp, 2008.

_____. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, G. O.; SILVA, L. F. F. da. Os significados do lixo para catadores e garis de Fortaleza. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 8, 2011, p. 3413 - 3419.

SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: Autores Associados, 1996.

SACHET, S. **Santa Catarina: 100 anos de história: do povoamento à guerra do contestado**. Florianópolis: Século Catarinense, 1997.

SEC-CORPRERI - Sociedade de Estudos Contemporâneos – Comissão Regional **Permanente de Prevenção Contra Enchente do Rio Iguaçu criada em julho de 1983**. (arquivos sobre; as enchentes do Rio Iguaçu).

SEVERO, R. G. **Catadores de materiais recicláveis da cidade de Pelotas: situações de trabalho**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2008.

SILVA, A. D. da; PINHEIRO, E. da S. A problemática dos resíduos sólidos urbanos em Tefé na Amazonas. **Sociedade & Natureza**, v. 22, n. 2. Uberlândia, ago. 2010, p. 297 – 312.

SILVA, J. J. C. da. **Apontamentos históricos de União da Vitória: 1768 – 1933**. União da Vitória, PR: Do autor, 1933.

SILVA, F.F.; RIBEIRO, P.R.C. Governo dos corpos Feminino entre as catadoras de lixo: (re) pensando algumas implicações da **Educação e Saúde**. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(2): maio-agosto 2008.p. 557 – 580.

SILVA, Marcelo Cozzensada. **Trabalho e saúde dos catadores de materiais recicláveis em uma cidade do sul do Brasil**. Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Medicina Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia. Tese de Doutorado. Pelotas. 2006.

SIQUEIRA, M. M.; MORAES, M. S. de. Saúde coletiva e os resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 6, 2009, p. 2115 - 2122.

SOUSA, Cleide.M.; MENDES, Ana M. *Viverdo lixo ou no lixo? A relação entre saúde e trabalho na ocupação de catadores de material reciclável cooperativos no Distrito Federal com estudo exploratório*. **Ciência & Saúde Coletiva**.v.6n.2 julho- dezembro 2006.p.13- 42

SOUSA, Maria C. A **Dinâmica prazer-sofrimento na ocupação de catadores de material reciclável estudo com cooperativas do D. F.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília. Brasília. 2007.

SMEPU-Secretaria Municipal de Educação de Porto União. **Conhecendo Porto União: cidade amiga**. Porto União: Unigraf, 2004.

SOSNISKI, Cristina. **Representando Fronteiras entre o lixo e o corpo**. Estudo etnográfico sobre o cotidiano de recicladores, catadores e carroceiros na Iha Grande dos Marinheiros Mestrado em Antropologia social. Universidade Federal do Rio grande do Sul. 2006.

TAVARES, I A. Faria. **Do lixo à reciclagem: Uma visão sobre o trabalho dos catadores no Município de Divinópolis**. Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. Mestrado em Educação, Cultura e Organizações Sociais. 2009.

TONON, Eloy. **Os Monges do Contestado: permanências e histórias de longa duração das predições e rituais no imaginário coletivo**. Universidade Fluminense. Doutorado em História. Niterói 2008.

THOMÉ, N. **Sangue, suor e lágrimas no chão do contestado**. Caçador: INCON/ UNC, 1992.

_____. **Trem de ferro: a ferrovia do Contestado**. Caçador-SC: Imprensa Universal, 1979

TUCCI, C. E. M; VILLANUEVA, A. **Controle de enchentes das cidades de União da Vitória e Porto União**. União da Vitória: CORPRERI, 1997.

VASCONELOS, R. C.; LIMA, F. P. A.; CAMAROTTO, J. A.; ABREU, A. C. M. da S.; COUTINHO FILHO, A. O. S. Aspectos de complexidade do trabalho de coletores de lixo domiciliar: a gestão da variabilidade do trabalho na rua. **Gestão & Produção**, v.5, n.2. São Carlos, mai./ago. 2008, p. 407- 419.

VELLOSO, M. P. Os catadores de lixo e o processo de emancipação social. **Ciência& Saúde Coletiva**,v. 10, 2005, p. 49 – 61.

_____. Os restos na história: percepções sobre resíduos. **Ciência& Saúde Coletiva**, v. 13, n. 6, 2008, p. 1953-1954.

_____; SANTOS, E. M. dos; ANJOS, L. A. do. Processo de trabalho e acidentes de trabalho em coletores de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 13, n. 4, 1997, p. 693 – 700.

**APÊNDICE 1 - PANORAMA DA PESQUISA INVESTIGADA NO JORNAL
COMÉRCIO EM UNIÃO DA VITÓRIA, PR**

PESQUISA INVESTIGADA NO JORNAL O COMÉRCIO DE UNIÃO DA VITÓRIA			
TÍTULO DO ARTIGO	JORNALISTA RESPONSÁVEL	COLAÇÃO	ASSUNTO
Sujeira na separação de material reciclável incomoda moradores: processo ocupa boa parte da única rua do loteamento. Mau cheiro, insetos e possibilidade de doenças preocupam	Mariana Honesko	2014 3 dez. v.84 n.5262	Sujeira na separação de material reciclável
Projeção é para reciclagem de 250 toneladas por mês: Coopertrage inicia gestão da coleta seletiva na segunda-feira e garante cobertura do centro e de todos os bairros de União da Vitória	Mariana Honesko	4 de Outubro de 2014 • Ano 84 • Edição 5220	Coleta seletiva
Para deixar o cenário ainda mais bonito Parque Caminhos do Iguaçu deve investir mais de R\$ 6 milhões do rio. Primeira etapa pode ser concluída ainda neste ano	Mariana Honesko	05 de Abril de 2014 • Ano 83 • Edição 5097	Parque Caminhos do Iguaçu
Protótipo não deslança em Porto União Aprovação do incinerador de lixo depende de ajustes, mas Fatma desconhece fundamentação para sequência	Mariana Honesko	5 de Agosto de 2014 • Ano 84 • Edição 5176	Incinerador de lixo
Moradores tem até janeiro para encerrar atividades de reciclagem: decisão é aceita com resistência mas deve resolver problemas de sujeira, insetos e mau cheiro na comunidade do Bairro Rio D'Areia	Mariana Honesko	5 de Dezembro de 2014 • Ano 84 • Edição 5264	Sujeira na separação de material reciclável
Coleta seletiva com fins sustentáveis será ampliada:	Mariana Honesko	6 de Setembro	Coleta seletiva

Êxito conquistado em São Cristóvão deve ser replicado no centro e nos demais bairros da cidade. Fase 2 começa em outubro de 2014.		de 2014 • Ano 84 • Edição 5200	
Incinerador de lixo é testado Equipamento foi instalado na Área Industrial de Porto União e está em fase experimental	Mariana Honesko	9 de Maio de 2014 • Ano 83 • Edição 5119	Incinerador de lixo
Sobe percentual de participação na coleta seletiva: Volume de sacos laranja na triagem da Coopertrage revela adesão da comunidade do centro e dos bairros então descobertos pelo serviço	Mariana Honesko	11 de Outubro de 2014 • Ano 84 • Edição 5225	Coleta seletiva
Encontrada larva do mosquito da Dengue em União da Vitória Divisa entre os bairros São Basílio Magno e Rocio serão monitorados nos próximos dias. Larva do mosquito estava em um ponto de reciclagem	Mariana Honesko	11 de Outubro de 2014 • Ano 84 • Edição 5225	Dengue e reciclagem
Segunda fase do EcoCidade é apresentada à comunidade Projeto era praticado apenas em São Cristóvão. Secretário garante, quer cobrir 100% do município	Mariana Honesko	13 de Setembro de 2014 • Ano 84 • Edição 5205	Projeto EcoCidade
População revive as dores da enchente Rio Iguaçu sufoca moradores das Cidades Irmãs. Chuva em excesso prejudica estradas, interdita pontes e compromete funcionamento dos serviços essenciais. Enchente é a quarta maior da história	Mariana Honesko	14 de Junho de 2014 • Ano 83 • Edição 5141	Enchente
Urbanização e o meio ambiente!	Osni Schroh	20 de Maio de 2014 • Ano 83 • Edição 5126	Urbanização e meio ambiente
Eco Cidade pretende tirar catadores da exclusão:	Jair Piloto Nunes	20 de Dezembro	Projeto EcoCidade

Programa social e ecológico é o mais ambicioso da atual administração e objetiva tirar catadores da miséria		de 2013 • Ano 83 • Edição 5027	
Distribuição de sacolas é suspensa em São Cristóvão: Ação foi mantida por seis meses como orientação do sistema de coleta seletiva de lixo	Mariana Honesko	22 de Julho de 2014 • Ano 84 • Edição 5166	Coleta seletiva
Falta de separação antecipa fim dos aterros sanitários: De toda a produção de lixo nas Cidades Irmãs, pequena parte é reciclada. Maioria dos resíduos poderia ter destino diferente	Mariana Honesko	23 de Novembro de 2013 • Ano 83 • Edição 5008	Aterro sanitário
Prefeitura e Defesa Civil devem acertar doação terreno para ribeirinhos Prefeito disponibilizou terreno no Bairro São Gabriel para programa social de moradia a custo zero	Jair Piloto Nunes	24 de Julho de 2014 • Ano 84 • Edição 5168	Doação de terrenos a ribeirinhos
Mais de duas toneladas de lixo já saíram daqui: Projeto "Rio Limpo" tem a limpeza do Iguaçu como foco às ações de conscientização ambiental. Terceira edição acontece hoje	Mariana Honesko	26 de Abril de 2014 • Ano 83 • Edição 5111	Projeto Rio Limpo
Estados de Calamidade Pública e de Emergência são reconhecidos pelo Governo Federal Decretos foram publicados no Diário Oficial da União e valem por 180 dias. Cidades Irmãs ainda sofrem com as consequências da cheia do Rio Iguaçu	Mariana Honesko	27 de Junho de 2014 • Ano 84 • Edição 5149	Enchentes
Modelo de União da Vitória é apresentado como referência Prestes a completar um ano, projeto Ecocidade é reconhecido como modelo de	Mariana Honesko	27 de Novembro de 2014 • Ano 84 • Edição	Projeto Ecocidade

sustentabilidade. No município, trabalho depende da parceria com a comunidade		5258	
Mais de 1,6 tonelada de lixo é retirada do Iguaçu: Resultados do projeto Rio Limpo superam edições anteriores, mas revela perfil pouco consciente dos moradores	Mariana Honesko	29 de Abril de 2014 • Ano 83 • Edição 5112	Projeto Rio Limpo
Apenas aterros sanitários vão sobreviver Plano Nacional dos Resíduos Sólidos exige fim de depósito de resíduos em lixões até sábado	Mariana Honesko	31 de Julho de 2014 • Ano 84 • Edição 5173	
Ideia de comerciante estimula defesa dos animais: Objetivo é desestimular veículos com tração animal na coleta do material reciclável	Mariana Honesko	Sábado, 12 de Janeiro de 2013 • Ano 82 • Edição 4789	Coleta de material reciclável

Fonte: desenvolvido pela autora (2015).